

referencial
teórico

centro
cultural
25 de outubro

projeto final de graduação (fau-unb)
matheus maramaldo andrade silva (10/0017916)

orientador: prof. jaimé gonçalves de almeida (fau-unb)
coorientação: prof. aleixo furtado (fau-unb)
prof. antônio c. c. carpintero (fau-unb)

colaboração: profa. andrea considera (fci-unb)
prof. emerson dionísio gomes de oliveira (ida-unb)
prof. márcio augusto roma buzar (fau-unb)
prof. ivan do valle (fau-unb)

banca examinadora: prof. aleixo furtado (fau-unb)
prof. antônio c. c. carpintero (fau-unb)
prof. jaimé gonçalves de almeida (fau-unb)
profa. maria fernanda derntl (fau-unb)
arquiteto convidado — iab-df

referencial teórico

trabalho final de graduação, 2/2014, fau/unb

matheus maramaldo andrade silva (10/0017916)

orientador: jaimé golçalves de almeida

**centro
cultural
25 de outubro**

Maramaldo Andrade Silva, Matheus, 1991

Referencial teórico - Centro Cultural 25 de Outubro/ Matheus Maramaldo Andrade Silva –
10/0017916/

DIPLO 2/FAU - UnB – Brasília, 2º semestre de 2014.

1. Arquitetura, Urbanismo

Diagramação: Matheus Maramaldo Andrade Silva

Arte da capa: Matheus Maramaldo Andrade Silva (org.)

Fonte Imagem: <http://minutoligado.com.br/wp-content/uploads/2014/04/movimento-diretas-j%C3%A1.jpg>

Ilustrações: Matheus Maramaldo Andrade Silva

Orientação: Prof. Jaime Gonçalves de Almeida (FAU-UnB)

Coorientação e/ou Banca de Avaliação:

Profa. Andrea Considera (FCI-UnB)

Prof. Antônio C. C. Carpintero (FAU-UnB)

Prof. Aleixo Furtado (FAU-UnB)

Prof. Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (IdA-UnB)

Profa. Maria Fernanda Derntl (FAU-UnB)

Arquiteto Convidado – IAB-DF

Impressão: Copiadora Planalto (CLN 407 BL B - loja 37, Brasília, DF, CEP: 70855-520)

“Seremos nós os primeiros bolcheviques
ou os últimos narodniks?”
Cid Benjamim

Agradecimentos

A Deus por ter concedido saúde e espírito para encarar toda esta, e tantas outras, empreitadas;

Aos meus pais, Maria Arlete e Eurisvaldo, por todo o amor e apoio, durante os dias de trabalho e durante toda a jornada da vida;

A Jéssica e sua família, pelo felicidade, carinho e apoio que me proporcionaram e continuam a proporcionar;

Ao meu orientador, Prof. Jaime G. Almeida, grande pessoa com uma bagagem imensa, que me ajudou desde a metodologia até contando a sua própria experiência do período;

A todos os coorientadores, Professores Emerson Dionísio, Andrea Considera, Ivan do Valle, Márcio Buzar, como aos membros perseverantes da banca, professores Antônio C. Carpintero e Aleixo Furtado, por terem aceitado a participar e a criticar o meu trabalho, sendo possível evoluir muito mais;

Aos dois novos membros da banca, Profa. Maria Fernanda e ao Arquiteto Convidado pelo IAB-DF, como aos convidados, chamados por mim com todo carinho;

A todos os que vieram para ver esta banca, meus convidados ou não, e a todos que contribuíram, de forma direta ou não, com este trabalho, seja com apoio, amizade ou crítica.



sumário

apresentação	11
índice de imagens	15
introdução	21
os museus na história	25
as ditaduras do século xx no brasil.....	35
estudos de caso	63
outras referências projetuais	79
considerações do sítio	87
indicação de projeto museológico.....	101
programa arquitetônico	113
intenções projetuais.....	119
evolução	127
plano conceitual.....	131
vista geral	135



apresentação

Olá, Leitores,

Centro Cultural 25 de Outubro...

Um bom título, não acham? Mas o quão espantados estão ao lê-lo? Pouco? Então acham fraca a temática que lhe apresento? Ou muito? Talvez eu seja mais uma pessoa que queria fazer um centro cultural.

Seja grave ou tênue a recepção ao que aqui proponho, digo que farei com todo o empenho. Não que em outra coisa eu não fizesse, mas quero frisar que este trabalho possui algo de diferente, senhores.

O mundo, este que nos cerca, sempre foi hostil, nada é conquistado sem algum tipo de luta, mas o que realmente me abisma é o que se faz com o racionalismo débil: fatos irreconhecíveis, chegando por vezes a escatologia.

É interessante pensar que este mundo dito “racional” o qual falamos já girou somente entorno de duas letras: A e B, “incompatíveis” segundo as legendas, tendo que A preservar seus alunos do pensamento de B, que poderia ainda aliciar C e D. Claro que estou falando da polaridade EUA e URSS.

A e B... ah, é brincadeira pensar como alguém pode perseguir outro por ideologia, agredir o outro por pensar diferente ou querer a liberdade. Quantas guerras se passaram, sejam declaradas ou não, por se refletir sobre a vida?

Senhores, este é o motivo pelo qual estou divagando neste momento. A vida no Brasil já teve um cotidiano creditado por A e B e o que lhe apresento aqui não é um simples caminhar de um museu, é um projeto de um edifício manifesto, uma decodificação que traz paz não só a mim, mas aos clementes por justiça e história desses períodos de “chanchada”.

Ok, ok, não participei de nenhum movimento estudantil, não sou judeu e meu pensamento comunista está bem alienado se comparado aos camaradas que se dizem marxistas, trotskistas ou anarquistas. Mas não posso querer mais?

Estamos completando 50 anos do início de nossa segunda ditadura. Temos que refletir sobre o que vem acontecendo e quais lições queremos reportar de uma época negra... maculada de branco e que se amalgamava parecendo cinza.

Tivemos dois períodos sangrentos com estampas das mais agradáveis e até hoje não saímos dos livros da história para um prédio aguerrido de significação. É chegado o momento.

Deixemos nossas hostilidades nas conversas de bar, entre um gole ou outro de cerveja, chope e guaraná e posicionemos a primeira fiada. O que vem agora deve ser o caminhar vermelho para no final se limpar no tapete azul.

Um projeto de um museu.

Matheus Maramaldo, 2014



índice de imagens

Figura 01 – Gravura do Livro Vidas Secas, por Aldemir Martins, 1938 (fonte: http://homoliteratus.com/)	23
Figura 02 – Graúna, célebre contestador nas tirinhas de Henfil na época da ditadura militar (fonte: http://xeque-mate-noticias.blogspot.com.br/).....	24
Figura 03 – Oráculo de Delfos, Grécia (anterior ao séc. VIII a.c.) (fonte: http://liceu- aristotelico.blogspot.com.br/).....	27
Figura 04 – Museu do Futebol, São Paulo (arq. Mauro Munhoz, 2008) (fonte: http://globoesporte.globo.com/).....	28
Figura 05 – Templo de Ísis, Egito (entre os sécs. I e IV a.c.) (fonte: http://deiatatu.wordpress.com/)	29
Figura 06 – Biblioteca de Alexandria, Egito (séc. III a.c.) (fonte: http://3.bp.blogspot.com/)	30
Figura 07 – Castelo de Almourol, Portugal (séc. XII) (fonte: http://static.panoramio.com/).....	30
Figura 08 – Palácio Uffizi, Florença, Itália (arq. Vasari, 1580) (fonte: http://d113luowul8a0f.cloudfront.net/)	31
Figura 09 – Museu do Louvre, Paris, França (fundação em 1190, com várias adaptações depois) (fonte: http://1.bp.blogspot.com/)	31
Figura 10 – Museu Guggenheim, Nova Iorque, Estados Unidos (arq. Frank Lloyd Wright, 1959) (fonte: http://www.bc.edu/)	31
Figura 11 – Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha (arq. Frank Gehry, 1997) (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	32
Figura 12 – Museu de Arte Contemporânea, Niterói, Brasil (arq. Oscar Niemayer, 1996) (fonte: http://www.tintafresca.net/).....	32
Figura 13 – Museu a céu aberto Inhotim, Brumadinho, Brasil (vários autores, inaugurado em 2006) (fonte: autor)	32
Figura 14 – Oceanográfico, Valência, Espanha (arq. Félix Candela, 2003) (fonte: http://www.viveraviagem.com/)	33
Figura 15 – Mussolini em discurso (décadas de 20 e 30 do século XX) (fonte: http://upload.wikimedia.org/).....	38
Figura 16 – Charge (fonte: http://levante.org.br/)	40
Figura 17 – Revolucionários de 30, incluindo Getúlio Vargas (fonte: http://www.artehistoriadobrasil.com.br/).....	41
Figura 18 – Jornal A MANHÃ, comentando a Intentona Comunista (novembro de 1935) (fonte: http://grabois.org.br/).....	42
Figura 19 – A nova constituição de 37 (fonte: http://www.jblog.com.br/).....	43
Figura 20 – Prisão de Luis Carlos Prestes, 1936 (fonte: http://1.bp.blogspot.com/)	44
Figura 21 – Propaganda Populista de Vargas (fonte: http://fmcandido.files.wordpress.com/).....	45
Figura 22 – Pracinhas indo para a Segunda Guerra Mundial (Década de 1940) (fonte: http://revistapesquisa.fapesp.br/)	46
Figura 23 – Jânio Quadros em discurso (início da década de 1960) (fonte: http://i1.r7.com/).....	47
Figura 24 – General Lott e Juscelino (década de 1950) (fonte: http://veja.abril.com.br/)	47
Figura 25 – Jango discursando para milhares de pessoas na Central do Brasil (fonte: http://4.bp.blogspot.com/ -)	48

Figura 26 – Marcha da Família com Deus pela Liberdade (fonte: http://oglobo.globo.com/)	49	Figura 40 – Antigo DOI-CODI em São Paulo (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/DOI-CODI)	59
Figura 27 – Tropas de O. Mourão Filho em marcha (fonte: http://www.smabc.org.br/)	49	Figura 41 – Charge sobre o pós-ditadura de Bier (fonte: http://3.bp.blogspot.com/)	62
Figura 28 – Castello Branco sendo saudado (Meados da década de 1960) (fonte: http://www.brasilecola.com/)	50	Figura 42 – O país do futuro? (fonte: http://www.ebooksbrasil.org/)	62
Figura 29 – Repressão policial (fonte: http://midia.portalbei.com.br.s3.amazonaws.com/)	51	Figura 43 – Terror Háza Múzeum, Budapeste, Hungria (fonte: http://www.budapest-foto.hu/)	65
Figura 30 – Edição da Veja com Costa e Silva sentado no Congresso vazio (fonte: http://2.bp.blogspot.com/)	51	Figura 44 - Jüdisches Museum , Berlim, Alemanha (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	66
Figura 31 – O general Médici (fonte: http://upload.wikimedia.org/)	52	Figura 45 – Implantação, Sem escala (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	67
Figura 32 – Propaganda do período (fonte: http://www.paranaimprensa.com.br/)	53	Figura 46 – Subsolo, Sem escala (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	68
Figura 33 – Charge de Geisel em alusão a sua política de abertura (fonte: http://1.bp.blogspot.com/)	54	Figura 47 – Térreo, Sem escala (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	68
Figura 34 – A Ponte Rio-Niterói, de 1974 (fonte: http://upload.wikimedia.org/)	54	Figura 48 – 1º pavimento, Sem escala (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	68
Figura 35 – O presidente Figueiredo (década de 1980) (fonte: http://4.bp.blogspot.com/)	55	Figura 49 – 2º pavimento, Sem escala (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	68
.....	55	Figura 50 – Vazio da Memória (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	69
Figura 36 – As manifestações das Diretas Já (fonte: http://www.oabsp.org.br/)	55	Figura 51 – Eixo da Continuidade (fonte: http://www.blogs.artinfo.com/)	70
Figura 37 – Charge sobre a Anistia, de Solda (década de 1980) (fonte: http://torturanuncamaispr.files.wordpress.com/)	56	Figura 52 – Torre do Holocausto (fonte: http://www.behance.net/)	70
Figura 38 – Choques elétricos (fonte: lh3.googleusercontent.com)	57	Figura 53 – Jardim do Exílio (fonte: http://www.theguardian.com)	71
Figura 39 – A prisão (fonte: http://plaggiado.blogspot.com.br/)	58	Figura 54 – Exposições (fonte: http://www.memorialmuseums.org)	71
		Figura 55 – Exposições (fonte: http://www.berlin-info.de)	71
		Figura 56 – Centro de Pesquisa Rafael Roth (fonte: http://www.jmberlin.de/)	71

Figura 57 – Diagrama de Organização do Museu (fonte: http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/)	72	Figura 71 – Museu Judaico, Berlim (Alemanha) – Daniel Libeskind (fonte: http://3.bp.blogspot.com)	82
Figura 58 – Corte Longitudinal – Sem escala (fonte: http://bacdesignstudio.blogspot.com.br/)	72	Figura 72 - MASP, São Paulo (Brasil) – Lina Bo Bardi (fonte: http://www.esponjacultural.com.br/wp-content/uploads/2013/08/MASP-2.jpg)	82
Figura 59 – Museu de la Memoria y los Derechos Humanos (fonte: http://www.archdaily.com.br/)	74	Figura 73 – Museu da Memória, Santiago (Chile) – Estúdio América (fonte: http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/)	82
Figura 60 – Implantação, Sem escala (fonte: https://www.google.com.br/maps/) ..	74	Figura 74 – Casa, Baião (Portugal) – Eduardo Solto e Moura (fonte: http://farm3.static.flickr.com/2308/2217185987_1ccf30d288.jpg)	83
Figura 61 – Plantas níveis 1,7 - 6,46 - 11,22, Sem escala fonte: http://www.archdaily.com.br/)	75	Figura 75 – Casa Barragán, Cidade do México (México) – Luiz Barragán (fonte: http://3.bp.blogspot.com/.../barragan-cuadra-san-cristobal.jpg)	83
Figuras 62 e 63 – Croqui e Corte BB, Sem escala (fontes: http://arcoweb.com.br/ e http://www.archdaily.com.br/ , respectivamente)	76	Figura 76 – Salk Institute, La Jolla (Estados Unidos) – Louis Khan (fonte: http://media01.bigblackbag.net/15813/portfolio_media/lwsm_salk4c-copy_143.jpg)	83
Figura 64 – Vão da Barra (fonte: http://arcoweb.com.br/)	76	Figura 78 – Jardim do Banco Safra, São Paulo (Brasil) – Roberto Burle Marx (fonte: http://www.mochilabinaria.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Banco-Safra.jpg)	84
Figura 65 – A Praça (fonte: http://www.archdaily.com.br/)	76	Figura 79 – Jardim da Residência Edmundo Cavanelas, Petrópolis (Brasil) – Roberto Burle Marx (fonte: http://quem.globo.com/edic/390/casa03.jpg)	84
.....	77	Figura 80 – Desvio para o Vermelho, 1967 – Cildo Meireles (fonte: http://feijoadatchaikovsky.com.br/)	84
Figura 66 – Área Expositiva (fonte: http://www.archdaily.com.br/)	77	Figura 81 – Guernica, 1937 – Pablo Picasso (fonte: http://www.pablocicasso.org/images/paintings/guernica3.jpg)	85
Figura 67 - CCBB, Brasília (Brasil) – Oscar Niemeyer (fonte: http://v.i.uol.com.br/album/guia/)	81	Figura 82 - Necessidade, 1893-1901 - Käthe Kollwitz (fonte: http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XYD5C/\$File/Kathe-Kollwitz-Need-S.JPG)	85
Figura 68 – Pavilhão Brasileiro, Osaka (Japão) – Paulo Mendes da Rocha (fonte: http://img3.adsttc.com/media/images/)	81		
Figura 69 – Igreja da Luz, Osaka (Japão) – Tadao Ando (fonte: http://teturaarqui.files.wordpress.com/2011/)	81		
Figura 70 – FAU-USP, São Paulo (Brasil) – Vilanova Artigas (fonte: http://www.pinterest.com/pin/182958803584998324/)	81		

Figura 83 - Piazza d'Itália, 1913 - Giorgio De Chirico (fonte: http://uploads0.wikiart.org/images/giorgio-de-chirico/piazza-d-italia-1913.jpg)	85	Figura 106 – Final da W5 Norte (fonte: autor).....	100
Figura 84 – Localização dentro da cidade, sem escala (fonte: GOOGLE EARTH)	90	Figura 107 – Pontos de serviços (fonte: SICAD/autor)	100
Figura 85 – Entorno do sítio, sem escala (fonte: autor)	91	Figura 108 – Retirantes, Cândido Portinari, 1944 (fonte: http://4.bp.blogspot.com/)	104
Figura 86 – Entorno Imediato, sem escala (fonte: SICAD)	92		
Figura 87 – Foto do Terreno (fonte: autor)	92		
Figura 88 – Foto do Terreno (fonte: autor)	92		
Figura 89 – Foto do Terreno (fonte: autor)	92		
Figura 90 – Foto do Terreno (fonte: autor)	93		
Figura 91 – Foto do Terreno (fonte: autor)	93		
Figura 92 – Topografia do Sítio (fonte: SICAD)	93		
Figura 93 – Condições ambientais (fonte: autor)	94		
Figura 94 – Final da W3 (fonte: autor)	97		
Figura 95 – Hipermercado Extra (fonte: autor)	97		
Figura 96 – Acesso 716 Norte (fonte: autor)	97		
Figura 97 – 716 Norte (fonte: autor)	97		
Figura 98 – Final W5 Norte (fonte: autor).....	98		
Figura 99 – UniEURO e Final W5 Norte (fonte: autor)	98		
Figura 100 – Polo de Informações do Banco do Brasil (fonte: autor).....	98		
Figura 101 – Final W5 Norte (fonte: autor).....	98		
Figura 102 – Batalhão do Corpo de Bombeiros (fonte: autor)	99		
Figura 103 – Atacação e via de Acesso Noroeste (fonte: autor)	99		
Figura 104 – Delegacia de Polícia (fonte: autor).....	99		
Figura 105 – Concessionária (fonte: autor).....	99		



introdução

COMUNISMO NA DEMOCRACIA

RETORNO COM O COMRADE
DEMOCRACIA PARA O BRASIL

DEMOCRACIA PARA O BRASIL

DEMOCRACIA SEM
A MARCHA

SO A DEMOCRACIA

DEMOCRACIA PARA O BRASIL

DEMOCRACIA

COMUNISMO

COMUNISMO

Um museu para ser criado deve ter algum propósito, mesmo que ralo, para se levantar. Deve-se recolher informações e a ele deve ser creditado interesse, nem que seja por uma só pessoa. Museus estão transcorrendo a história, por que há colecionadores e pessoas que gostam de ver coleções.

Não há dúvidas, portanto, que este projeto que aqui se cria tem um tema mais do que necessário para ser pensado e há interesse. Tem-se uma coleção e esta estará sendo induzida aos visitantes como uma grande caixa de lembranças.

Contudo, mais do que ter uma fotografia ou outra para mostrar, uma tela ou uma escultura para avaliar, um bom museu tem de gerar instigação, desejo em percorrê-lo, e isso se faz também por outros motivos, mais abstratos e não somente expositivos.

Ai encontramos o que realmente qualifica a necessidade de uma edificação deste tipo. Os tópicos que virão, então, responderão não somente a esta questão como também ao título deste capítulo: por que edificar um memorial das ditaduras?

O tema do projeto é uma parte do todo que será este Centro Cultural. Foi escolhido este assunto, por que, além de ser de interesse do autor, é uma temática muito pouco explorada na arquitetura do país.

Não temos ainda, como no Japão, Chile, Hungria e Alemanha, espaços icônicos que tratem dos períodos de maior angústia da população.

A exceção do período da Colônia-Império e escravidão, nossos museus são muito específicos às pessoas, artigos e aos gêneros (raciais, laborais, sexuais).

Temos vários museus dedicados a padres e santos, o Museu da Cachaça, da Banana e do Açúcar, como também dos Imigrantes e Afrodescendentes, mas é difícil encontrar algum do Governo de Floriano Peixoto, República Velha ou Período Democrático.

Avaliando o ano que estamos, 2014, é ainda mais preocupante a inexistência de um museu dos grandes regimes de exceção do país: já fazem 77 anos do Estado Novo, 69 anos do fim da Era Vargas, 50 anos do Golpe Militar e 29 anos da Abertura.

Estamos em um ano, em que a temática está sendo discutida e o que temos está em arquivos públicos governamentais, arquivos pessoais e nos livros didáticos, meios por vezes pouco diretos ou esclarecedores.

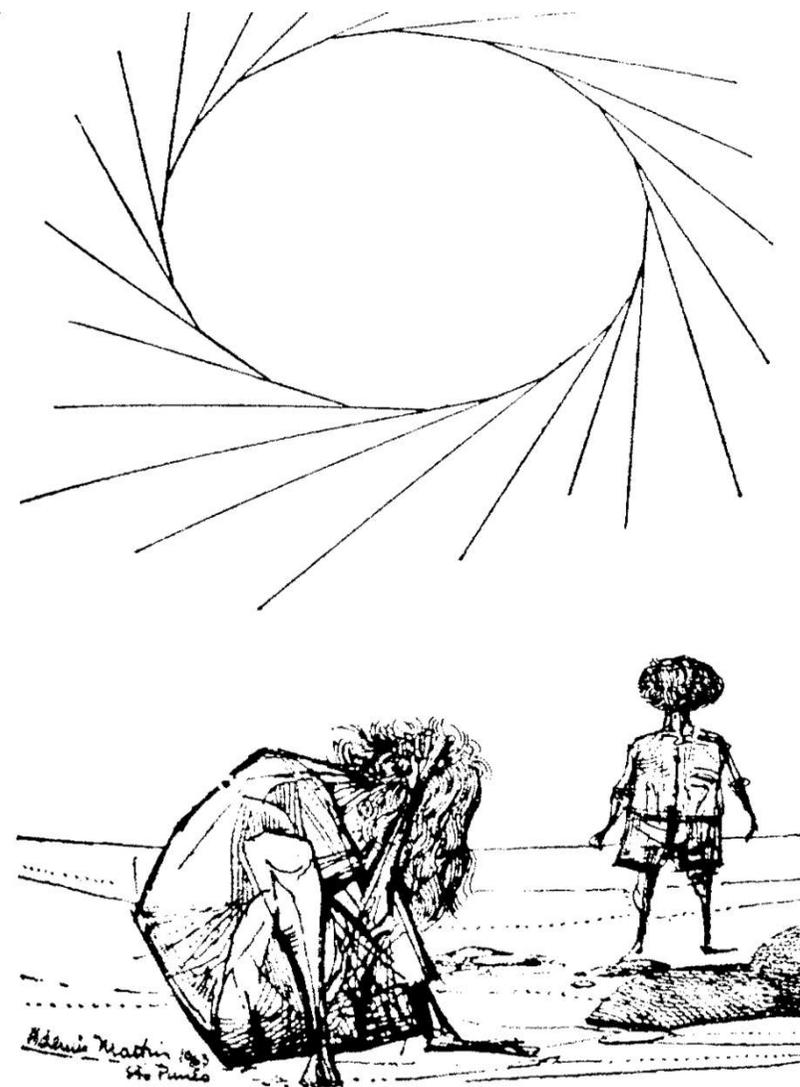


Figura 01 – Gravura do Livro Vidas Secas, por Aldemir Martins, 1938 (fonte: <http://homoliteratus.com/>)

Não só isso, ainda temos uma comissão no Congresso Nacional discutindo ferrenhamente acerca dos crimes da Ditadura Militar e uma Presidente da República com participação na luta armada contra o regime autoritário. O assunto é recorrente.

A cidade escolhida para receber o memorial também reforça este discurso. Brasília é um palco enorme da política brasileira, sendo somente o Rio de Janeiro ou São Paulo locais de tamanha efervescência de debate do assunto. Aqui há um impacto em todo o território e, sem ser no Catete, somente na Capital Federal as decisões presidenciais surgiram. Aqui as lutas, prisões e divagações foram muito fortes no regime militar. É mais do que ideal propor um museu civil/político nesta cidade, um local de destaque nacional.

Tendo observado tudo isso, as páginas que seguem, portanto, trataram endossar essas razões.

Os primeiros capítulos revisarão a literatura:

- O museu – o que é, como evoluiu e como está no presente.
- Os períodos (a temática) - as Ditaduras de Getúlio e dos Militares no Brasil.
- As arquiteturas – espaços que tratam de temas similares.

Em seguida será analisado o sítio do projeto e se partirá para os programas de uso.

Fundamentado teoricamente e com os ambientes definidos, os capítulos seguintes estarão destinados a grafitar as ideias que surgirem a partir daí.



Figura 02 – Graúna, célebre contestador nas tirinhas de Henfil na época da ditadura militar (fonte: <http://xeque-mate-noticias.blogspot.com.br/>)



os museus na história

Significado de Museu:

De acordo com Geoffrey D. Lewis, estudioso da história dos museus, os mesmos:

Têm uma longa história, surgindo a partir do que pode ter sido um desejo humano inato por coletar, interpretar e tem origens discerníveis em grandes coleções construídas por indivíduos e grupos antes da era moderna (ENCYCLOEDIA BRITANNICA, s/d).

Isso significa que até mesmo na pré-história podemos ter tido alguma espécie de museu, pois é quase que inerente ao homem este ato de guardar artigos.

Etimologicamente, a palavra museu tem duas raízes, uma grega e outra latina. Segundo novamente Lewis, a palavra museu em grego (*museion*) significava propriamente “sede de musas”, sendo assim um espaço mais contemplativo, memorialístico, do que *stricto sensu* coleção cartesiana (Figura 03).

Para os romanos, *museion* se torna *museum*, e, nesta derivação, cria-se um espaço de discussão filosófica, parecendo mais com uma universidade do que com um espaço de coleção.

Contudo, além da etimologia, o processo que tornou os museus espaços semelhantes ao que conhecemos hoje, com os propósitos fortes de colecionismo ou exibicionismo, somente se intensificou a partir do século XV.

Passo a passo, nos séculos XVII e XVIII, as coleções começaram a se abrir e isso facilitou a divulgação ao público. Os espaços que sediavam tais mostras deixaram de ser as casas e palácios somente e se converteram em locais destinados a este fim, tornando-se mais populares e comuns.



Figura 03 – Oráculo de Delfos, Grécia (anterior ao séc. VIII a.c.) (fonte: <http://liceu- aristotelico.blogspot.com.br/>)

O vigor da nossa interpretação atual só se desnudaria com a Revolução Industrial. A aceleração do crescimento das cidades trouxe no mesmo ritmo a popularização efetiva da construção dos museus e das exposições, conforme explica novamente Lewis:

O uso da palavra museu, durante o final do século 19 e parte do século 20 denotava um edifício que abrigava material cultural a que o público tinha acesso. Mais tarde, os museus continuariam a responder às sociedades que os criaram, com a ênfase na construção tornando-se menos dominante. Museus ao ar livre e ecomuseus fornecem exemplos disso, além dos chamados virtuais que existem no formato eletrônico na Internet. Apesar de museus virtuais fornecerem oportunidades interessantes e trazer alguns benefícios para os museus existentes, eles permanecem dependentes da recolha, preservação e interpretação de material, coisas do verdadeiro museu (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, s/d).

Assim, é permitido aos museus terem, com o mesmo material, semânticas diversas. Esses podem ser mais básicos e se estruturarem somente pelas mostras que exibem, caso normalmente das sedes neoclássicas, que têm um regime muito forte da estética da edificação, ou ser extremamente mutáveis e contemplarem com o mesmo espaço vários discursos de várias fontes (Figura 04), caso dos museus contemporâneos.

Estas semânticas ainda nos permitem analisar tipos de museus além da própria vanguarda de criação (neoclássico, modernista, pós-modernista, etc.). Podemos encaixá-los por abrangência e intenção.



Figura 04 – Museu do Futebol, São Paulo (arq. Mauro Munhoz, 2008) (fonte: <http://globoesporte.globo.com/>)

Os comuns são propriamente museus os quais exibem exposições de vários temas; os memoriais, *stricto sensu*, abarcam coleções relembrativas, as quais tem o foco

principal de enaltecer (positivo ou negativamente) o fato que se quer rememorar; e podem ser centros culturais, os quais englobam funções que não só de exposição, tendo foco também em teatro, cinema, pesquisa, lazer esportivo, por exemplo.

Para verificar, tanto este contexto evolutivo dos museus, como das tipologias, é necessário fazer um pequeno apanhado dos espaços destinados a este fim.

A arquitetura/história dos museus:

Conforme o que foi dito na significação, a estrutura dos museus foi-se adaptando as novas culturas.

Os primeiros espaços de colecionismo devem ser datados dos primeiros anos de vida do *Homo sapiens*. Estavam certamente guardados na sua própria morada, as cavernas ou ocas que construíram. Esse passado se polarizou no mesmo ritmo em que se deu a sedentarização do ser humano.

Mesopotâmios e Babilônios já de alguma forma colecionavam antiguidades, como há vestígios de várias cópias de inscrições escolares dispostas juntas em um mesmo local.

Com a evolução das civilizações, no Egito (Figura 05), Pérsia e na China, os artigos de valor não comercializados começaram a estampar mais facilmente os templos e palácios imperiais, faraônicos ou dos sultões. Vejam que esse início da história dos museus é mais composto pelo exibicionismo da nobreza ou pelo arquivamento comum das peças, bem diferente do que ocorreria mais adiante.



Figura 05 – Templo de Ísis, Egito (entre os sécs. I e IV a.c.) (fonte: <http://http://deiatatu.wordpress.com/>)

Enquanto isso, na Grécia, pela forma política e religiosa que se dispunha, os artigos de valor não comercializados, como vasos, compunham templos destinados aos seus deuses, como nos oráculos. Mais do que agradar ou compor os espaços divinos, havia obras que contavam histórias mitológicas ou da própria vivência grega. Conforme se mostram na história, os espaços glorificados gregos tem normalmente plantas retangulares, estão em terrenos de forte expressão e as edificações possuem muitos pilares, grande altura e poucas seções internas.

No Império Romano houve similaridade com o que ocorreu na Grécia, mas as instituições denominadas de museu, conforme já exposto aqui, se transfiguraram em espaços mais destinados a filosofia que agrega bens imensuráveis do que a locais de história e adoração (este período templo, universidade e museu tinham uma grande sinonímia de funções). Um exemplo do período é o Museu de Alexandria (Figura 06) (mais conhecido como universidade ou biblioteca), cujas fachadas são bastante similares a de edificações gregas, mas internamente ocorre mais divisões e vãos, como um projeto adaptado a um fim menos religioso.



Figura 06 – Biblioteca de Alexandria, Egito (séc. III a.c.) (fonte: <http://3.bp.blogspot.com/>)

Com o fim do Império Romano, viria o Bizantino e a Idade Média. Estes períodos seriam marcados por um “retrocesso” dos museus, pois a arte de colecionar voltaria a se fechar aos espaços nobres, ficando em castelos (Figura 07) e igrejas. Sofrendo alterações de estilo, as coleções, principalmente sacras, ficariam guardadas nos subsolos ou bem estampadas nas naves dos centros religiosos de imenso pé-direito.



Figura 07 – Castelo de Almourol, Portugal (séc. XII) (fonte: <http://static.panoramio.com/>)

Voltaríamos a ter alguma abertura com a ascensão da burguesia e com o advindo do Renascimento. Ainda sob o júdice dos nobres, a arte agora teria um papel maior de demonstrar o poder de quem a possuía. Assim, quem a detinha começou a buscar formas de divulgação, o que significava abrir os palácios, villas e casas ou construir redutos para tal fim, caso do Palácio Uffizi (Figura 08).

As igrejas se modernizariam e, como na arquitetura, mudariam sua abordagem de difusão do sacro, levando ao público mais elementos. Isso foi progredindo nos séculos XV, XVI e XVII, como com o Barroco.

No final do século XVII e na totalidade do século XVIII, o espaço completamente privado de exposição iniciou um novo paradigma que nunca mais deixou de se acelerar: foi se tornando mais aberto e público. O museu que hoje conhecemos começou a sair da exclusividade das coleções dos palácios e das igrejas para estar em acervos com edificação própria, caso do Museu Ashmolean:

O primeiro órgão a receber uma coleção particular e construir um edifício para abrigá-lo, tornando-o disponível ao público foi a Universidade de Oxford. O presente foi de Elias Ashmole; contendo grande parte da coleção Tradescant, foi feito com a condição de que um lugar deveria ser construído para recebê-lo. O edifício resultante, tornou-se conhecido como o Museu Ashmolean, inaugurado em 1683 (O Ashmolean mais tarde mudou-se para outro edifício nas proximidades, e sua construção original é agora ocupado pelo Museu de História da Ciência.) (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, s/d).

Com mais liberdade, surgiram obras como o Museu Britânico e o Louvre (Figura 09), cujas novas técnicas arquitetônicas permitiam espaços mais desenvoltos e a opção por diferentes alturas. Os museus neoclássicos, que podem ser chamados de primeiros museus edificados para isso, possuíam um *dejavú* das linhas renascentistas, gregas e romanas e isso conferiu edificações bastante emblemáticas e ostentativas. São muitos frontões, muitas pilastras com capitéis, e adornos mais leves do que no Barroco internamente.



Figura 08 – Palácio Uffizi, Florença, Itália (arq. Vasari, 1580) (fonte: <http://d113luowul8a0f.cloudfront.net/>)



Figura 09 – Museu do Louvre, Paris, França (fundação em 1190, com várias adaptações depois) (fonte: <http://1.bp.blogspot.com/>)

Como o básico estrutural já havia sido posto, uma edificação própria para acervos, o museu progrediu em estilos para abrigar tais exposições. No século XIX, viu-se o ingresso do aço como elemento forte de composição, vãos enormes eram assim permitidos e pavilhões eram construídos. O museu virara uma casa amplamente vislumbrada.

Chegado o século XX, tudo se tornou possível e a edificação, apesar na nobreza, deixou de ter somente perfil de palácio.

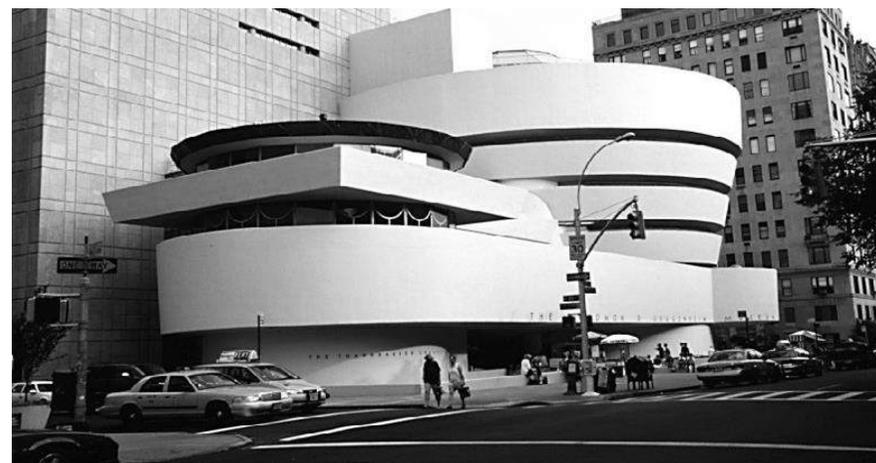


Figura 10 – Museu Guggenheim, Nova Iorque, Estados Unidos (arq. Frank Lloyd Wright, 1959) (fonte: <http://www.bc.edu/>)

As experiências modernas criaram um contexto, em que a arquitetura dialogava também com as exposições e também permitia uma maior gama de mostras. O que antes guardava fatos estáticos, quase sempre, tinha agora amplas possibilidades de variação.

O Guggenheim (Figura 10), de Frank Lloyd Wright, por exemplo, é um campo aberto, de planta abastada e figura bastante plástica que permite qualquer obra entrar.

A evolução dos museus, portanto, progrediu no sentido de dar uma maior aparelhagem ao espaço. As plantas viriam a ser mais livres, as volumetrias menos sisudas, a adaptabilidade intensa e tudo poderia estar incluído nesses espaços,

tornando-os centros culturais e locais de divulgação de todo e qualquer tipo de crenças e linguagens (Figuras 11 à 14). Do século XX para cá, temos, então, hoje, museus de 10 m², como de 20.000 m², vermelhos, azuis, amarelos, feitos de cobre, desfigurados, escondidos nas paisagens, completando as marés.

Sendo assim, edificar um espaço como este agora não mais possui entraves, somente problemáticas a serem resolvidas de outras formas, sempre com solução. É a glorificação da cultura que se tornou pública e ambivalente, com incríveis possibilidades.



Figura 11 – Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha (arq. Frank Gehry, 1997) (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)



Figura 12 – Museu de Arte Contemporânea, Niterói, Brasil (arq. Oscar Niemayer, 1996) (fonte: <http://www.tintafresca.net/>)



Figura 13 – Museu a céu aberto Inhotim, Brumadinho, Brasil (vários autores, inaugurado em 2006) (fonte: autor)



Figura 14 – Oceanográfico, Valência, Espanha (arq. Félix Candela, 2003) (fonte: <http://www.viveraviagem.com/>)



**as ditaduras do século xx
no brasil**

Repressão: definitivamente o que se espera de uma ditadura.

Nossa sociedade não está desimergida do pisoteio, do acanhamento, da discórdia e do medo em tempos de paz, basta ver o quanto nos atemos a várias regras e pudores, em casa, na rua, na grama. “Não faça isso”, “Isso é proibido”, “Vai para a cadeia”, “Não gostam disso” e etc, sendo algo importante para uma vivência mais harmônica. Mas, quando estamos em um período de exceção política, tudo se torna um tanto mais opressor do que as simples regras que os humanos livres configuram. Há, de fato, a literal e composta repressão.

Nesse sentido, olhar para trás, até mesmo para agora e para frente, é também ver que as ditaduras pertencem a nossa história, ao cotidiano. Quase todos os países no mundo já tiveram, tem ou tendem a ter algum tipo de regime autoritário, uma democracia frágil ali, um tirano acolá. São em sua totalidade expressões políticas pesadas que detêm o poder e fazem o que é necessário para perpetuá-lo, seja com força, mentira ou pactos.

Contudo, abarcar algo tão abrangente é deveras difícil e complexo, pois mulçumanos tratam do poder de uma forma, ingleses de outra e chineses e coreanos podem ser intolerantes de “n” maneiras. A tarefa aqui posta já é muito grande em sua limitação: as ditaduras no Brasil. Ainda não podemos esquecer de mencionar os princípios morais, éticos e políticos do autoritarismo e da tortura em si, pois são alicerces para o contexto que nos cabe.

A história do Brasil foi permeada por períodos de imperialismo, colonialismo, coronelismo, caudilhismo e autoritarismo, desde a primeira pegada portuguesa. É preponderante em nossa vasta memória a intervenção de poucos em prol deles mesmos: exploração de matérias primas, escravidão, comando de analfabetos, impedimentos e acefalias políticas. Porém, em dois momentos da caminhada visceral brasileira, não houve um movimento simples de detenção de poder, ocorreu subtração feroz.

Reis já mandaram em nossa terra, imperadores próprios, presidentes cafeeiros, todos com algum tipo de resistência a verdadeira liberdade social, mas em 1930¹ e 1964² tivemos de fato regimes autoritários.

Marcados pelo desenvolvimentismo e balizados pela censura, as correntes ditatoriais no Brasil tem muito em comum e também são bastante diferentes em seus contextos, ideais e medidas.

Em analogia com Salinas (2012, p.73):

A minha própria face se desconfigurou e eu tenho a impressão de vagar amorfo e etéreo na amplidão de um espaço sem horizontes definidos, ilimitado: um ponto de interrogação lançado no azul.

Estávamos sem chão nas nuâncias das imagens frias dos rádios, jornais, televisores... do boca a boca e dos cassetetes.

Quais são as verdadeiras respostas?

O que vem a ser autoritarismo³?

Para entender os dois períodos que virão, antes é necessário compreender o que são os seus pleitos, no caso a base fundamental de governo: o autoritarismo. Esta palavra, e o que ela realmente significa em seu exercício, passa por uma gama de expressões complementares, pois está presente em muitas formas de poder e de vida mesmo. Segundo o dicionário Michaelis⁴:



Figura 15 – Mussolini em discurso (décadas de 20 e 30 do século XX) (fonte: <http://upload.wikimedia.org/>)

Autoritarismo: 1 Caráter ou sistema autoritário (Figura 15). 2 Despotismo.

Autoritário: 1 Concernente à autoridade. 2 Que tem caráter de autoridade. 3 Que se impõe pela autoridade. 4 Despótico, dominador. 5 Arrogante. 6 Violento.

Despotismo: 1 Forma especial do absolutismo. 2 Poder absoluto e arbitrário. 3 Ato próprio de um déspota. 4 Mando absoluto, arbitrário.

Totalitário: 1 Que exclui qualquer divisão ou parcelamento. 2 Que põe de parte tudo quanto representa individualismo. 3 Diz-se de um governo em que um grupo político

¹ 1930-1945: Era Vargas, sendo de 1937 à 1945 a ditadura declarada do Estado Novo.

² 1964-1985: período da Ditadura Militar no Brasil.

³ No Memorial, um tema que será recorrente.

⁴ MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo-SP: Editora Melhoramentos, 1998.

centraliza todos os poderes administrativos, não permitindo a existência de outros partidos políticos e sobrepondo os interesses e direitos da coletividade aos do indivíduo.

Ditadura: 1 Governo ou autoridade do ditador. 2 Nos modernos governos representativos, o exercício temporário e anormal do poder legislativo pelo poder executivo.

Ditador: 1 Antigo magistrado que, em Roma, exercia poder absoluto. 2 Indivíduo que reúne em si todos os poderes públicos. 3 fig. Indivíduo arrogante que pretende impor aos demais a sua vontade.

Regime de exceção: 1 forma de governo ditatorial ou de emergência, que resulta de uma revolução ou golpe de Estado.

Os grifos ressaltam o que nos compete neste estudo.

Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998), autores de *Dicionário de Política*, escrevem verbetes ainda mais completos:

Autoritarismo: O adjetivo "autoritário" e o substantivo Autoritarismo, que dele deriva, empregam-se especificamente em três contextos: a estrutura dos sistemas políticos, as disposições psicológicas a respeito do poder e as ideologias políticas. Na tipologia dos sistemas políticos, são chamados de autoritários os regimes que privilegiam a autoridade governamental e diminuem de forma mais ou menos radical o consenso, concentrando o poder político nas mãos de uma só pessoa ou de um só órgão e colocando em posição secundária as instituições representativas. Nesse contexto, a oposição e a autonomia dos subsistemas políticos são reduzidas à expressão mínima e as instituições destinadas a representar a autoridade de baixo para cima ou são aniquiladas ou substancialmente esvaziadas. [...] As ideologias autoritárias, enfim, são ideologias que negam de uma maneira mais ou menos decisiva a igualdade dos homens e colocam em destaque o princípio hierárquico, além de propugnarem formas de regimes autoritários e exaltarem amiudadas vezes como virtudes alguns dos componentes da personalidade autoritária.

*Ditadura: A palavra Ditadura tem sua origem na *dictatura romana*. O significado moderno da palavra é, porém, completamente diferente da instituição que o termo designava na Roma republicana. [...] se depreende um significado bastante preciso da Ditadura moderna. Com a palavra Ditadura, tende-se a designar toda classe dos regimes não-democráticos especificamente modernos, isto é, dos regimes não-democráticos existentes nos países modernos ou em vias de modernização (com que se podem assemelhar também as tiranias gregas dos séculos VII e VI a.C. e alguns outros Governos surgidos na história do Ocidente). Temos, no entanto, de reconhecer que este significado de Ditadura, embora possua uma indubitável dimensão descritiva, tem sido frequentemente usado com fins práticos ideológicos, como alvo de valor negativo a contrapor polemicamente à democracia. É também por essa razão que, nos últimos anos, o uso de Ditadura em sentido moderno, corrente nos anos 50 e 60, tende a tornar-se mais raro; e não falta quem queira restringir a palavra ao significado de órgão excepcional e temporário, próprio da sua origem romana.*

Autoritarismo é uma rede que vai evoluindo com o tempo e é um exercício feito principalmente no governo, quando se trata de política. Pelo que se lê, não é algo produtivo nas relações de liberdade e expressão da maioria e incorre normalmente em ditaduras e outros regimes de exceção.

Exemplos clássicos vêm desde a Roma Antiga e dos impérios orientais arcaicos. Havia concentração de poderes em imperadores e sultões, os quais mandavam e desmandavam.

Isso evoluiu para os reis feudais e para os reis absolutos, os déspotas, do século XVI, XVII e XVIII, cujo princípio continuou o mesmo, somente com a evolução dos sistemas de controle, como mortes a guilhotina, impostos opressores e nobreza ocupando cargos e mais cargos pouco úteis.

Perpassamos com poucos casos tão autoritários no século Pós-Revolução Francesa, com mudanças drásticas de vários regimes e a independência de muitos países. Contudo o século XX viria para atestar os erros do passado.

De 1901 à 2000, o que tivemos foi o claro exercício do autoritarismo no mundo, tendo ele evoluído para um sistema ainda mais opressor. Não era mais poder, era

poder conjugado com ódio declarado à algum fato histórico ou social ou com intuito totalmente comercial. Vieram os regimes totalitários do nazismo e fascismo, como, em uma ideologia completamente contrária, o comunismo bastante retrógado da União Soviética stalinista, e por que não do imperialismo europeu sob a África e Ásia e dos Estados Unidos sob os endividados do mundo. O autoritário atingiu um patamar esparso, que inclui ditaduras patrocinadas, principalmente na América.

E hoje? Ainda há regimes bélicos espalhados pelo mundo e medidas autoritárias sendo tomadas nas mais plenas democracias. O que ocorre é um aprendizado constante quanto ao que já passou, sendo bastante lento, com idas e voltas, mas na direção do futuro.

Sendo assim, compete a nós tentarmos mostrar os retrocessos que um movimento despótico pode ocasionar, e tentar evitar futuros erros. São fachadas eloquentes às vezes, mas que trazem normalmente duros contrapesos por de trás e no Brasil isso foi totalmente verdadeiro (Figura 16).

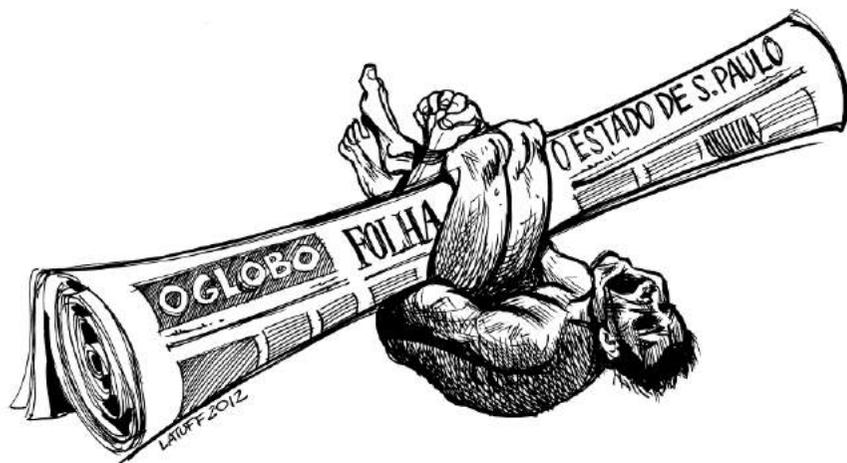


Figura 16 – Charge (fonte: <http://levante.org.br/>)

Getúlio e os Militares compuseram momentos memoráveis para nossa sociedade, bons e ruins, como todo movimento político, entretanto, conforme a lista do dicionário acima, com o uso exacerbado de suas autoridades e bloqueio vigoroso da liberdade.

A primeira fase autoritária tropical, Getúlio Vargas: Revolução, Constituição e Estado Novo (1930⁵-1945)⁶

O primeiro período, em que chega o autoritarismo no Brasil, não começou de repente e já no imaginário do povo brasileiro. Um pouco antes de 1930, o país vivia um desgastante passar de anos com pouca mudança política e econômica. Nossa economia era baseada no café, raramente com um outro mediano produto tão comercial, caso da borracha, e o controle político estava restrito ao comando paulista e mineiro, com raros expoentes em outros estados.

Esse ritmo ia sendo conduzido com tranquilidade nos primeiros anos da república, mas com o passar dos anos ficava claro o quanto a bilateralidade estava sendo pouco eficiente para a nação, sendo ainda mais contestada com as crises impostas pelas quedas de preço do café. Tivemos Canudos, Revolta da Chibata e o Tenentismo, este último como auge da crise do sistema, com a Coluna Prestes perpassando pelo imaginário libertário da nação. A quebra da Bolsa de Nova Iorque e a fragilidade de todas as áreas: políticas, sociais e econômicas, tornou impraticável, então, o prolongamento da República Velha, com Washington Luís não conseguindo mais arrefecer os não contentes. A Revolução de 30, a qual tinha Getúlio Vargas como grande expoente e vários membros civis e militares, se instaurou.

Os princípios da Revolução não eram claros, o importante era buscar um novo movimento para o país, uma nova direção. Contudo, a ordem política, as elites, a economia

⁵ Vide nota 1.

⁶ A Era Vargas terá salas próprias no Memorial. A amálgama dos conteúdos poderá estar dividida em seus períodos de Governo e na sua personagem, como nas importantes peças do período: Tenentismo,

Modernismo, Leis do Trabalhador, PCB, Luis Carlos Prestes, Subversão, a Industrialização, Contexto Mundial político, social e ideológico, a Censura e a Repressão.

agrícola, tudo isso pouco mudou. Era uma revolução também das margens ricas, com um discurso para todas as camadas, mas práticas ainda bastante reacionárias (Figura 17).

De 1930 a 1937, fora do Brasil ocorria um embrutecimento generalizado das nações. Era o pós-hecatombe financeira da quebra da bolsa americana e também a temerização mundial quanto ao comunismo. O medo estava se tornando real por parte dos países capitalistas e liberais, pois a União Soviética se mostrava realmente um país forte e em acelerado crescimento, como a ideologia de esquerda estava aumentando nas massas de toda a Europa. Esse medo e a crise financeira, que estava assolando principalmente os europeus, fomentava ainda os extremismos de direita. Mussolini, Franco, Salazar, Hitler, todos eles estavam ascendendo (uns antes outros depois, mas em um mesmo contexto), como uma resposta da sociedade ou do movimento doentio das camadas mais abastadas pela sua proteção perante o “mal vermelho” ou mais um ano de falências.

Se fora do Brasil os ânimos estavam exaltados, contestações e ideologias marcantes estavam crescendo também aqui.

No preâmbulo do Estado Novo, os comunistas, como os integralistas (versão fascista brasileira), começavam a se estabelecer como expressões políticas, e a indignação dos derrotados de 30 também causava forte belicismo neste período. Foram inúmeras passeatas, greves e comícios, como também guerras civis contra o “golpe”.

Se a sociedade não estava reagindo de forma cordial e a intensidade dos movimentos políticos e ideológicos preocupava, a economia e as medidas do governo também patinavam. Nada foi fácil para Vargas antes da confirmação do regime autoritário. O café oscilava muito e o governo teve sempre que ter um olhar próximo e constante. Isso o “obrigou” de certa forma a tomar medidas que estimulasse outros sistemas produtivos, principalmente a indústria. Foi uma ascensão pequena, mas importante, do novo modelo desenvolvimentista, com uma mudança constante de paradigma econômico, que lhe rendeu melhores frutos do meio para frente do seu governo.



Figura 17 – Revolucionários de 30, incluindo Getúlio Vargas (fonte: <http://www.arteehistoriadobrasil.com.br/>)

Com um regime de certa forma ainda ilegítimo, foi necessária uma reversão de princípios constitucionais, como uma pragmática mudança das leis. A institucionalização pública e um grande reforço das leis trabalhistas foram preconizados e reafirmados a cada ano. Com uma oposição cada vez mais feroz, o caminho mais adequado era reforçar a base aliada, tanto dentro como fora da máquina pública. Isso se configurou – e no Estado Novo era mais do que visível – no que chamamos de populismo, em que medidas em prol “de todos”, mesmo que faraônicas e sem muito sentido, arrefeciam e animavam o grosso da população.

Como foi falado a alguns parágrafos atrás, a oposição se fortalecia na medida dos anos, esquerda ou direita. Isso se tornou um dos principais problemas e também a grande solução para o “golpe dentro do golpe” que se deu mais adiante. Os comunistas estavam se organizando e o PCB (Partido Comunista Brasileiro) imergia com questionamentos graves ao governo e ao sistema vigente, em que as massas estavam totalmente desguarnecidas de assistência, representatividade e de cotidiano livre. Era algo político que metia medo às elites, mas não tinha ainda se configurado em uma jornada efetiva fora do submundo.

Veio então um movimento efetivo, uma rebelião comunista em 1935 (Figura 18). Sem uma grande coalização, algumas cidades foram arrebatadas pelos esquerdistas, como Natal, no Rio Grande do Norte. Mas o projeto ainda muito incipiente, falta de comunicação e a força do governo conseguiram debelar o processo.

Esse movimento foi o pretexto perfeito para as manobras autoritárias de Vargas, que promoveu vários estados de sítio e prisões de sua oposição.

Dois anos depois, na evolução do regime, não podendo mais usar de tais artifícios, estavam previstas as eleições que o sucederiam. Já passados sete anos, tudo se encaminhava para a troca dos bastões, entretanto, Vargas não deixou escapar de suas mãos o poder, criando mais uma vez um contexto de hostilidade, deflagrando o golpe de 37: um plano aparentemente arquitetado pelos comunistas, o Plano Cohen (elaborado dentro do governo para balizar o golpe), criou circunstâncias para Getúlio instaurar um regime de exceção.

Agora sim estávamos de fato em uma ditadura, que é o que queremos analisar, tendo Vargas mudado mais vezes de comportamento frente ao cargo.



Figura 18 – Jornal A MANHÃ, comentando a Intentona Comunista (novembro de 1935) (fonte: <http://grabois.org.br/>)

O rebelde da Revolução de 30, passou para o mediador entre 32 e 34, depois para o intransigente de 35 à 38 e o completamente ambíguo de 39 à 45, em que medidas populistas e duras eram tomadas de forma a não se saber a real posição do presidente.

O Estado Novo (1937-45) (Figura 19) concentrou em Vargas todo o poder e isso implicou em todas as facetas que um ditador poderia ter.

Na burocracia, o período foi marcado pelo inchaço da máquina pública e pela exclusividade dos simpatizantes do presidente. Isso foi semelhante ao que ocorreu em outras ditaduras tropicais, como europeias, muito também pela exclusividade partidária. A economia teve um bom desempenho, com *superávits*, baixa ou mediana inflação, bons volumes de exportação e um proeminente início industrial, como descreve Skidmore (1979, p. 66 e 67):

O surto de industrialização “espontânea” em fins da década de 30, por uma política consciente de intervenção estatal, à medida que o repúdio do Estado Novo ao liberalismo trazia consigo a determinação de afastar do liberalismo econômico. Os empresários particulares eram estimulados a prosseguir com seus próprios esforços, enquanto o governo federal ampliava sua autoridade para dirigir a economia por dois modos principais: a “manipulação de incentivos”, tais como impostos, controles de câmbio, cotas de importação, controles de crédito e exigências salariais; e a intervenção direta, através de investimentos públicos, em setores como ferrovias, navegações, serviços públicos e indústrias básicas, como o petróleo e o aço.



Figura 19 – A nova constituição de 37 (fonte: <http://www.jblog.com.br/>)

Essa manipulação que Skidmore menciona não se restringiu a área econômica, é uma intenção geral do governo. O desenvolvimentismo de um lado tinha por de trás a nítida censura aos meios de comunicação, como aos meios políticos e sociais. A polícia especial instaurada, o DESPS (Delegacia Especial de Segurança Política e Social), o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e muitos expoentes militares integravam uma coalização de caça a todo e qualquer tipo de perigo para o governo. Um destaque dessa jornada é Filinto Müller, chefe do departamento e comandante dos mais variados inquéritos, apreensões, torturas e perseguições aos comunistas do período.

Há um âmbito pouco mencionado nos livros de história, de medo por parte dos “subversivos” e dos desfavorecidos e uma vigilância muito atenta as cidades (Figura 20), pois também por parte do governo havia muita apreensão quanto ao comunismo e seus divulgadores. Tanto é que não acontecia nada como deveria acontecer nas ruas, como bem diz Morais (2004, p.127) em seu célebre livro *Olga*:

O Rio entrava em fevereiro, mas nada havia que identificasse a cidade com a “capital universal da alegria e do Carnaval”. Primeiro por causa da chuva... Em seguida, por que o capitão Filinto Müller não media a aplicação do seu poder no cerco

a Prestes e a sua recém-revelada esposa... Não importavam as leis... ninguém poderia usar máscaras nos bailes... novas proibições: as batalhas de confete só seriam permitidas em clubes, desde com autorização prévia da polícia... Os ensaios de blocos e ranchos só podiam ser feitos após devida autorização do chefe de polícia, e teriam que encerrar impreterivelmente às dez horas da noite.

Dentro das prisões, aconteciam casos escabrosos e havia uma busca incessante por pistas, paradeiros e outras informações úteis ao regime. Queria-se destruir por completo o comunismo do país, e o meio possível, para os líderes e o estadista era o da prisão e da tortura (como melhor será explicado no subtópico *O caso particular da tortura*):

... Arthur Ewert e sua mulher Elise apanharam da polícia de Filinto Müller durante uma semana, sem que lhes fosse dirigida uma só pergunta... A polícia queria primeiro quebrar o moral dos presos, para depois começar os interrogatórios... Ele estava com o corpo coberto de hematomas produzidos por surras e cassetetes de borracha, a mão esquerda ainda inchada pelo golpe aplicado com o quebra-nozes, o ânus e o pênis machucados por choques elétricos e objetos introduzidos durante as sessões de tortura. Sabo tinha as costas, os seios e as pernas cobertas de minúsculas queimaduras feitas com pontas de cigarro e lanhos (MORAIS, 2004, p.106).



Figura 20 – Prisão de Luis Carlos Prestes, 1936 (fonte: <http://1.bp.blogspot.com/>)

A sociedade reagia de formas difusas a tudo isso. Grande parte das elites pouco reclamavam, pois estavam aumentando satisfatoriamente suas rendas; os poderosos e esquerdistas de oposição ficavam de mãos atadas, perante a repressão; os mais humildes, apesar do medo, não compreendiam realmente o que estava acontecendo, muito pelo fato de ainda não estarem politizados e por estar se beneficiando com muitas das intervenções getulistas na Constituição e nos salários; os intelectuais, a elite progressista, por assim dizer, que produziam variados tipos de arte, estavam já na Segunda Geração do Modernismo, que mais encorpada fazia duras críticas, principalmente ao coronelismo e ao descaso com o sertão nordestino. Falando de Modernismo, cabe ressaltar que grandes obras modernas datam do Estado Novo, como as obras da Pampulha e o emblemático Ministério da Educação e Saúde. Parte dessa multiplicidade de pensamentos quanto ao governo também se dava por conta da propaganda intensa. Com auxílio do DIP, o qual censurava a mídia e grande parte das divulgações “subversivas”, o governo mostrava suas boas ações e como o ditador era um grande estadista. Eram organizadas passeatas, feitos

panfletos, cartazes e discursos no rádio, tudo parte de uma receita já conhecida de difusão de informação segundo as convenções do poder (Figura 21).

De 1937 a 1945, fora do país, acontecia a segunda guerra de grande proporção em menos de vinte e cinco anos no mundo. Não mais havia temores, mas instituições totalitárias definidas e claras direções nacionais. Foi um período de perseguição de judeus, deficientes, ciganos, anões e comunistas no centro europeu com o Nazismo e o Fascismo, como dos contrários ao regime de Stálin na Rússia. Não havia mais diálogo, somente bombas e posicionamento de tropas. Os Estados Unidos só interviriam contundentemente a partir de 1942, com o ataque a Pearl Harbor (posto militar americano importante no Pacífico) e por dentro de seu território ocorria forte aceleração com a produção para a guerra. O Brasil chega a participar do lado dos Aliados, o que acelerará a distensão do regime brasileiro (Figura 22).

O Estado Novo da Era Vargas, portanto, instaurou várias excepcionalidades ainda não vigentes até então. Depois dos reinados de Dom Pedro I e Dom Pedro II, pela primeira vez tínhamos um governante por tanto tempo no poder e com tamanha concentração nas mãos. O período foi marcado pelo grande desenvolvimento econômico, industrialização e pelas primeiras leis trabalhistas – fatos esplêndidos – mas era realmente necessário para o avanço econômico e a proteção ao trabalhador um período ditatorial como este? Em que centenas de pessoas foram presas e torturadas e não havia liberdade de expressão?

A ditadura varguista, de um só (e uma burocracia enorme por trás) personagem foi traçada por contradições devidamente mensuradas. Afagar com censura e tornar nosso país um local no mapa através de Carmem Miranda e mais duas ou três mentes pensantes.



Figura 21 – Propaganda Populista de Vargas (fonte: <http://fmcandido.files.wordpress.com/>)



Figura 22 – Pracinhas indo para a Segunda Guerra Mundial (Década de 1940) (fonte: <http://revistapesquisa.fapesp.br/>)

Terminou com o desgaste que o contexto instaurava. Os militares combatiam disciplinas fascistas e autoritárias na Europa e tinham um modelo bastante similar no próprio país. Isso foi um motivo forte para decretar o fim do regime (Figura 22). Não somente os militares, como a sociedade também já reclamava, como afirma Skidmore (1979, p.73):

Ao começar 1945, os protestos começaram a permear através da cortina da censura. A 26 de janeiro, o 1º Congresso de Escritores, pediu completa liberdade de expressão, e exigiu um governo eleito pelo "sufrágio universal, direto e secreto". A 22 de fevereiro [...] José Américo [...] explicava porque deveriam ser realizadas eleições presidenciais e por que seria "inadequado", para Vargas, candidatar-se. [...] O relaxamento dos controles do governo tornou mais ousadas as vozes de protesto. Poucos agora duvidavam de que o Brasil estivesse às vésperas da reabertura de seu sistema político.

E assim ruiu a primeira parte cinza de nossa história.

A segunda fase autoritária tropical, Militares: Golpe de 64, AI-5, Milagre Econômico e Generais (1964-1985)

Se por um lado a Era Vargas tivesse sido fortemente personalista, o Golpe de 64, que perdurou por 21 anos, dividiu este poder entre militares e civis (com maior ou menor apoio da população, conforme o andamento do período).

Como em 1930 e 1937, antes de se conflagrar o regime de exceção de 1964 no Brasil, muitos fatos ocorreram. Ano após ano da deposição de Vargas, em 1945, era cada vez mais cristalino que os militares iriam tomar o poder. Após a Segunda Guerra⁷, o Brasil conviveu com o acirramento político interno e a exacerbação do nacionalismo, dominando toda a cadeia social. Viriam mandatos de presidentes de várias tendências e formas de governar: Dutra, novamente Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio

⁷ O preâmbulo da ditadura militar é muito importante para entender o que viria. Estará mencionado no Memorial.

Quadros (Figura 23) e o derradeiro mandato de João Goulart, e isso configurava uma democracia ampla, embora bastante frágil.



Figura 23 – Jânio Quadros em discurso (início da década de 1960) (fonte: <http://i1.r7.com/>)

Viveu-se em um período de potente expressão popular e ascensão política. Na economia, novamente patinávamos, conforme a política governamental. O nacionalismo custava muito caro nessa época, pois não tínhamos uma produção vigorosa o suficiente para sustentar o mercado interno, criando um crescente aumento da inflação. Mais, nos endividávamos bastante com nossas manobras de industrialização e infraestrutura, como com a flutuação do preço e vendas do café. Nascia Brasília e a Volkswagen, a Petrobrás e a BR-010, os partidos UDN, PSP, PDT, PDC, PSD e PTB, como voltas e saídas do PCB. Era época de Bossa Nova, Carnavais, Rádio, Novelas, início da televisão, como também da ascensão exponencial da classe média e dos sindicatos.

No exterior, crises e mais crises se conflagrando com o acirramento da Guerra Fria e a bipolarização Comunismo versus Capitalismo: Guerra das Coreias, Revolução Chinesa, corrida científica e armamentista, Plano Marshall, reconstrução europeia pós-guerra, abstracionismos nas artes, jazz, rock, blues, e uma sociedade cada vez mais incutida nas discussões globais. Esse clima, por sinal, bélico e político em demasia, foi um

dos maiores motivos para termos tido tentativas de golpe e o próprio golpe por parte dos militares.

Em três momentos, 1954, 1955 e 1961, por razões de específicas de troca de governo, houveram crises que quase permitiram uma antecipação da Revolução de 64. Em 54, o clima político estava muito exaltado, as medidas governamentais de Vargas, já em seu segundo mandato, alternavam muito entre o nacionalismo moderado e o radical, os militares estavam descontentes, a oposição, liderada pela UDN de Carlos Lacerda atacava rotineiramente e vigorosamente seu governo, principalmente quanto ao seu ministro do trabalho, João Goulart, e a economia não ia bem. Tudo estava pronto para uma deposição de Getúlio, apoiada pela oposição e os militares em sua extensa maioria, mas... o presidente se suicida e com isso frustra as intenções lacerdistas e da camada direitista do Exército, como elucida Skidmore (1979, p.180):

A reação do povo surpreendeu seus oponentes. Uma onda de simpatia por Getúlio envolveu o país. Lacerda, o jornalista da cruzada, cuja coragem havia galvanizado a oposição, precisou se esconder e pouco depois deixava o país à espera que a fúria do povo amainasse.



Figura 24 – General Lott e Juscelino (década de 1950) (fonte: <http://veja.abril.com.br/>)

Em 55, novamente um imbróglio entre os políticos ameaçava a nação com uma intervenção militar, que de fato houve. Por doença, o presidente em exercício, Café Filho, foi afastado e ia assumir o presidente da Câmara, Carlos Luz. Contudo, estava-se

arquitetando um golpe contra os futuros governantes, que já eram conhecidos pelas urnas, Juscelino Kubitschek e o vice João Goulart, personagens de centro-esquerda na política brasileira, mas que eram qualificados sempre como de extrema esquerda ou de prosseguimento do varguismo. Coube ao Ministro do Exército, General Lott, encabeçar uma ofensiva em defesa da legalidade e da posse do próximo governo, afastando Carlos Luz e até mesmo Café Filho quando este se recuperou do seu incidente cardíaco. Foram dias de intervenção do Exército no Catete na espera dos futuros comandantes do país e mais uma vez os militares de extrema direita e os opositoristas civis tinham seus planos diluídos (Figura 24).

A última tentativa antes da imposição do regime foi em 1961. Novamente saía de cena um presidente, agora Jânio Quadros, e ia tomar posse um vice. O problema dessa vez era que João Goulart⁸ era este vice-presidente, e, pela sua reputação frente aos militares e a oposição, era inadmissível seu mandato. Ocorreram muitas manifestações, pleitos no Congresso, discursos, mudanças de tipologias de governo e ânsias de intervenção, mas com manobras políticas foi-se apaziguando os ânimos e Jango (apelido do presidente) assumiu o cargo. Embora tivesse conseguido ser presidente, seu governo sempre foi questionado, pois seu histórico como suas medidas frente ao Brasil eram totalmente associadas ao comunismo, que mais do que nunca era abominado pelos que não eram partidários da ideologia.

O estopim foi em 1964, quando em março, as promessas que estavam se articulando nos ministérios e no Planalto pareciam evoluir com um inflamado discurso do presidente na Central do Brasil, Rio de Janeiro. Defendendo as Reformas de Base, mudanças estruturais vigorosas em quase todo o sistema brasileiro (político, econômico, jurídico e social), fez-se o pretexto para o confronto direto com a oposição, que agora era generalizada (excluindo os verdadeiros esquerdistas e trabalhadores de baixa renda urbanos) (Figura 25).



Figura 25 – Jango discursando para milhares de pessoas na Central do Brasil (fonte: <http://4.bp.blogspot.com/->)

⁸ O ponto chave para a cisão. O período João Goulart é importante de ser retratado. É o acúmulo de decisões e eventos que alicerçam as bases do regime militar. Importante para o Museu.

Veio a Marcha da Família com Deus pela Liberdade⁹ (Figura 26), tomando várias vezes as ruas de São Paulo e Rio de Janeiro em protesto a “comunização” exercida pelo governo. O anticomunismo estava estampado na Igreja Católica, majoritariamente nos meios de comunicação, nas donas de casa, na classe média e rica, nos partidos de oposição e ... nos campos militares.



Figura 26 – Marcha da Família com Deus pela Liberdade (fonte: <http://oglobo.globo.com/>)

Deu-se então, entre 31 de março e 1 de abril, a tomada de poder (Figura 27). Há várias versões que explicam o fato e as posições dos envolvidos. O registrado foi o destacamento das tropas de Olímpio Mourão Filho de Juiz de Fora, Minas Gerais, com apoio polarizado em vários outros estados, para o Rio de Janeiro para tomar a força o poder de Jango (este fugindo para Brasília, Porto Alegre e depois Uruguai). Relatos expõem que poderia ter acontecido uma guerra entre a proteção governamental e os rebeldes, como também há argumentos que mostram diferenças de forças entre os dois lados e os motivos de o presidente não ter combatido.



Figura 27 – Tropas de O. Mourão Filho em marcha (fonte: <http://www.smabc.org.br/>)

A Ditadura Militar (1964-1985)¹⁰ não é um compêndio uníssono, em que há uma só forma de governo e acontecimentos e reações semelhantes em todo seu prosseguimento. A mesma foi um espaço temporal de sangue, tentativas de discurso, desenvolvimento, recessão, censura e vertentes diferentes de governo e projeto.

O primeiro governo da ditadura não se assemelha a nenhum outro do período militar. O General Castello Branco (1964-1967) (Figura 28) assume com intuito de desestabilizar o perigo vermelho, organizar os poderes e logo delegar novamente o governo aos civis. Foi um período, em que a linha moderada (ou Sorbonne) estava no poder, mas com a linha dura bem articulada por de trás.

A linha moderada era composta pelos militares ditos mais intelectuais e também com mais flexibilidade, tanto a liberdade de expressão quanto a política governamental; tem um pensamento mais suave, embora de forte autoridade. A linha dura detinha os

⁹ Movimentos como este serão mencionados no Memorial, pois são memórias do apoio do povo para a instauração do regime autoritário.

¹⁰ A Ditadura Militar no Brasil terá salas próprias no Memorial. A amálgama dos conteúdos poderá estar dividida em seus períodos de Governo e nas suas personagens, como nas importantes peças do período:

Infraestrutura, Interiorização, Subversão, a Industrialização, Contexto Mundial político, social e ideológico, a Censura e a Repressão, Contrarrevolução, Cultura, Militares.

direitistas mais inflamados, com um medo exacerbado do comunismo e da subversão, suas atitudes sempre foram zelosas ao desenvolvimento nacional próximo a exclusão dos dissidentes, sendo quase sempre intolerante a críticas e marcando com vigor todas as suas ações. Sendo assim, por haver uma dualidade muito grande dentro do Exército e sendo ainda um início de regime, as medidas adotadas não respeitavam por completo as ideias do presidente. Muitos mandatos foram cassados, inclusive de ex-presidentes, a oposição foi perseguida, vários partidos foram eliminados e os primeiros Atos Institucionais foram anunciados (AI's). Eis o momento em que se criam as bases regulamentatórias e econômicas primordiais da ditadura, como vários órgãos de fiscalização, institucionalização, estatização e controle (planos financeiros, congelamentos e baixas salariais, planos de desenvolvimento e órgãos como o SNI), principalmente devido aos altos índices de endividamento e inflação e a uma nova forma de governo.

Esse começo também foi sinalizado por um apoio maciço da população, crendo ser a alternativa militar a única resposta viável para deixar o país de novo nos eixos. Contudo, na medida que se iam passando os anos, essa "alternativa" ia perecendo nas multidões, e devido a ainda incipiente força repressiva, protestos eram organizados.



Figura 28 – Castello Branco sendo saudado (Meados da década de 1960) (fonte: <http://www.brasilecola.com/>)

Verificando-se que ainda havia muito o que fazer, a tão esperada volta do poder aos civis não vem. A linha dura consegue se estabelecer na frente governamental e sucede Castello. Eis que surge o espaço temporal devidamente apelidado de anos de chumbo brasileiro.

Por eleição interna militar e indireta no Congresso, assume o cargo o General Arthur da Costa e Silva (1967-1969) (Figura 30). Apesar de curto mandato, devido a um forte problema cardíaco que culminou em sua morte, Costa e Silva muito trabalhou como Branco. Foram dois anos e meio de completas mudanças de paradigma e contexto econômico, político e externo. A linha dura no poder herdou os benefícios do arrocho feito pelo predecessor. Surgia o aclamado "milagre econômico":

A melhor herança recebida por Costa e Silva é a econômica. Castello não colhe os frutos das reformas que empreendeu nem da severa política fiscal e monetária que patrocinou a ferro e fogo. [...] Aproveita-se objetivamente a fase favorável da economia internacional. Tomaram-se empréstimos, estimula-se a entrada de capitais, diversifica-se a pauta de exportações, particularmente as de produtos industriais [...] Proliferam os investimentos privados [...] (COUTO, 1998, p. 86).

É importante frisar que o fomento econômico era tão vertiginoso que esfumecia as grandes mazelas que o povo passava, como também censurava. A classe média estava em pela ascensão e com um alto poder de compra. No entanto, pelos fatores de concentração de poder e também pela ligeira repressão e censura que já era imposta, protestos e discursos contrários fervilhavam. As guerrilhas armadas surgiam e com elas os atentados, sequestros, roubos e militância. Nesse clima hostil, e também pelo famigerado preconceito aos vermelhos e a 'subversão', a ditadura também se acirrou. Foram cada vez mais combatidos os meios de comunicação, culturais e populares que tinham alguma alusão contrária ao regime (Figura 29), por meio de atos institucionais (como o AI-5) que mais delegavam forças aos militares, tortura, perseguição e censura. Morreram centenas de pessoas, civis ou não, militantes ou não, como o estudante Édson Luis.

Fora do ambiente brasileiro, movimentos parecidos eram articulados por toda a América Latina, como o mundo bipolar mais e mais se parecia com um jogo de xadrez sangrento, onde o Vietnã do Sul e do Norte eram os peões branco e preto da vez. Era um caos tão intenso, moldado pelas restrições civis, que eclodiam dezenas de protestos pelo mundo: movimento feminista, hippie, por direito dos negros, de estudantes na França, contra os governos, contra a guerra, contra o colonialismo. O rock estava em seu auge com facetas de Beatles e de The Doors concomitantes. A corrida nuclear e espacial era

travada centímetro por centímetro, com a chegada do homem na Lua e testes de bombas atômicas.



Figura 29 – Repressão policial (fonte: <http://midia.portalbei.com.br.s3.amazonaws.com/>)

Aqui, ao mesmo tempo existiam os extremistas, guerrilheiros do VPR, ANL, MR-8, como a “subversão” do Pasquim, dos festivais de música, de Vandrê e Caetano, do Tropicalismo, numa produção cultural que atacava artisticamente e sem armas a ditadura. Ocorria o apolítico com a Jovem Guarda e uma produção jornalística ainda pouco censurada, caso da Veja. Era um contexto que só respaldava o militarismo e a perspectiva da linha dura. Os moderados não tinham como argumentar nesse período e o endurecimento foi mantido com a nova eleição.



Figura 30 – Edição da Veja com Costa e Silva sentado no Congresso vazio (fonte: <http://2.bp.blogspot.com/>)

Pelo impedimento de Costa e Silva, e com a eleição feita pelos métodos não ortodoxos já conhecidos, entra em cena uma Junta Militar e depois General E. Garrastazu Médici (1969-1974) (Figura 31). É surpreendente como o período mais sangrento da ditadura tenha sido o mais popular do regime, mas os fatos ilustram bem que isto era inevitável.

O Governo Médici deu prosseguimento ao caminho traçado da linha dura, modificando-o em prol da permanência do regime, como também de sua face

“democrática”. Diferentemente de Costa e Silva, o uso da propaganda foi ostensivamente empregado, ao mesmo tempo que o processo de endurecimento de perseguições também cresceu. Por ter tido um mandato completo, foram utilizados de forma ampla os meios cabíveis de autoridade. O AI-5 foi empregado largamente no Brasil e a esquerda armada sucumbiu frente as perdas por morte, prisão e exílio. A repressão era muito forte e a censura encaminhava-se para um aparato nunca antes visto, frente a criação de três órgãos meticulosamente sombrios: DOI-CODI, OBan e DOPS, as polícias de perseguição, censura e tortura:

Ao lado do desenvolvimento brilhante da economia, que a comunicação e a propaganda oficial creditam ao governo, o quadriênio do presidente Médici é também o auge da radicalização política do regime militar, do autoritarismo e da repressão. A oposição política, alvo de centenas de expurgos nos dois governos anteriores [...] está debilitada. Os movimentos sindical e estudantil estão enfraquecidos [...] As forças de segurança, militares e policiais, com ampla liberdade de ação e, muitas vezes, com exageros típicos da arbitrariedade ditatorial, como prisões descabidas, torturas, sequestros e mortes combatem e vencem a esquerda armada. A luta é desigual [...] (COUTO, 1998, p. 111).

Outros depoimentos confirmam a versão do historiador:

“Dez marginais por cada policial morto” era a palavra de ordem do Esquadrão [...] Paralelamente à eliminação das vítimas, a quadrilha desenvolvia, desde então, verdadeira campanha publicitária, através de misteriosos telefonemas anônimos à imprensa, que se encarregaria em poucos meses de celebrar a denominação de Esquadrão da Morte (FORTES, 2012, p. 40).

Àquela altura, cada dia em liberdade era visto por nós como mais um dia em que tínhamos sobrevivido. Os simpatizantes, que, antes, mostravam-se solícitos e eram em número expressivo, se afastavam, com um natural temor diante da violência e da eficiência da repressão política (BENJAMIN, 2013, p. 36).

Como já dito, a propaganda foi amplamente usada. A televisão estava ocupando muitos lares brasileiros com o aumento da qualidade e a facilidade de acesso que agora se configurava. A Seleção Brasileira de Futebol ganhava o título da Copa do Mundo e isso balizou mais slogans positivos do regime (Figura 32). Não somente por haver meios de divulgação, mas por ter prosseguido o “milagre econômico”, esta propaganda fortalecia a ditadura e o presidente:

O governo Médici não muda a política econômica que vinha desde 1967, sob Costa e Silva. Um de seus fundamentos é a aliança entre governo e empresários. O setor público no entanto, tem influência crescente na gestão da economia. Eleva significativamente seus investimentos e amplia seu papel regulamentador, com acentuada centralização de decisões (COUTO, 1998, p. 110 e 111).



Figura 31 – O general Médici (fonte: <http://upload.wikimedia.org/>)

Outros grandes acontecimentos foram as obras governamentais. A partir de Médici é que temos um real fomento de infraestrutura no governo militar. Hidrelétricas, estradas, cidades, tudo era construído e mostrava a virilidade do golpe, demonstrando como tudo isso era possível graças aos militares.

Se a tortura e a perseguição aconteciam livres e o que era estampado era a “felicidade” da nação por meio dos benefícios adquiridos, o mundo pouco mudara do contexto que seu predecessor já havia conferido. Menos pressões, mas ainda grande estandarte cultural e bélico. Foi o período mais controverso do regime, em que certamente podemos usar a expressão “dar com uma mão e tirar com a outra”. No caso, a balança tinha a liberdade e o desenvolvimento, em lados opostos e não mutáveis.



Figura 32 – Propaganda do período (fonte: <http://www.paranaimprensa.com.br/>)

Já prosseguimento era o começo do fim e o alento da esperança para tantos anos de guerra interna. Após Médici, veio o General Ernesto Geisel (1974-1979) (Figura 33) com o célebre discurso da distensão “lenta, gradual e segura.

Seu período compreendeu a volta da linha moderada ao governo e com isso, articulada, a volta do planejamento do poder para os civis. Conforme seu discurso, o processo foi moroso no sentido da abertura. Foram cinco anos de avanços pequenos e parcelados, totalmente planejados, no sentido da volta a civilidade. Diminuição da tortura, mudanças de comando e conduta dentro das instituições, baixa da censura e retorno sutil da oposição. Existiam dois partidos: os situacionistas do ARENA e a oposição do MDB. Estes já tinham nascido dentro dos primeiros governos militares, mas tecnicamente, só com a possibilidade real de debate, com crescimento do pleito dos oposicionistas, é que podemos de fato crer em um Congresso. Antes o ARENA era muito vasto, com maioria absoluta na assembleia, sendo esta acometida diretamente pelo Executivo. Foram anos e anos até a oposição ganhar fôlego novamente. No governo do quarto general, portanto, tivemos um engate do debate e da discussão.

A volta planejada para os civis também estava atrelada ao desgaste dos militares frente a população. Cada vez mais o povo reconhecia a situação como uma ditadura, como um espaço temporal não condizente com a liberdade. Esse reconhecimento, além da divulgação clandestina pela mídia das atrocidades cometidas pela repressão, vinha também dos números econômicos. O Brasil galopava a passos mais lentos do que nos cinco anos anteriores, reação frente ao endividamento exorbitante, a crise do petróleo e o aumento cada vez maior da inflação, tendo greves em diversos setores. Mesmo assim, de 1974 a 1979 também foi um período de investimento público intenso na infraestrutura do país. Mais rodovias, mais hidrelétricas, pontes, cidades, usinas nucleares, enfim, mais experiências de ligação entre o sul rico e o norte pobre como também de base para a economia (Figura 34).

Não somente a economia diminuía o ritmo, como mortes suspeitas e emblemáticas de líderes antigos ocorriam. Juscelino, Jango e Lacerda, todos morreram durante o governo Geisel, e isso comoveu, principalmente pelo primeiro, a nação, tendo vista a história e o que se tinha feito dela.



Figura 33 – Charge de Geisel em alusão a sua política de abertura (fonte: <http://1.bp.blogspot.com/>)

Apesar dos avanços em prol da democracia futura e distante, houve ainda repressão e cassação de mandatos. Casos revoltantes como de Fiel Filho e Vladimir Herzog mostravam a população o quanto eram expostos os homens e mulheres presos ao inferno (como mostraremos no próximo tópico). A propaganda não adiantava como antes e nem era prevista.

Já o que se via no exterior não tinha nada de gradual. Enquanto aqui o regime se debelava, mesmo que a passos lentos, Chile e Argentina¹¹ entravam com vigor na esfera da ditadura militar. Do meio para frente do mandato do presidente, os Estados Unidos, com Jimmy Carter, também atenuavam e reavaliavam sua posição quanto ao militarismo sul-americano. A União Soviética começava a dar indícios de fragilidade, o mundo mulçumano erguia-se à parte e o imperialismo europeu frente a África e a Ásia quase se esfrelava por completo. Tínhamos as crises do petróleo, com prejuízos decepcionantes a toda esfera global.

¹¹ As interconexões com as ditaduras latino-americanas merecem um espaço no Memorial.

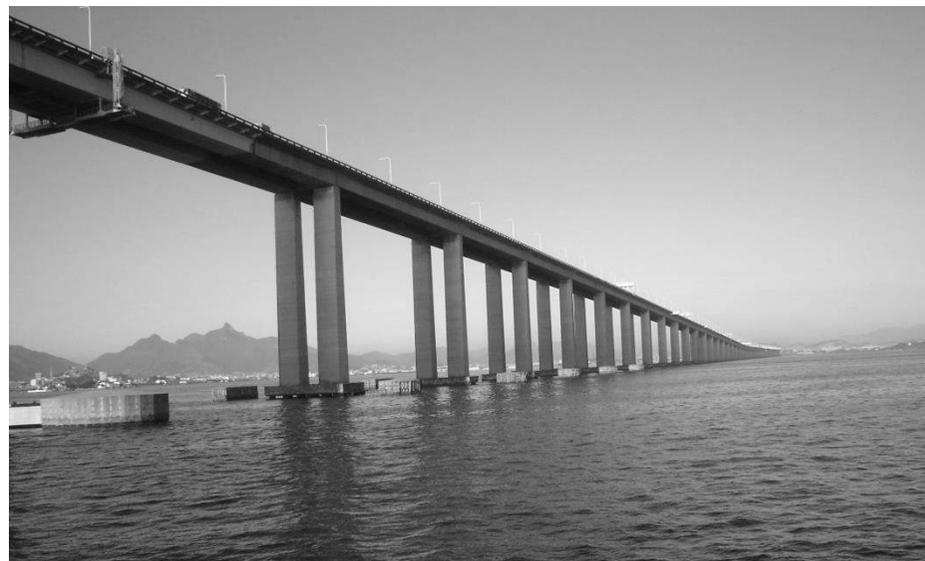


Figura 34 – A Ponte Rio-Niterói, de 1974 (fonte: <http://upload.wikimedia.org/>)

Voltando ao Brasil, a contravenção cultural ainda sobrevivia com pseudônimos e a MPB e o Samba fundavam-se novamente. O futebol era a alegria quase que única do povo e o perigo vermelho perdia sua famigerada fama frente a população. Esse foi o penúltimo governante militar do Brasil. Diante de avanços curtos, voltas midiáticas e estranhas, como a do Pacote de Abril e da Lei Falcão, foi-se seguindo o caminho que irromperia em 85.

O último presidente do regime militar foi o General João Baptista Figueiredo (1979-1985)¹² (Figura 35). A tão esperada abertura política viria em seu governo, como também o início da hecatombe econômica dos anos 80. Sua presidência teve as grandes

¹² Os episódios da dissolução da ditadura militar são únicos e devem ser reportados em espaço próprio no Memorial. A Anistia e a Redemocratização, com eventos como as Diretas-Já e o atentado do Riocentro.

considerações da composição da democracia, mas a falta de pulso e os problemas internos e externos também causaram um grande tumulto na direção para este caminho.

A economia ia de mal a pior. A inflação estava descontrolada, os salários estacionados, havia perda de produção, como crises financeiras mundiais.

Os outros números vinham dos ataques físicos, que partiam de todos os lados, inclusive dos próprios militares. Vários atentados e chacinas ocorreram nesse período, mas a censura quase se extinguiu e isso facilitou a aceleração de todos os fatos. A distensão estava, por fim, com dia marcado e não mais poderia esperar.

Apesar de não ser o precursor, Figueiredo foi o governante que assinou a lei da anistia e que acabou de vez com a maioria dos atos institucionais. Voltavam as ruas e ao país todos os que tinham sido exilados ou expulsos do Brasil. Mais, o povo criava coragem para ir as ruas e defender seus direitos. Foram inúmeras greves, como protestos e passeatas, sendo as mais emblemáticas as das “Diretas Já” (Figura 36).



Figura 35 – O presidente Figueiredo (década de 1980) (fonte: <http://4.bp.blogspot.com/>)

Surgia o pluripartidarismo, e ARENA e MDB fomentaram divisões e mais divisões junto a militantes de fora com PT, PDT, PMDB...

Ao lado, Argentina e Chile viviam a agonia das ditaduras, em seu auge repressivo. Acontecia a Guerra das Malvinas, os Governos de Margaret Thatcher e Ronald Reagan decretavam juntos uma ampla aliança que fomentou o decaimento mais vertiginoso da doutrina soviética, democracias surgiam, crises cambiais apareciam e mostravam as fragilidades do liberalismo. Na esfera sociocultural, o pop dominava as rádios, algo que ainda não parou, e a era da informática nascia.



Figura 36 – As manifestações das Diretas Já (fonte: <http://www.oabsp.org.br/>)

O governo Figueiredo, podemos assim dizer, estava sendo um grande espaço de corta-fogo, em que ocorria a transição da ditadura para a democracia. Todos os embates foram criados e todo o contexto, externo e interno, pediam para o fim de um dos capítulos mais trágicos, embora com as ressalvas do desenvolvimento, de nossa história. Acabou em 1985?



Figura 37 – Charge sobre a Anistia, de Solda (década de 1980) (fonte: <http://torturanuncamaispr.files.wordpress.com/>)

O caso particular da tortura¹³

Apesar de haver contexto, economia, política, sociedade e vários outros fatores envolvidos, o que realmente ressalta ao ler a palavra ditadura é quase sempre as torpezas do regime. No caso, a tortura foi uma das heranças mais difíceis que recebemos do Estado Novo (um pouco antes até) e do Regime Militar. Isso não tem versão A e B com justificativa, réplica e tréplica. São pessoas que levaram choques, pancadas e morreram.

Para explicar melhor como se dava a tortura, nada mais revelador do que os depoimentos da literatura, que mesmo com essa escalada temporal, não mudam em seu diagnóstico, seja 37 ou 68:

A pessoa que estava ali, sentada sobre um caixote de madeira, não guardava a menor semelhança com o alemão robusto, cujas fotos examinara na embaixada. Ewert estava dramaticamente enfraquecido, tinha o polegar esquerdo roxo e inchado como uma fruta, e as marcas e cicatrizes espalhadas pelo corpo, não deixavam dúvidas sobre o que Galvão lhe contara: o homem apanhara como um animal (MORAIS, 2004, p.111).

Como uma das fórmulas de abalar sua estrutura emocional, os torturadores da Polícia Especial, onde ela estivera presa por três meses, aplicavam-lhe uma violenta surra todas as noites, pontualmente às três da madrugada. Essa regularidade na tortura deixara Sabo de tal forma neurotizada que ali, na Detenção, onde não havia castigos físicos e estava entre amigos, as sequelas permaneciam (MORAIS, 2004, p.153).

A um canto, o advogado Nunes Leite se encolhia, isento de pensar... Um pobre vivente cheio de pavor. Ouvia falar decerto em fuzilamento, sentira as palas penetrarem-lhe a carne trêmula, o desmaiado coração (RAMOS, 1981, p.76).

Nu, completamente nu. Obrigam o paciente a sentar no chão. Amarram-me as mãos, que protegem com uma cobertura de pano, uma contra a outra. Forçam-no

fatos dos dois períodos ditatoriais brasileiros. Isso também marca um espaço próprio da repressão e da censura

¹³ É o que é lembrado, as memórias ruins, toscas e hostis. As mais marcantes. No Memorial, deve-se ter um espaço dedicado a tortura. Não somente o método, mas também o torturador e o torturado. São

a manter os joelhos unidos dobrados contra o peito e envolvidos pelos braços amarrados. No vão entre o braço e o joelho enfiam uma barra de ferro e penduram-na – penduram-me – em dois cavaletes. Rápidos, eficientes, bem treinados (FORTES, 2012, p. 23).

Na volta todos se precipitam para saber como transcorreu o interrogatório. A esta rotina imperturbável, o nosso instinto de sobrevivência moral, digamos, tenta inventar por todos os meios possíveis uma variada e também semiclandestina estratégia de resistência (FORTES, 2012, p. 37 e 38).

- Onde cêis tavam? Vamo, fala logo...

- No cinema.

- Mentira, que filme? Que cinema? Vamo...

E lá vai bofetada.

(FORTES, 2012, p. 47).

- Olha, amigo, daqui a pouco a gente volta pro repique. Certo? Repique! Sabe o que é repique? O negócio é que cê num falô tudo. Dá um tempinho ai que daqui a pouco a gente volta de novo pra conferir, pro repiquesinho e então cê conta tudo... Tá legal? (FORTES, 2012, p. 59).

Os choques, a quaisquer que fossem, eram considerados pela maioria a pior forma de tortura. Mais até que o afogamento. Já o pau de arara, que não deixava de ser, também uma modalidade de tortura pelo incômodo e pelas dores no corpo que causava, era sobretudo uma posição na qual o preso era submetido a outros tipos de suplício (BENJAMIIN, 2013, p. 47).

Ainda nessa noite, Lobo me injetou pentotal na veia, o chamado “soro da verdade” (BENJAMIIN, 2013, p. 355).



Figura 38 – Choques elétricos (fonte: lh3.googleusercontent.com)

As prisões e delegacias não eram tão diferentes das que hoje existem:

- É muito perigoso aproximar-se do morro de Santo Antônio, que está minado e eletrificado. Debaixo de um “chapéu-de-sol”, no alto do morro, está instalada uma guarnição com três metralhadoras, tornando praticamente impossível a fuga do prisioneiro. As cercas de arame farpado estão ligadas a uma rede de alta voltagem, o que constitui sério perigo para a vida daqueles que tentarem contrafazer a ordem estabelecida (MORAIS, 2004, p.157).

A cela era um cubículo de dois metros por dois, com chão de cimento áspero, um colchão fino, colocado sobre uma laje de concreto, um ralo coberto de flanela – “eu devia ter trazido o navio”, arrependeu-se ela -, uma pia e uma latrina no chão. Esticando-se nas pontas dos pés ela conseguia ver o pátio interno através de uma pequena claraboia cortada na parede e defendida por grades de ferro (MORAIS, 2004, p.18 e 187).

Monotonamente análoga à que se consome nos cativeiros políticos espalhados elo mundo afora e de que nos dá notícia a crônica inflacionada deste século enfermo. Espaço obviamente diminuto: a cela propriamente dita é um estreito corredor ao lado onde se dispõe ao meio uma pia, numa das extremidades uma cloaca [...] um cano de onde se chuveira [...] Assim é a paisagem interna da OBan (FORTES, 2012, p. 35).

O local era a prova de som e sem janelas. Encostado a uma parede ficava o pau de arara. No lado oposto, havia uma mesa, algumas cadeiras e um falso espelho que servia para alguém, do lado de fora, pudesse acompanhar o que acontecia ali sem ser visto. A sala tinha uma luz roxa [...] (BENJAMIIN, 2013, p. 44).

“Os policiais, então, me isolaram, sob o argumento de que minha atitude poderia “contaminar os outros”. Fui posto numa solitária minúscula, sem grades, janelas, nem nada dentro. Tinha mais ou menos, 1,20m por 0,80m. A porta era de ferro maciço, e ela era chamada pelos policiais de “ratão” (BENJAMIIN, 2013, p. 89).



Figura 39 – A prisão (fonte: <http://plaggiado.blogspot.com.br/>)



Figura 40 – Antigo DOI-CODI em São Paulo (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/DOI-CODI>)

Quão nefasto é o mundo da perseguição. A tortura ainda nos persegue? Hoje ela de fato é criminosa, pois apesar de doentia, nos períodos citados ela era estatal e validada. Não tem como analisar as ditaduras do Brasil sem assim revela-las.

Análise rápida dos regimes

O que une e o que diferencia os dois espaços temporais e governos mais autocráticos que já tivemos neste país?

Getúlio Vargas	Ditadura Militar
<i>Semelhanças</i>	
Uso da perseguição, prisões e tortura	
Criação de polícias e destacamentos especiais de proteção	
Desenvolvimento econômico e de infraestrutura marcantes	
Nacionalismo	
Repúdio ao Comunismo	
Censura aos meios de comunicação e a oposição	
Popularidade (quando analisamos majoritariamente tanto a população quanto o período)	
Golpe de Estado para ascensão do poder	
<i>Diferenças</i>	
1930 (1937) - 1945	1964-1985
Burocratização	Racionalização
Personificação	Grupo Militar
Segunda Guerra Mundial	Crise dos Mísseis, Revolução Cubana, Chinesa, e Guerra do Vietnã e das Coreias ocorridas ou ocorrendo
Nazi fascismo e Comunismo	Guerra Fria
Intelectualidade produzindo com pouca censura	Forte censura a cultura

Industrialização	Câmbio e forte modernização da infraestrutura
Médio crescimento econômico e início da mudança do café para outras produções)	Forte crescimento (Milagre Econômico e economia mais diversificada)
Propaganda larga	Pouca propaganda do regime (comparando ao aparato de Vargas)
Apoio das elites e da massa	Apoio somente inicial das elites e da massa, com um desgaste grande a cada ano
Poucas ou nenhuma revolta	Guerrilhas armadas, protestos
Leis de proteção e incentivos a massa da população (CLT...)	Atos Institucionais
Pouco investimento militar	Alto investimento militar
Perseguição de Comunistas	Perseguição generalizada, tendo principalmente comunistas como foco
Igreja Católica apolítica	Igreja Católica contra o regime (depois de um entendimento geral da revolução como ditatorial por parte da mesma)
Total exclusão da mídia	Mídia clandestina e ascensão legal a partir de Geisel
Pouco investimento no interior	Grande preocupação com defesa e soberania nacional, tendo foco na interiorização do país

Sendo assim, o que parece ser mais marcante desta tabela é ver como há uma proteção com cortinas de legalidade dos regimes, pautada principalmente pela propaganda e evoluções significativas econômicas. Esta cortina protegia as mazelas impostas ao povo e principalmente a oposição, em uma crucificação grotesca. Enquanto havia desenvolvimento em uma mão, também havia o submundo do crime na outra, e isso é igual para os dois regimes. São mudanças contextuais, mas a essência autocrática é a mesma.

Ao olhar para trás, são variados os entendimentos das estruturas. Quanto ao Estado Novo, ou a Era Vargas, muitos compreendem com o olhar da burocracia, como

um governo de instituições memoráveis, avanços inquestionáveis na área industrial e das leis. As massas da década de 30 também veem o governo de Getúlio como o melhor dos mundos, o “Pai dos Pobres”, pelas leis de proteção e salário mínimo, por exemplo. Outros, como antigos militares, como Juarez Távora, lacerdistas e muitos esquerdistas encaram mais pelo lado do autoritarismo e da política “nefasta” do ditador (Graciliano Ramos entendia o governo como um “fascismo tupiniquim”, por exemplo).

A ditadura militar está ainda fresca na memória e temos muita gente que ainda convive com esse passado em sua cabeça. É um pouco mais difícil encontrar pessoas fora do Exército, Marinha, Aeronáutica e Polícia com um pensamento positivo quanto ao período. A maioria se abstém, é fortemente contrária ou tem uma opinião que busca a balança dos bons e maus momentos do regime militar. É interessante ver que pessoas da mesma idade, que conviveram juntas, podem ter perspectivas tão divergentes. Arenistas e vários homens que passaram dentro do governo de 1964, creem que fizeram um bem enorme para o país, encaram até como a “Revolução Democrática de 1964”. Isto tudo é muito balizado pelo fervor ideológico que compõem a disciplina militar, outros é por pura hipocrisia e fome pelo poder, que era concedido pelo fato de ter havido um governo assim. Já os guerrilheiros, da luta armada mesmo, hoje se dividem em opiniões quanto a sua participação: era necessário impor armas? Cid Benjamim e Fernando Gabeira acham que não. No entanto, compartilham a visão que o regime autocrático não foi benéfico para o país.

A massa, que era mera espectadora e não sentiu além da economia as vias de fato, hoje se abstém pela falta de informação, e os que pesam são mesmo os ponderados, que buscam entender o processo, sem justificá-lo, é claro. Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, enxerga que o país passou por um grande processo contraditório, como aqui afirmamos, uma modernização conservadora. Não apoia a ditadura de forma alguma, mas vê que houve desenvolvimento (econômico e social) no país. Em entrevista à Revista Cultura, Mauricio Duarte (entrevista à Revista da Cultura, edição de março de 2014), jornalista, comenta:

Quando pensamos na ditadura militar que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985, imediatamente nos vêm à cabeça associações negativas, como censura, tortura

e restrição dos direitos individuais. Não sem razão, já que foram 21 anos de escuridão. Mas será possível que, mesmo diante da treva mais profunda, algo de positivo possa brotar? Embora delicado e controverso, o tema é pertinente em um país que ainda se considera em construção. Investigar o que herdamos do regime, social, econômica e culturalmente, para o bem e para o mal, é um exercício de cidadania.

Para o historiador Marco Antonio Villa, autor de *Ditadura à brasileira*, apesar do terror, houve um legado que não deve ser ignorado. “As obras de infraestrutura que criaram as condições para o grande crescimento econômico entre os anos 1968-1978 foram importantes. Para o bem ou para o mal, especialmente na presidência [Ernesto] Geisel, o governo tinha um projeto nacional, o que, atualmente, não temos. E não é de hoje, isso vem desde a última década do século 20”, afirma.

Há também quem acredite que o regime funcionou como o pior tipo de vacina que pode existir. Aquela que dói muito, mas impede que um mal maior retorne. “A única coisa positiva que a ditadura deixou para o país foi aprender a valorizar a democracia e a rejeição às soluções de força. Assim como desconfiar quando a mídia fala que defende a democracia, porque usou esse pretexto para pregar e apoiar as piores violações da democracia que o Brasil conheceu”, explica o sociólogo Emir Sader, autor de *Estado e política em Marx*, a ser lançado em junho.

Quando se pensa em algum legado da ditadura que não seja funesto, é preciso pensar também em quem esse legado beneficiou. “Mas a grande questão é: para quem? Ou melhor, qual a classe social que se beneficiou com a ditadura civil-militar no Brasil, a partir de 1964? E a resposta a essa questão é muito clara: a burguesia brasileira”, diz o cientista político Anderson Deo, autor na coletânea *Ditadura: O que resta da transição*. Mas qual seria esse benefício? “Entendo que o regime autocrático que se reproduz entre 1964 e 1985 consolida o processo de objetivação do capitalismo no país, ou, dito de forma conceitual, da revolução burguesa no Brasil. É nesse período que o complexo industrial se completa, que o mercado interno se consolida, abrindo espaço, inclusive, à formação de um capital financeiro”, completa.

Então, verifica-se que não é nada fácil ou simples compreender a exceção da autocracia. Tem todo tipo de versão e o tropicalismo despótico que criamos aprofundou por completo os conceitos do que é ditadura.

O pós-medo¹⁴

Hoje, apesar da violência, guerras, protestos e prisões sem sentido ainda ocorrendo, estamos em um período em que temos relativa segurança para ao menos argumentar sobre o que pensamos.

A abertura trouxe à tona a democracia que vem se construindo dia após dia no Brasil. O que virá pela frente? Mais liberdade, é o que esperamos. Um país melhor, sem pobreza e sem números elevados do PIB próximos de números altos de prisões e mortes.

Passaram-se eleições, e novas passarão.

São muitos partidos agora.

Não se é preso mais por ser comunista.

Infelizmente, pela conduta na ditadura, os militares não têm o mesmo crédito que tinham quando a começaram, o que cria um clima de desconfiança.

Os ricos continuam dominando as decisões políticas e econômicas.

A cultura é ampla e diversificada, como os meios de comunicação.

Andamos pelas ruas.

Somos um país.

¹⁴ As salas de exposições de pequena duração podem trazer ao público como os artistas e todas as novas gerações estão encarando o assunto, como evoluímos, com estamos.



Figura 41 – Charge sobre o pós-ditadura de Bier (fonte: <http://3.bp.blogspot.com/>)



Figura 42 – O país do futuro? (fonte: <http://www.ebooksbrasil.org/>)



estudios de caso

O tema *ditadura*, ou *regime autoritário*, em que figuras de carrascos facilmente suscitam em nossa memória, propõe exemplos que normalmente vão de acordo com esta linha de pensamento.

Os estudos de caso para embasar este projeto, logo, tenderiam a se restringir aos palácios fascistas, obras faraônicas ou uma variada gama de penitenciárias, delegacias e quartéis gerais.

Contudo, a proposta que aqui está se construindo não parará nos meandros puros da política e das figuras dos totalitários. É preciso avançar para um contexto mais amplo, de período, de civis e de cultura também, com outras arquiteturas que elucidam de forma plurifacetária o trato do horror e que podem agregar valores interessantes, sem necessariamente remeter a uma história trágica ou dolorosa.



Figura 43 – Terror Háza Múzeum, Budapeste, Hungria (fonte: <http://www.budapest-foto.hu/>)

Museu Judaico

- Localização:
Lindenstraße 9-14, 10969, Berlim, Alemanha
- Arquiteto(s):
Daniel Libeskind
- Ano Projeto:
1989
- Ano de Conclusão da Obra:
1999 (Inaugurado em 2001)
- Fluxo:
350 mil visitantes/ano (projetado)
700 mil visitantes/ano (real)
- Área do Terreno:
11.000m²
- Área Construída:
1050 m²
- Temática:

O Museu Judaico de Berlim é um espaço destinado a retratar a história dos judeus alemães. O que podia se restringir a um complexo expositivo se tornou também um memorial que narra desde os

primórdios da chegada judia a Alemanha, passando pelo terror do nazismo, até os dias de hoje.



Figura 44 - Jüdisches Museum , Berlim, Alemanha (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

- Implantação:

Tecnicamente, o Museu Judaico começa em outro terreno adjacente, no Museu Nacional de Berlim. Lá o visitante desce para o

subsolo e percorre os corredores que irão desencadear na edificação realmente.

O prédio está disposto em diagonal ao trapézio que é o terreno (não podemos realmente precisar, tendo em vista que variam bastante as fachadas, mas o eixo em si está cruzando o sítio). Isso, além de evocar uma maior ocupação do terreno, auxiliou na diminuição da percepção da edificação por quem está nas ruas principais.



Figura 45 – Implantação, Sem escala (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

- Composição Volumétrica:

O edifício contrasta com tudo que há em sua volta. O museu é similar a uma serpente, tendo sido edificado em forma de ziguezague,

mas é austero, com fachadas quase cegas, a exceção dos pequenos recortes em vidro.

Possui três pavimentos mais subsolo, é bastante recortado e em vários momentos os pés-direitos aumentam ou diminuem.

- Exterior x Interior:

É muito presente a austeridade no projeto. Mesmo sendo um edifício moderno, com uma composição atípica de ângulos pouco retos, este se mostra bastante fechado, recluso, como um real monumento de pós-guerra ou um cemitério.

Começa-se pelas fachadas e a entrada: o Museu Judaico não tem acesso direto e temos que entrar pelo Nacional ao lado para chegar até ele; a coloração dada pelo zinco é escura, apagada – novamente, o Museu Nacional se destaca – tem cor clara, possui várias janelas e é iluminado.

Assim, em mistos de interiorização, o projeto é guiado por 3 eixos: Eixo do Holocausto, Eixo do Exílio e Eixo da Continuidade.

Perante estes eixos, a edificação se constrói e entra em metamorfose, trazendo novas bases iconológicas.

O Eixo do Holocausto traz uma prerrogativa de forte incômodo. O principal elemento é a Torre do Holocausto, em que temos acesso por meio de uma grande porta negra. Lá, um pé-direito de 20 metros nos cerca e a claridade somente chega por uma pequena janela superior. Os ambientes e a curadoria são mais sombrios.

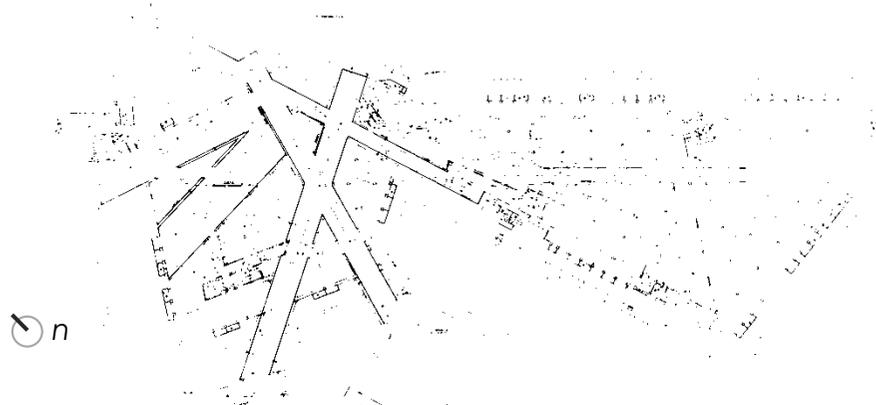


Figura 46 – Subsolo, Sem escala (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

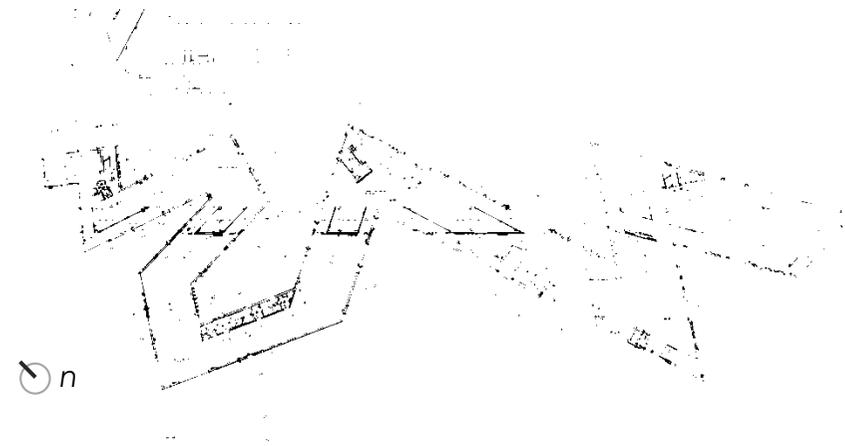


Figura 48 – 1º pavimento, Sem escala (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)



Figura 47 – Térreo, Sem escala (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

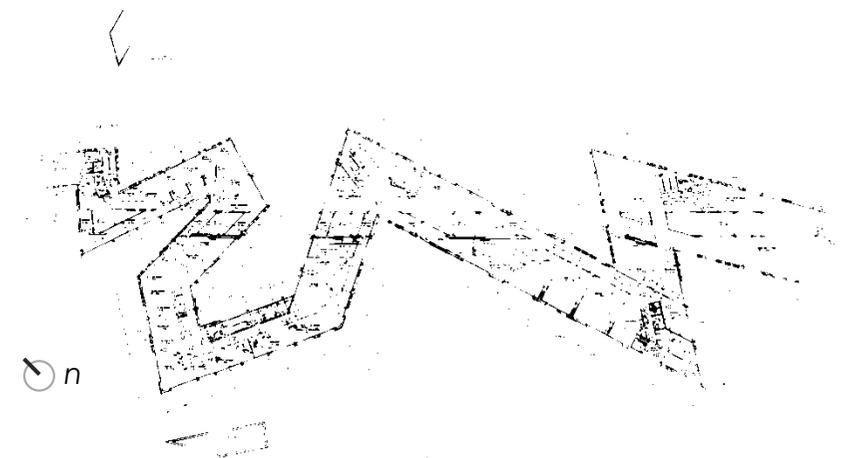


Figura 49 – 2º pavimento, Sem escala (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

O Eixo do Exílio é um contraponto ao último, sendo um espaço externo. Há um jardim permeado pelo céu projetado de tal forma a se ouvir os transeuntes de fora do museu. O percurso intenciona serenidade.

O Eixo da Continuidade apresenta os maiores recursos reflexivos. Temos aqui espaços mais brancos, mais iluminados e as famosas máscaras de ferro, que, quando pisamos, fazem estalidos semelhantes aos de ossos se partindo.

Há muito vazio e corredores em todo o museu e os espaços expositivos existentes são menores, recortados, curvos, com reentrâncias em cima, embaixo, em todos os lados. As obras falam junto com as paredes.

- Sistema Estrutural:

Concreto Armado com fachadas de Zinco.

- Características interessantes que podem ser aplicadas ao Memorial Cinza:

Localização simbólica e qualificação da área: próximo ao Muro de Berlim e ao lado do Museu Nacional de Berlim. O terreno tem uma história e é um ponto crucial da narrativa, desfragmentando parte do entorno; Proposição de eixos temáticos e compositivos; Fachadas austeras que não necessariamente refletem o espaço interior; Uso de vazios internos; Uso de corredores como elementos fortes de composição; Trabalho com iluminação cênica (natural ou artificial).

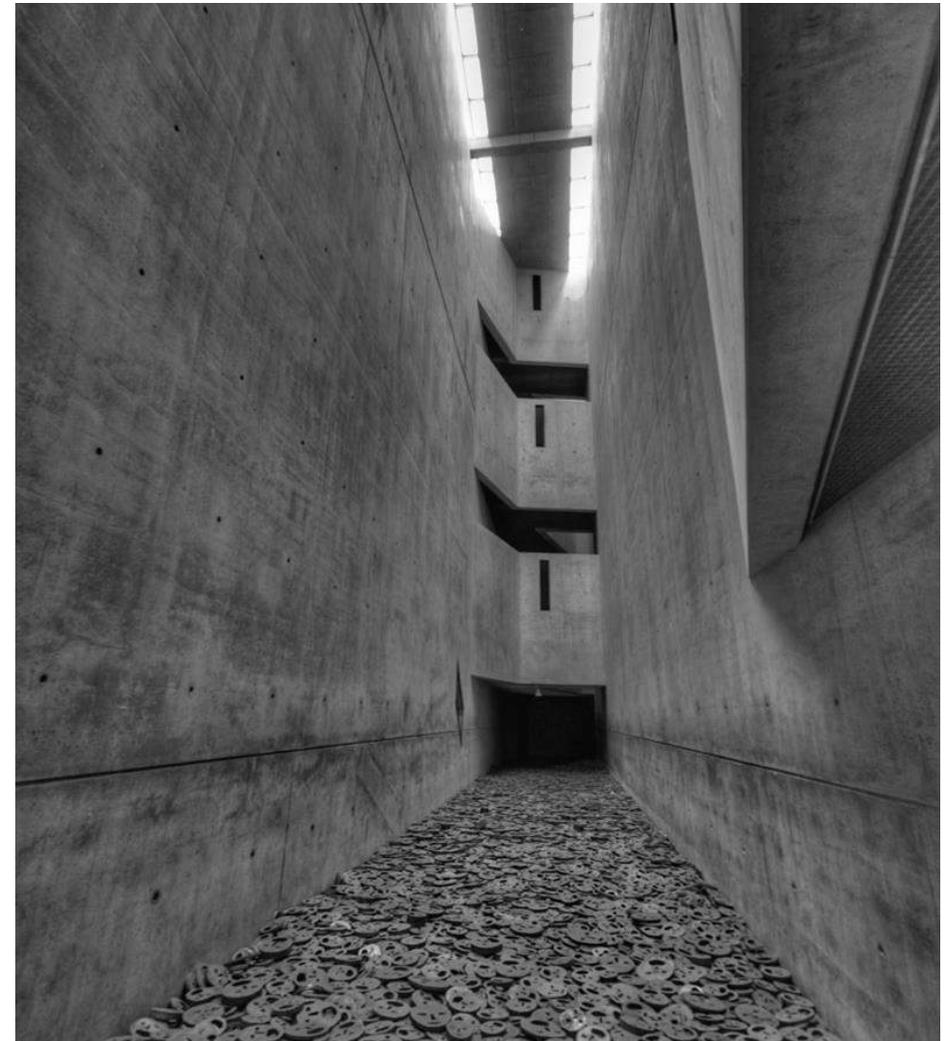


Figura 50 – Vazio da Memória (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)



Figura 51 – Eixo da Continuidade (fonte: [http:// www.blogs.artinfo.com/](http://www.blogs.artinfo.com/))



Figura 52 – Torre do Holocausto (fonte: <http://www.behance.net/>)



Figura 53 – Jardim do Exílio (fonte: <http://www.theguardian.com>)



Figura 55 – Exposições (fonte: <http://www.berlin-info.de>)



Figura 54 – Exposições (fonte: <http://www.memorialmuseums.org>)



Figura 56 – Centro de Pesquisa Rafael Roth (fonte: <http://www.jmberlin.de/>)

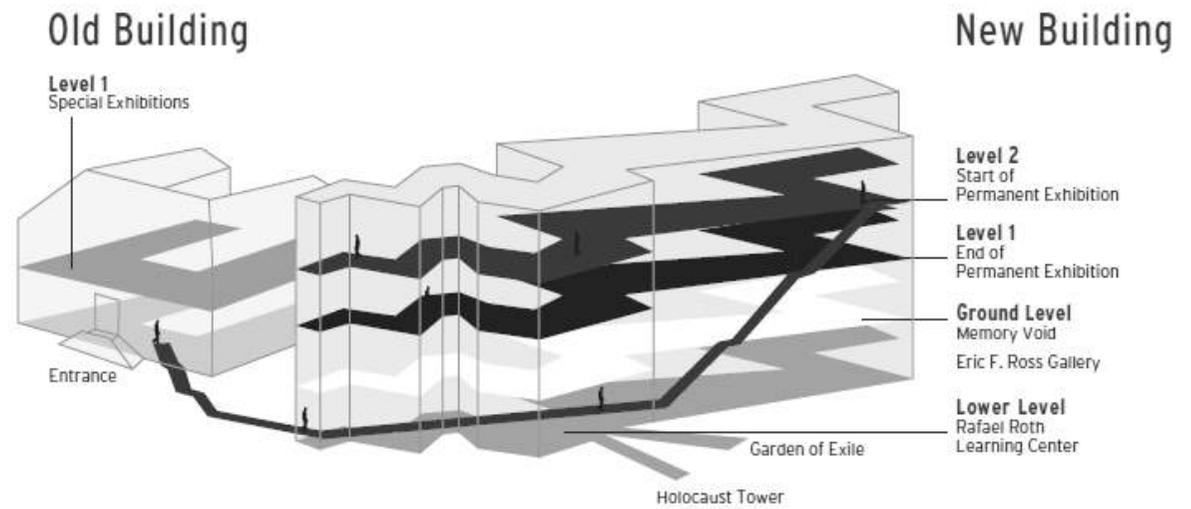


Figura 57 – Diagrama de Organização do Museu (fonte: <http://www.kberry.wordpress.ncsu.edu/>)

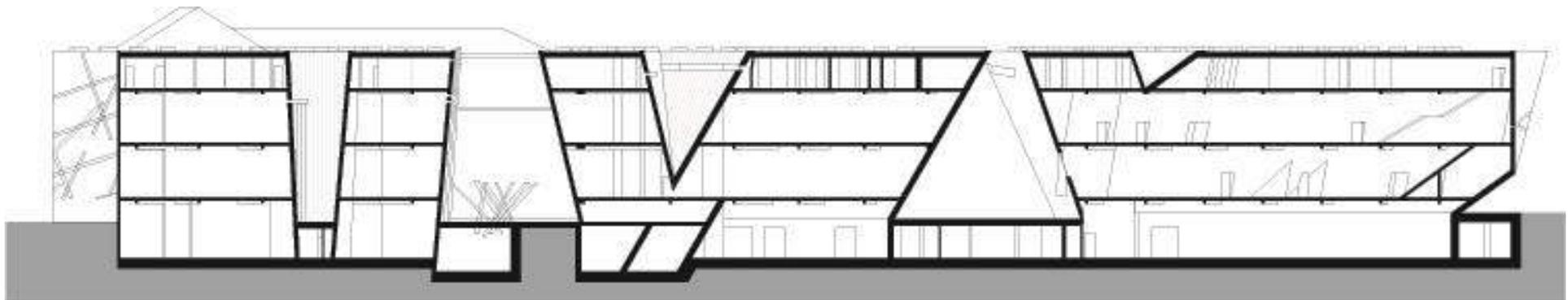


Figura 58 – Corte Longitudinal – Sem escala (fonte: <http://bacdesignstudio.blogspot.com.br/>)

- Analisando o Museu:

O Museu Judaico certamente não é ortodoxo ou normal, tem uma composição volumétrica forte e arrebatadora. Contudo, nos faz pensar bastante na funcionalidade, pergunta inerente ao Desconstrutivismo frente a compatibilização da planta com o uso.

As pessoas que trabalham neste museu conseguem se organizar? Os ângulos agudos permitem as mesmas salas de escritórios que os museólogos estão acostumados? Isso é uma primeira dúvida.

Outro questionamento é quanto ao menor sinal de sinistro. A mesma arquitetura deslumbrante e que nos instiga a cada passo, permite uma rápida fuga em caso de incêndio? Há rampas separadas ou escadas protegidas próximas aos corredores escuros? As exposições também parecem conviver com a dificuldade de compatibilização com qualquer tamanho de peças. Apesar de várias portas enormes, não há sempre escadas ou rampas com a mesma dimensão.

O certo desconforto que Libeskind quer proporcionar em alguns dos seus ambientes também pode gerar desconforto aos não visitantes, mas a exceção da funcionalidade não cartesiana, este é certamente um dos locais mais fascinantes do globo, no qual o arquiteto realmente define o que o usuário vai sentir.

Museu da Memória e dos Direitos Humanos

- Localização:
Avenida Matucana, Quinta Normal, Santiago, Chile
- Arquiteto(s):
Estúdio América: Carlos Dias, Lucas Fehr, Mario Figueroa (Brasil) e Roberto Ibieta (Chile)
- Ano Projeto:
2007
- Ano de Conclusão da Obra:
2009
- Fluxo:
20 mil visitantes/ano (projetado)
200 mil visitantes/ano (real)
- Área do Terreno:
15.727m²
- Área Construída:
10200 m² (incluindo o estacionamento)

- Temática:

Segundo a própria curadoria: "O Museu da Memória e dos Direitos Humanos é um espaço dedicado à sensibilização para as violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado do Chile entre 1973 e 1990; para dignificar as

vítimas e suas famílias; e estimular a reflexão e discussão sobre a importância do respeito e da tolerância, a fim de que esses eventos nunca se repitam.” (MUSEO DELA MEMORIA, 2014).



Figura 59 – Museu de la Memoria y los Derechos Humanos (fonte: <http://www.archdaily.com.br/>)

- Implantação:

As fachadas principais do museu são as que tem os grandes panos de cobre. Sendo assim, o mais certo a dizer é que o edifício está em uma orientação norte-sul.

O mesmo se encontra centralizado, cortando transversalmente a praça que também o compõe, mas elevado quanto a esse piso.



Figura 60 – Implantação, Sem escala (fonte: <https://www.google.com.br/maps/>)

- Composição Volumétrica:

Apesar de ser um projeto harmônico perante a cidade, respeitando a escala e não sendo agressivo, o Museu da Memória contrasta com a arquitetura em volta.

Menos austero do que o Museu Judaico de Berlim, ele flutua mesmo se notando sua grande massa, sustentado por “edificações auxiliares” nos bordos (estas que mimetizam elevações do terreno da praça).

A edificação, então, em uma comparação rápida e direta, se assemelha ao MASP de Lina Bo Bardi, sendo um Museu em forma de caixote com um grande vão central.

Possui três pavimentos mais dois subsolos (que se confundem com térreos devido aos desníveis) – os andares superiores formam a BARRA, os inferiores a BASE.

- Exterior x Interior:

O enredo que é contado em volta do edifício é o de uma praça estimulante. E o que ela diz? Percurso, eis a palavra que define o projeto externo, onde há infinitas possibilidades de passeio. A praça é bastante seca e feita realmente para o caminhar ao invés do estar.

Em simbiose com a edificação, parte da praça se degenera em prédio, construindo as bases da circulação vertical e das áreas administrativas, de educação e pesquisa. Como estão nas pontas, estas bases criam um grande vão ao se juntar ao complexo principal.

Já nesta peça de cobre, estão presentes as áreas expositivas, de longa e curta duração. Os percursos são leves e diretos, bem iluminados, com grandes pés-direitos. A planta é bastante livre.

- Sistema Estrutural:

Treliças em Aço apoiadas em estruturas de Concreto Armado com fachadas de Cobre e Vidro.

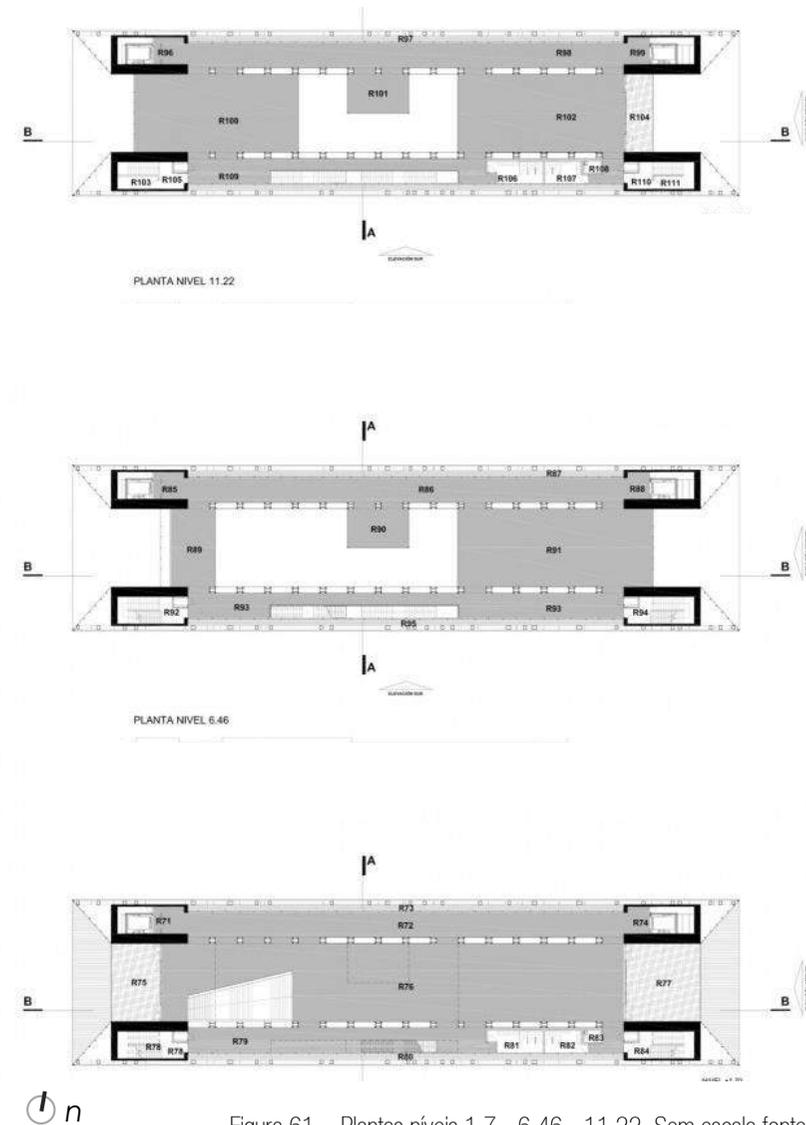
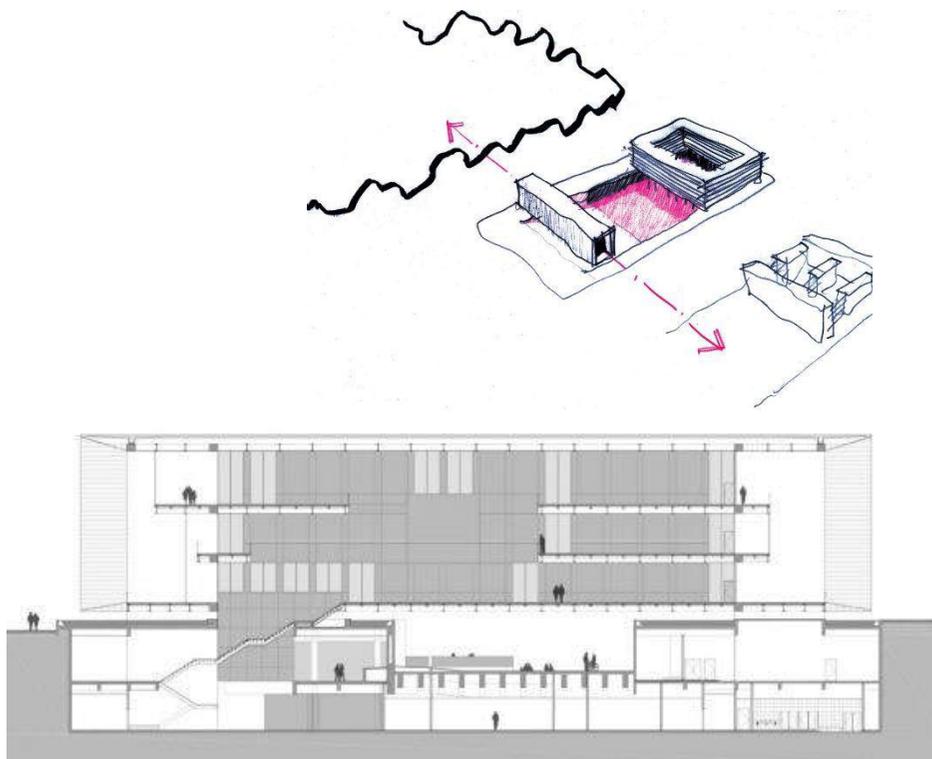


Figura 61 – Plantas níveis 1,7 - 6,46 - 11,22, Sem escala fonte: <http://www.archdaily.com.br/>



Figuras 62 e 63 – Croqui e Corte BB, Sem escala (fontes: <http://arcoweb.com.br/> e <http://www.archdaily.com.br/>, respectivamente)



Figura 64 – Vão da Barra (fonte: <http://arcoweb.com.br/>)



Figura 65 – A Praça (fonte: <http://www.archdaily.com.br/>)

- Características interessantes que podem ser aplicadas ao Memorial Cinza:

Qualificação da área: preocupação com o uso e entorno, permitindo variedade de percursos e estabelecendo um diálogo não agressivo com a área; Desníveis e vãos abertos ao público; Uso da topografia; Uso do concreto e da cor cinza como contraponto as cores da fachada; Uso intenso da iluminação natural; Praça como elemento fundamental.

- Analisando o Museu:

O Museu da Memória é mais factível, próximo da realidade que encontramos em 90% das edificações brasileiras, se comparado ao Judaico de Berlim.

Tem uma planta bastante livre, facilidade de acesso, entendimento dos fluxos rápido e similaridade nos andares. É um ótimo museu do ponto de vista funcional, pois auxilia de todas as formas o visitante e os que trabalho por lá.

Isso faz que o visitante possa caminhar com tranquilidade pelo museu sem se perder, tendo somente um menor engajamento sensível com a arquitetura (mais asséptica).

É a forma mais interessante de tratar a memória? Ter que se apossar da exposição para arrebatá-los os transeuntes? Talvez não, mas dialoga bem com o que falta no Museu Judaico, uma leve ortodoxia funcional.



Figura 66 – Área Expositiva (fonte: <http://www.archdaily.com.br/>)



**outras referências
projetuais**



Figura 67 - CCBB, Brasília (Brasil) – Oscar Niemeyer (fonte: <http://v.i.uol.com.br/album/guia/>)

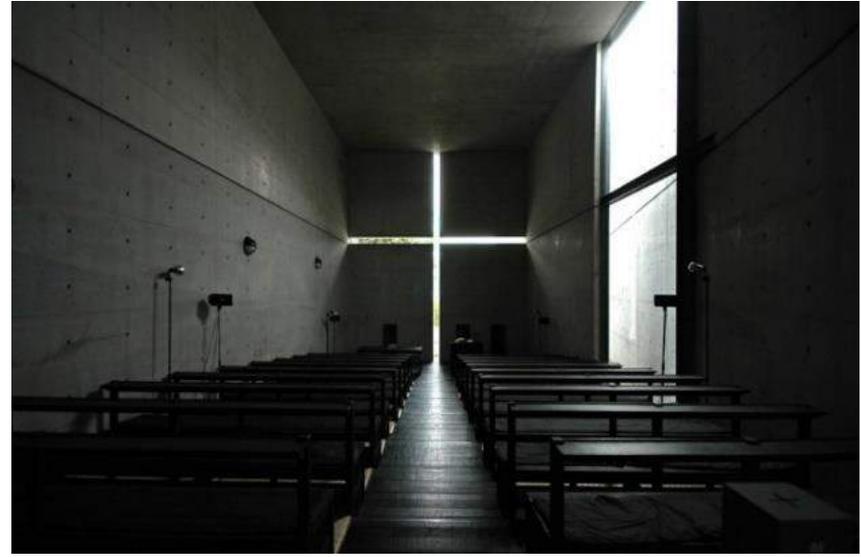


Figura 69 – Igreja da Luz, Osaka (Japão) – Tadao Ando (fonte: <http://teturaarqui.files.wordpress.com/2011/>)

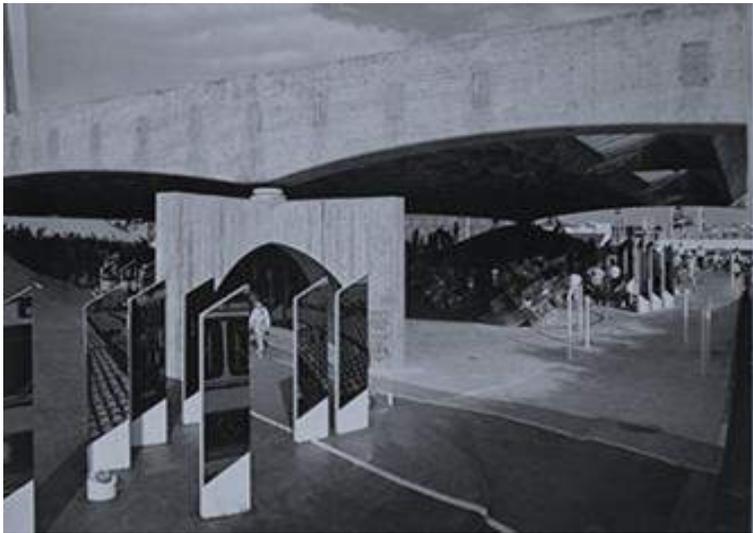


Figura 68 – Pavilhão Brasileiro, Osaka (Japão) – Paulo Mendes da Rocha (fonte: <http://img3.adsttc.com/media/images/>)



Figura 70 – FAU-USP, São Paulo (Brasil) – Vilanova Artigas (fonte: <http://www.pinterest.com/pin/182958803584998324/>)



Figura 71 – Museu Judaico, Berlim (Alemanha) – Daniel Libeskind (fonte: <http://3.bp.blogspot.com>)



Figura 72 - MASP, São Paulo (Brasil) – Lina Bo Bardi (fonte: <http://www.esponjacultural.com.br/wp-content/uploads/2013/08/MASP-2.jpg>)



Figura 73 – Museu da Memória, Santiago (Chile) – Estúdio América (fonte: <http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/>)



Figura 74 – Casa, Baião (Portugal) – Eduardo Solto e Moura (fonte: http://farm3.static.flickr.com/2308/2217185987_1ccf30d288.jpg)



Figura 75 – Casa Barragán, Cidade do México (México) – Luiz Barragán (fonte: <http://3.bp.blogspot.com/.../barragan-cuadra-san-cristobal.jpg>)



Figura 76 – Salk Institute, La Jolla (Estados Unidos) – Louis Khan (fonte: http://media01.bigblackbag.net/15813/portfolio_media/lwsm_salk4c-copy_143.jpg)

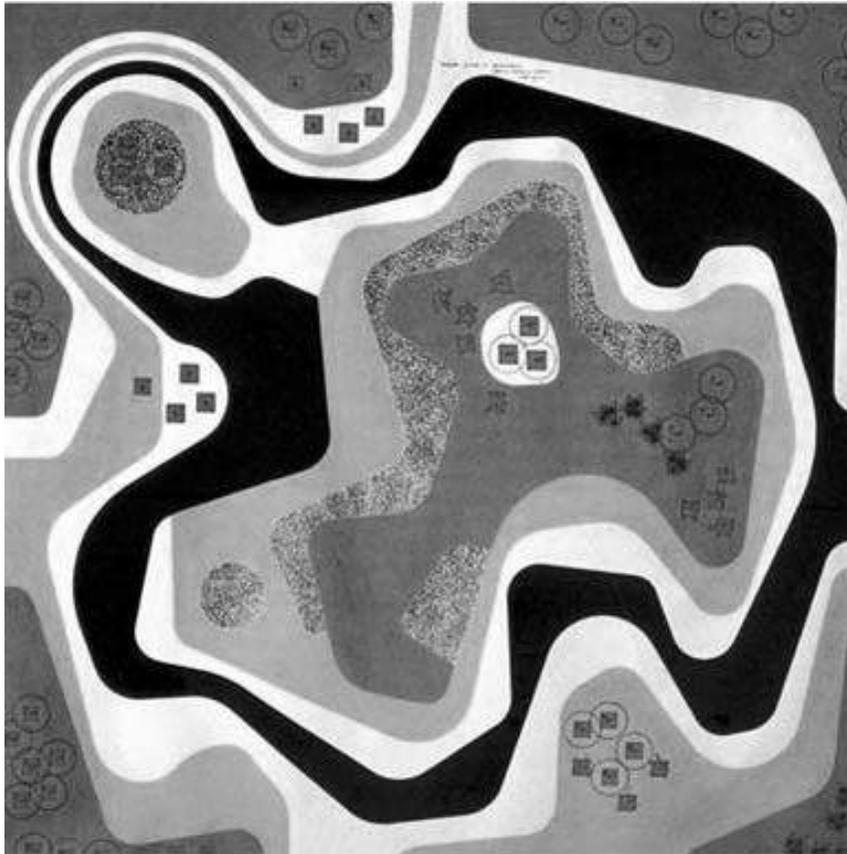


Figura 78 – Jardim do Banco Safra, São Paulo (Brasil) – Roberto Burle Marx (fonte: <http://www.mochilabinaria.com.br/wp-content/uploads/2011/08/Banco-Safra.jpg>)



Figura 79 – Jardim da Residência Edmundo Cavanelas, Petrópolis (Brasil) – Roberto Burle Marx (fonte: <http://quem.globo.com/edic/390/casa03.jpg>)



Figura 80 – Desvio para o Vermelho, 1967 – Cildo Meireles (fonte: <http://feijoadatchaikovsky.com.br/>)



Figura 81 – Guernica, 1937 – Pablo Picasso (fonte: <http://www.pablocicasso.org/images/paintings/guernica3.jpg>)



Figura 82 - Necessidade, 1893-1901 - Käthe Kollwitz (fonte: [http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XYD5C/\\$File/Kathe-Kollwitz-Need-S.JPG](http://pt.wahooart.com/Art.nsf/O/8XYD5C/$File/Kathe-Kollwitz-Need-S.JPG))

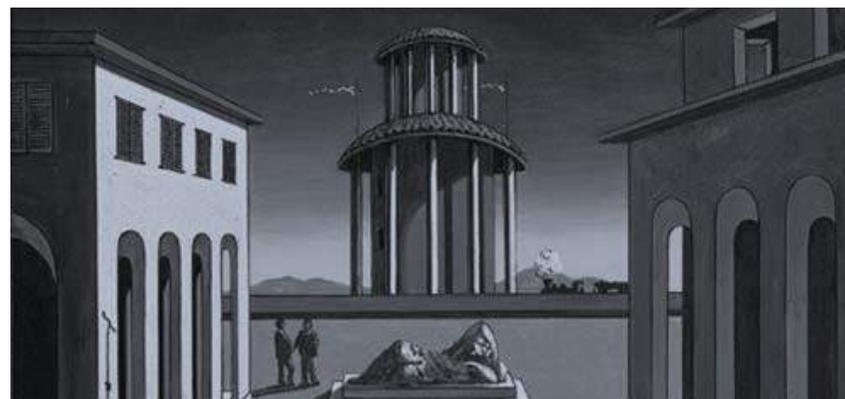


Figura 83 - Piazza d'Italia, 1913 - Giorgio De Chirico (fonte: <http://uploads0.wikiart.org/images/giorgio-de-chirico/piazza-d-italia-1913.jpg>)



considerações do sítio

Com base na pesquisa, tanto tipológica, temática e de casos, foi estudado o terreno mais apropriado para a implantação de um complexo deste tipo. Deu-se uma evolução, maturação do perfil que este terreno deveria ter e cada opção anterior ficou devendo em algum aspecto. Dentro da pesquisa, os terrenos analisados (com as devidas críticas e todos em Brasília) foram:

Bloco Eixo Monumental:

- Atrás da Praça do Cruzeiro, Plano Piloto;
- Atrás do Memorial do Índio (FUNAI), Plano Piloto;
- Praça dos Bustos, Plano Piloto;
- Próximo a Funarte, Planetário e Clube do Choro, Plano Piloto;
- Atrás do Teatro Nacional, Plano Piloto;
- Próximo ao Memorial Israel Pinheiro, Plano Piloto;

Espaços dotados de forte simbologia, centrais, com bom transporte. Contudo, há uma grande tendência por sair deste eixo central e criar oportunidades em outras partes da cidade, como a edificação tem um apelo muito civil, precisando de vitalidade e menos monumentalidade.

Bloco Taguatinga:

- Praça do Relógio, Taguatinga;
- Praça do Bicalho, Taguatinga;
- Terrenos no Pistão Sul, Taguatinga;

Fora do centro da capital, com várias linhas de transporte e fluxo forte de pessoas todo o tempo. A questão dos terrenos em Taguatinga é que são já

bastante consolidados, como perdem completamente o potencial simbólico necessário.

Bloco Vazios Urbanos:

- Praça do Compromisso (703/704 Sul), Plano Piloto;
- Praça (705/706 Sul), Plano Piloto;
- Praça 21 de Abril (707/708 Sul), Plano Piloto;
- EQS 102/103 Sul, Plano Piloto;
- EQN 202/203 Norte, Plano Piloto;
- SGAN 606 Norte, Plano Piloto;
- SGAN 911 Norte, Plano Piloto;

Espaços com vitalidade ou grande potencial a tê-la, com bastantes linhas de transporte, com potencial simbólico e fora do eixo mais central da capital. Ainda assim, pecam pela legislação, fraqueza iconológica e/ou já forte consolidação.

Sendo assim, após reflexão dentre tantos sítios, foi escolhido o que mesclaria a maioria dos quesitos desejados.

916 Norte, o antigo CAJE:

Um terreno de um centro de internação de jovens?

Ao primeiro olhar, parece o sítio menos apropriado para edificar um museu como este, de temática sistêmica e com grande valor histórico, porém, este se revelou o espaço mais interessante para uma intervenção.

O terreno da 916 Norte é um espaço “desocupado”, já que o CAJE está sendo transferido para outro lugar na cidade. Vejam, as ditaduras têm um

passado estritamente ligado com o desenvolvimento das penitenciárias e delegacias do país. É extremamente simbólico pôr um museu que trata também da repressão em cima de um antigo internado de jovens criminosos.

Outra variante que alicerçou a escolha deste sítio foi a localização em relação a cidade. Está fortemente deslocado do centro, apesar de ainda está no Plano Piloto. Está próximo de vários bairros ao norte, atendendo o quesito da descentralização. Está próximo de várias vias importantes, com acesso fácil a EPIA, Eixo Rodoviário, W3, W5 e Eixinhos e mão é um espaço bem consolidado, contendo um potencial cultural muito grande.



Figura 84 – Localização dentro da cidade, sem escala (fonte: GOOGLE EARTH)

- Localização:

O terreno, em que será projetado o Memorial Cinza, está no Setor de Grandes Áreas Norte 916, s/n, Módulo F, Asa Norte, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Dotado de bastante área (63.300 m²), tem como limites, além da cerca projetada, um grande estacionamento da UniEURO a sudeste, o futuro Parque Burle Marx a sudoeste, o Corpo de Bombeiros a noroeste e W5 a nordeste.

Por estar no final da Asa Norte, está próximo de Planaltina, Sobradinho, Lago Norte e Noroeste.

- Transporte:

Está próximo a vias de grande fluxo e importância na cidade EPIA, Eixo Rodoviário, W3, W5 e Eixinhos, contudo, o acesso ao transporte coletivo é parcialmente válido, tendo que o usuário andar no mínimo 400 metros para chegar a um ponto de ônibus. Deve-se notar o tamanho dos estacionamentos próximos, sendo relevante avaliar a necessidade de grandes bolsões no terreno. O local sofre com congestionamentos, pois é ponto de escape do Bairro Noroeste, segundo acesso de quem vem do norte do Distrito Federal e quer entrar no Plano Piloto e também para quem quer sair do Plano Piloto rumo a Sobradinho, Planaltina e Formosa. Não tem ponto de táxi e a estação de metrô mais próxima se encontra na rodoviária.

- Topografia:

O terreno decai no sentido sudoeste/nordeste. O desnível é da ordem de 10 metros e, traçando uma diagonal neste sentido, ela possuirá 319 metros, aproximadamente. Isso dará uma inclinação de 3,15%. É uma topografia

bastante sutil, quase plana, principalmente devido a terraplanagem das edificações, porém, na área do antigo estacionamento, há uma diferença mais notável das cotas, principalmente em relação a pista. Há dois espaços, em que estão os maiores bolsões planos, mas estes estão mais recuados em relação a W5, entrada da futura intervenção. Outro detalhe importante é que a topografia decai longitudinalmente em relação ao principal eixo de entrada, a W5. Isso pode se configurar como uma dificuldade no projeto, como uma boa alternativa para fluxos não transversais e/ou novas implantações não tão ortodoxas.

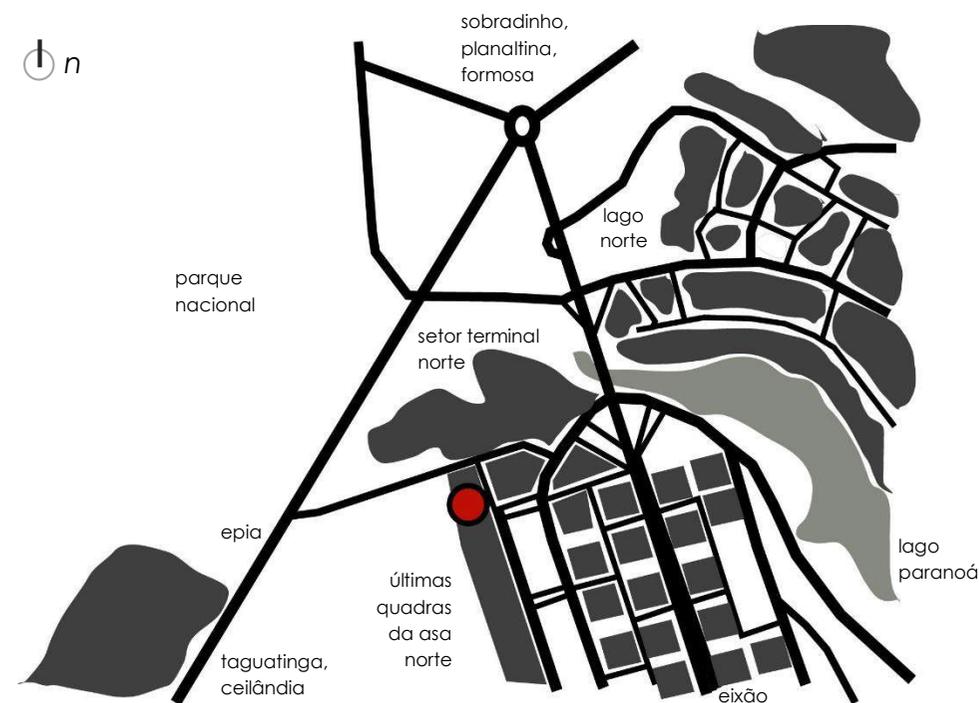


Figura 85 – Entorno do sítio, sem escala (fonte: autor)



Figura 86 – Entorno Imediato, sem escala (fonte: SICAD)



Figura 88 – Foto do Terreno (fonte: autor)



Figura 87 – Foto do Terreno (fonte: autor)



Figura 89 – Foto do Terreno (fonte: autor)



Figura 90 – Foto do Terreno (fonte: autor)



Figura 91 – Foto do Terreno (fonte: autor)

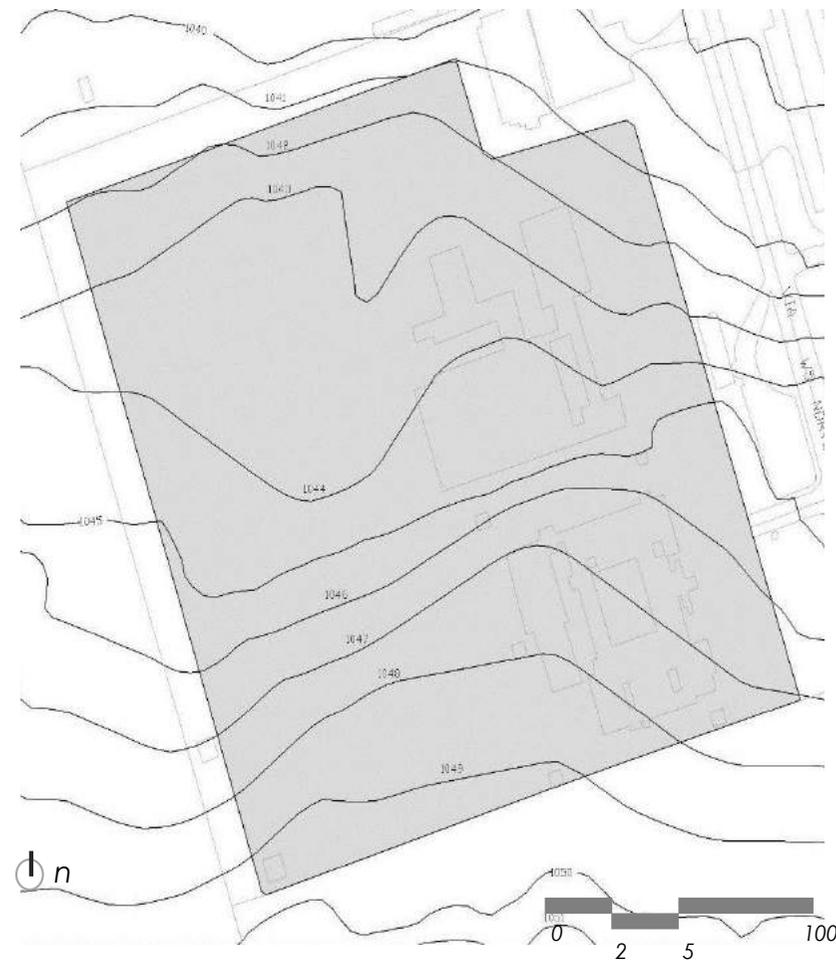


Figura 92 – Topografia do Sítio (fonte: SICAD)

- Aspectos Bioclimáticos:

Quanto aos aspectos de conforto térmico, o terreno junto ao seu entorno tem grandes potencialidades. Conforme exposto, as edificações ali existentes serão removidas, então não é o caso de averiguar sua influência na área. O espaço é grande e não contém nenhuma árvore, estando as mesmas principalmente atrás no terreno do futuro parque. Isso acarretará um plantio mais abastado e resultados a médio ou longo prazo para termos uma densidade que influencie consideravelmente o conforto com sombra e umidade. Por quase não ter árvores, o local é bastante seco. O entorno é bastante favorável para a recepção dos ventos predominantes, pois são edificações baixas ou inexistentes a leste. A presença mais próxima de água está a 1 quilômetro e é o Lago Paranoá. A radiação é bastante forte na área, tanto devido ao clima, como a ausência de elementos vegetais ou edificados altos. Todas essas ausências mais a disposição do terreno são desafios que só tendem a criar soluções mais interessantes de controle térmico da futura edificação. Assim, deve-se preocupar em atender as variantes de conforto térmico para a Zona 4, que inclui Brasília.

Quanto aos aspectos de conforto luminoso, ainda é muito incipiente as considerações a serem feitas. Sendo um museu, este possuirá um enredo plástico e também prático. O espaço plástico trabalhará de formas avulsas e cênicas a luz, podendo até causar desconforto ao usuário propositalmente.

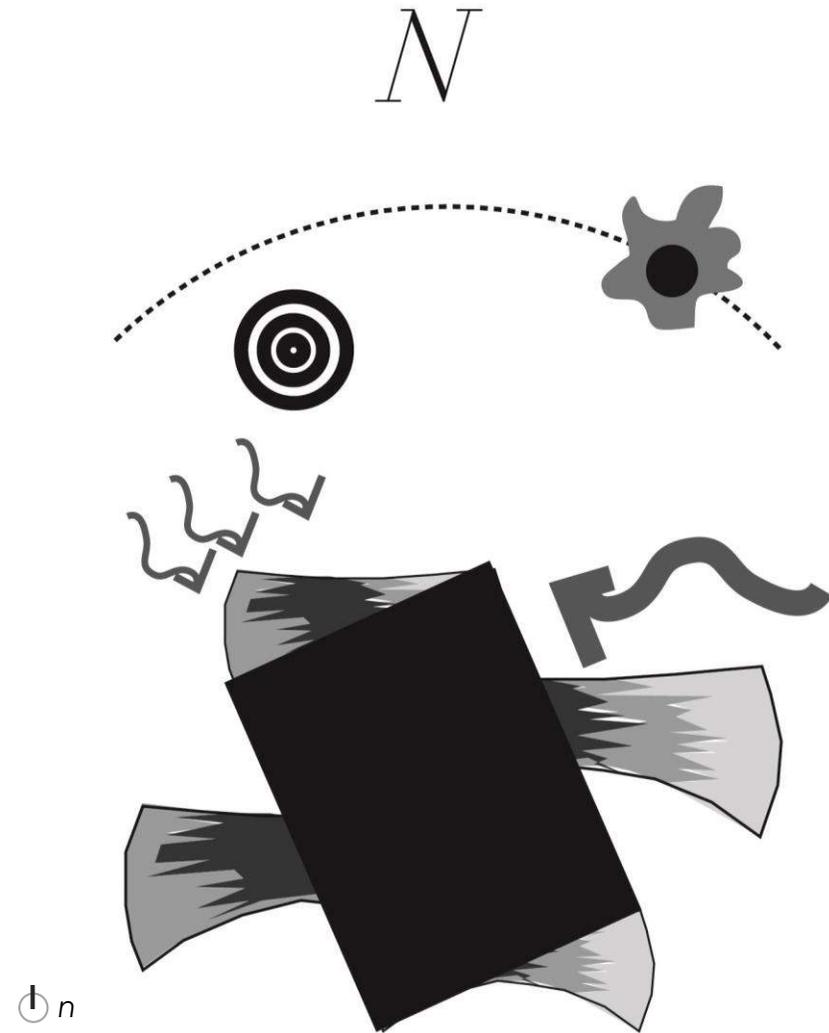


Figura 93 – Condições ambientais (fonte: autor)

Isso poderá ser feito conjuntamente a luz natural e artificial. A parte prática, mais funcional de operação, deve seguir o que há de mais correto no estímulo à produção com economia de energia, tendo em conta o máximo de iluminação natural sem atrapalhar o andamento, sendo bem iluminado, que será próximo ao de escritórios, e com controle maior nas reservas técnicas. O espaço externo deve ter um controle da radiação solar, não somente pelas condições de calor ou frio, mas para evitar ofuscamento.

Quanto aos aspectos de conforto acústico, o entorno é bastante agradável. Não há fluxo intenso de automóveis na via imediata e os serviços próximos não são ruidosos (a exceção do Corpo de Bombeiros em atendimento a emergências). A maior preocupação que se deve ter é novamente no encontro entre o plástico e o funcional. A parte funcional não pode ter os ruídos oriundos do fluxo de visitantes, pois estes estão trabalhando e protegendo o acervo, devendo ter uma proteção drástica dessa com o entorno e com a área de exposições e vivência. A parte plástica não pode, por sua vez, ter interferência do entorno e cada sala não pode ter interferência das outras salas. A sonoridade do percurso de está restrita ao recurso.

- Acessibilidade, Segurança e Vivência:

Como espaço de promoção cultural e que buscará polarizar-se como novo espaço de vitalidade na cidade, esta intervenção necessitará ser o máximo acessível possível. Os estacionamentos deverão ser planos, haver escadas, rampas e elevadores dentro das normas, piso tátil, placas informativas e todo o usuário deve percorrer com conforto qualquer uma das áreas projetadas (ter acesso fácil a qualquer área). O público será diversificado, tendo que ter cuidado com todas as faixas etárias. Seguir-se-á as diretrizes da NBR 9050. Para proteção da futura obra, os empregados da segurança, alarmes e câmeras serão

os únicos meios plausíveis para cercar a área, pois esta será um espaço de proporção civil e aberta, não cabendo cercas e portas fechando todo o local – é para ser uma praça com equipamentos culturais. Isso é importante frisar. É um espaço popular e livre, para total aproveitamento e questionamento. Os usuários poderão percorrer toda a área, a exceção do espaço técnico, onde estarão dispostos equipamentos de alimentação, educativos e culturais juntos a uma nova natureza. Não há nenhum espaço similar a este fora do Eixo Monumental.

- Normas:

Enquanto não é formalmente aprovado o PPCUB, como vários outros projetos que interferem na forma como se constrói no Plano Piloto, a norma principal que regerá o projeto no terreno da 916 Norte é a Norma de Gabarito de Brasília 01 de 1986, a NGB 01/86. Segundo a NGB 01/86:

Os Setores de Grandes Áreas compreendem os lotes destinados a Órgãos da Administração pública direta e indireta, no âmbito Federal, Estadual e Municipal; bem como instituições beneficentes, educacionais, culturais, religiosas e associações de classes, empresas de pesquisa científica, de computação ou processamento de dados, centros de saúde, postos de saúde, ambulatórios, clínicas e unidades integradas de saúde.

- Taxa Máxima de Ocupação:

A taxa de ocupação máxima permitida é de 40% da área do lote, que, somada com a área pavimentada, não deverá ultrapassar 70% da área do terreno.

- Taxa Máxima de Construção:

100% da área do lote

- Afastamentos Mínimos Obrigatórios:

O afastamento mínimo obrigatório de 20,00m para a divisa da frente e de 5,00m para as demais divisas.

▫ Pavimentos Permitidos e Altura Máxima:

I - O gabarito permitido é de, no máximo, três pavimentos (não incluindo cobertura e subsolo optativos) com altura máxima de 9,50m; salvo para templos quando a altura máxima permitida é de 12,00m.

II - A critério do DLFO, poderá ser permitida a construção de torres com altura superior de 12,00m.

III - Elementos como casa de máquinas e caixa de água poderão ultrapassar a altura máxima permitida.

▫ Taxa Máxima de Ocupação do Subsolo*:

50% da área do lote, sendo permitida a instalação de atividades relacionadas com a destinação do lote, desde que asseguradas a correta iluminação e ventilação natural e/ou exaustão e renovação de ar por meios mecânicos, sendo que neste caso, deverá ser instalado sistema de funcionamento de emergência para equipamentos mecânicos. A área do subsolo não será computada na área máxima de construção quando o mesmo se destinar a garagens, e as rampas de acesso ao mesmo deverão desenvolver-se dentro dos limites do lote, respeitando os afastamentos mínimos permitidos.

▫ Estacionamentos:

Será obrigatória a previsão de estacionamento dentro dos limites do lote, na proporção mínima de uma vaga (25m²) por cada 100m² de área construída e que, quando arborizada, poderá ser computada no cálculo da área verde.

▫ Taxa Mínima de Área Verde:

Será obrigatória a implantação de área ajardinada e/ou arborizada dentro dos lotes na proporção mínima de 30% da área do mesmo.

▫ Cercamento do Lote:

O cercamento do lote nas divisas entre lotes contíguos, deverá ter altura máxima de 2,00 m (dois metros), podendo ser cheio ou vasado, a critério dos proprietários. Nas divisas voltadas para logradouros públicos, o cercamento será

obrigatoriamente com cerca viva ou tela ou grade, com trepadeiras em toda a altura de 2,00m (dois metros) no máximo.

▫ Construção de Cobertura*:

I - Utilização de 40% da área total da cobertura.

II - As áreas serão destinadas a salas de reuniões e restaurantes, salas de exposições, jardins e terraços.

III - Todas as paredes de vedação, sejam quais forem os materiais de construção utilizados, deverão distar, no mínimo de 2,50m dos limites da construção.

IV - Altura máxima de 3,00 (três metros), *acima* do estabelecimento, para os Setores, não computadas a caixa d'água e a casa de máquinas.

V - A área de cobertura será computada na área máxima de construção.

▫ Guarita:

Será permitida dentro do afastamento obrigatório, a construção de guarita podendo, para efeito de composição arquitetônica do conjunto do portão de entrada, ser constituída de uma edificação de até 6,00m² (seis metros quadrados) ou duas edificações de até 4,00m² (quatro metros quadrados) cada uma. Quando existir cobertura ligando as guaritas sobre os acessos, apoiados nas duas edificações em pilares ou em balanço, sua área não será computada no cálculo da área da construção estabelecido.

*Elementos optativos

O projeto, além da NGB 01/86, obedecerá as normas do Código de Edificações de Brasília, como todas as Normas que permeiam cada elemento da construção (Acessibilidade: NBR 9050, Corpo de Bombeiros, Obrigatoriedades da temática específica (museu) e etc.)

- Entorno:



Figura 94 – Final da W3 (fonte: autor)



Figura 96 – Acesso 716 Norte (fonte: autor)



Figura 95 – Hipermercado Extra (fonte: autor)



Figura 97 – 716 Norte (fonte: autor)



Figura 98 – Final W5 Norte (fonte: autor)



Figura 100 – Polo de Informações do Banco do Brasil (fonte: autor)



Figura 99 – UniEURO e Final W5 Norte (fonte: autor)



Figura 101 – Final W5 Norte (fonte: autor)



Figura 102 – Batalhão do Corpo de Bombeiros (fonte: autor)



Figura 104 – Delegacia de Polícia (fonte: autor)



Figura 103 – Atacadão e via de Acesso Noroeste (fonte: autor)

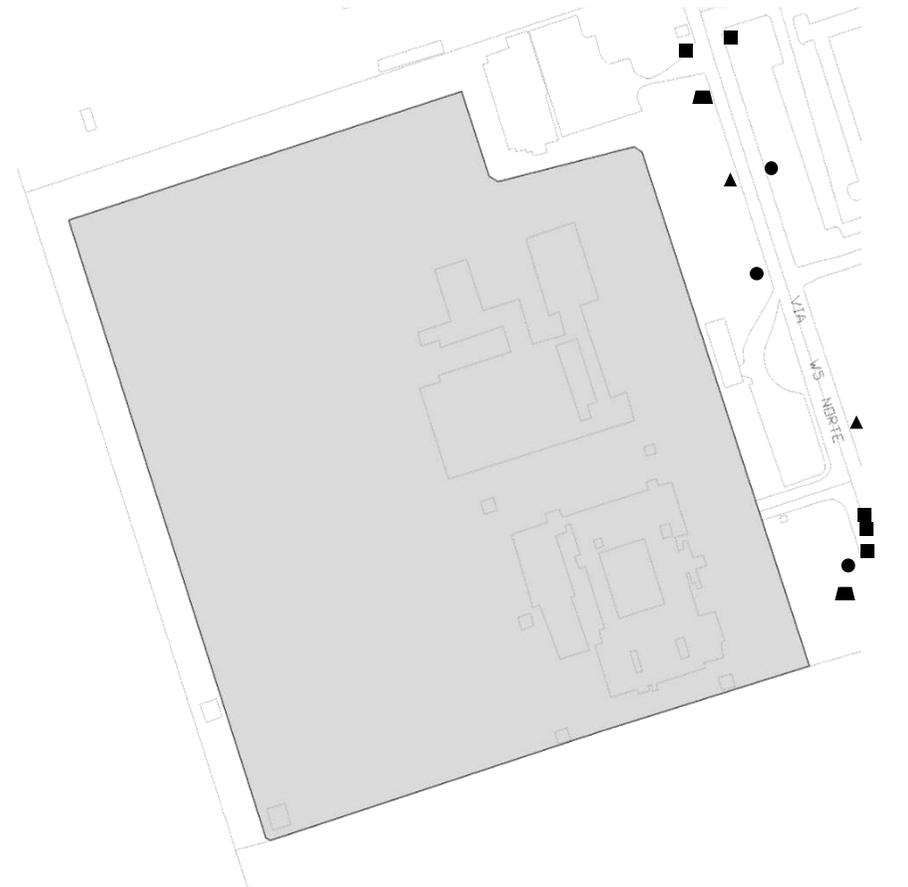


Figura 105 – Concessionária (fonte: autor)

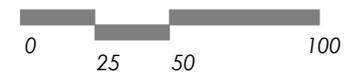


Figura 106 – Final da W5 Norte (fonte: autor)

▪ Energia, Gás, Água, Telefonia, Internet:



drenagem
 água
 energia
 telefone/internet
 canalizado



*não há gás

Figura 107 – Pontos de serviços (fonte: SICAD/autor)



**indicação de projeto
museológico**

Antes de propriamente começar o programa arquitetônico, foram feitas pesquisas as quais embasariam bem o projeto. Sendo um museu, é de extrema importância se atentar a especificidades, que não só da plástica do espaço.

Para tanto, procurou-se pessoas com qualidade técnica para contribuir nesta primeira construção.

Agradeço a paciência e o acompanhamento tanto do Professor Emerson Dionísio, do IdA, como da Professora Andrea Considera, da Museologia da UnB, sendo esta última quem elaborou as diretrizes para o projeto museológico.

O projeto museológico é similar a um programa arquitetônico, contudo é mais específico aos detalhes funcionais da área do museu, como como vai ser guardadas as obras, se é um serviço cultural, educacional, e etc.

Como partimos de um espaço inexistente, uma temática nova e sem acervo fechado, tivemos primeiramente que reunir um acervo fictício. Foi montado um esquema com quais elementos básicos estariam no museu:

- Fotos de tamanho reduzido (3x4) à até tamanhos A3 ou A2
 - Artísticas
 - De momentos marcantes
 - Cotidianas
- Cartazes (em tamanho A4, A3 ou A2)
- Tirinhas e quadrinhos (reproduções em tamanho A4 no máximo)
 - Henfil
 - Millôr
- Documentos escritos (tamanho A4 no máximo)
 - Entrevistas
 - Cartas
 - Poemas
- Documentos datilografados (tamanho A4 no máximo)
 - Mandatos
 - Decretos

- Cartas
- Poemas
- Livros
- Microfilmes
- Gravações
- Telas, pinturas, xilogravuras, litogravuras, desenhos (alguns exemplos)
 - Mordaça, Rubem Grilo, 1985
 - Figura, Ivan Serpa, 1964
 - Sem título, Carlos Vergara, 1965 e 1967
 - Seja marginal, seja herói, Hélio Oiticica, anos 70
 - tela acerca da tortura, Alípio Freire, sem data
 - Gravuras de Poty e Ademar Martins
 - Operários, Tarsila do Amaral,
 - Retirantes, Portinari
- Esculturas (estes exemplos marcam mais a temática do que propriamente o que pode entrar no museu - tratemos de esculturas com no máximo 2 metros de altura)
 - Monumento a Édson Luis, Cristina Pozzobom
 - Monumento Tortura Nunca Mais, Demétrio Albuquerque
- Revistas e Jornais
 - Veja
 - Istoé
 - Correio Braziliense
 - O Cruzeiro
 - Folha de São Paulo
 - O Estado de São Paulo
 - O pasquim
- Filmagens
 - Entrevistas
 - Documentários
 - Filmes do período
- Lp's, cd's e mídia usb
- Fardas oficiais
- Roupas de presos

- Condecorações, medalhas
- Instrumentos de tortura
- Objetos pessoais de presos

Feito isso, a Professora Andrea Considera, em colaboração inestimável, esboçou uma indicação de projeto museológico, conforme descrito a seguir. Como já foi dito, são diretrizes que auxiliarão na projeção arquitetônica.



Figura 108 – Retirantes, Cândido Portinari, 1944 (fonte: <http://4.bp.blogspot.com/>)

Projeto Museológico para o Memorial Cinza (Museu das ditaduras no Brasil):

Andréa Fernandes Considera
Museóloga COREM 4R 149-I

Equipamentos Culturais sugeridos:

De acordo com o perfil do espaço, entendemos que o Museu deve contar com (pelo menos) os seguintes equipamentos culturais: Salas de exposição de longa duração, Salas de exposições temporárias, Auditório, Sala para atividades didáticas, Biblioteca.

Áreas de Atividades Técnicas sugeridas:

De acordo com as características do acervo, serão necessárias as seguintes áreas técnicas: Reservas Técnicas, Laboratório de conservação e restauração, Sala de Processamento Técnico do acervo, Salas para atividades administrativas.

Outras áreas sugeridas (considerando sustentabilidade)

- Hall de entrada com área de convivência
- Loja
- Cafeteria

Caracterização:

1. Salas de exposição de longa duração:

Este espaço é destinado a principal exposição do museu que deverá ser modificada em média a cada 3 anos. As exposições utilizarão painéis e vitrines de madeira construídos especialmente para cada exposição, sonorização no ambiente, totens com vídeos e projeção de imagem nas paredes. Poderá ser composto por uma ou mais salas, considerando que haverá uma circulação

média de 20 pessoas por hora. Deverá ter no mínimo 400 metros quadrados de área útil. Dentro desta metragem poderá ser contemplado o espaço do memorial.

O acesso a esta sala se dará a partir do Hall de entrada, mas não deverá ser visto, pelo menos em sua totalidade, a partir do Hall. A entrada e a saída da circulação da exposição devem ser feitas em acessos diferentes (ambos com ampla acessibilidade). Deverá haver uma saída desta sala que dê diretamente no Hall de entrada, possibilitando que o visitante veja somente esta exposição, se assim desejar. Esta sala não deverá dar acesso direto a nenhuma outra parte não expositiva do museu.

A abertura de pelo menos um dos acessos à sala deve ser de pelo menos 4 metros de largura por 2,5 metros de altura para permitir a entrada das obras de grande porte. Este acesso poderá ser posteriormente reduzido, porém com sistema que permita abri-lo rapidamente em caso de sinistro que exija a retirada imediata das obras de grande porte.

Serão necessários: tomadas nos pisos distanciados entre si em 70 cm para acendimento das vitrines, infraestrutura para multimídia com acesso à internet que possibilite o funcionamento dos totens e dos projetores que deverão ser instalados no teto, controle de temperatura em 20°C com oscilação máxima de 2°C e controle de umidade em 60%, sistema de entrada de ar com filtros. A iluminação poderá ser natural, porém sem incidência direta de sol; a iluminação artificial deverá contar com índices mínimos de ultravioleta e infravermelho, e não provocar o aquecimento dos objetos quando direcionados para estes. Deverá ser contemplada uma estrutura de iluminação que possa ser modificada a cada nova exposição e que permita o acendimento individual e focagem de cada lâmpada ou refletor para fazer o destaque de determinados objetos. Também deverá ser possível regular a iluminação de cada objeto exposto entre 50 e 220 lux.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de

bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

2. Salas de exposições temporária:

Este espaço é destinado a exposições com duração máxima de 3 meses e com diferentes temáticas e objetos. Serão realizadas exposições de artistas plástico (desde pinturas de cavalete até instalações), exposições resultantes de pesquisas relacionadas ao tema do museu, sendo muitas delas com curadorias externas ao museu.

Poderá ser composto por uma ou mais salas, considerando que haverá uma circulação média de 20 pessoas por hora. Deverá ter no mínimo 150 metros quadrados de área útil.

O acesso a esta sala se dará a partir do Hall de entrada, mas não deverá ser visto em nenhuma hipótese, a partir do Hall. A entrada e a saída da circulação da exposição podem ser feitas por um único acesso ou não (ambos com ampla acessibilidade). Poderá haver um acesso que ligue a sala da Exposição de longa duração a sala de Exposição Temporária. Esta sala não deverá dar acesso direto a nenhuma outra parte não expositiva do museu.

Serão necessários: tomadas nos pisos distanciados entre si em 70 cm para acendimento das vitrines, infraestrutura para multimídia com acesso à internet, que possibilite a instalação de projetores no teto, controle de temperatura em 20°C com oscilação máxima de 2°C e controle de umidade em 60%, sistema de entrada de ar com filtros.

A iluminação poderá ser natural, porém sem incidência direta de sol; a iluminação artificial deverá contar com índices mínimos de ultravioleta e infravermelho, e não provocar o aquecimento dos objetos quando direcionados para estes. Deverá ser contemplada uma estrutura de iluminação que possa ser

modificada a cada nova exposição e que permita o acendimento individual e focagem de cada lâmpada ou refletor para fazer o destaque de determinados objetos. Sugere-se o projeto de uma grade discreta ou outro sistema que possibilite grande versatilidade e possibilidades de uso da iluminação em exposições.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

3. Auditório:

Este espaço é destinado a palestras, seminários, encontros, congressos e pequenos eventos musicais e teatrais relacionados ao tema do museu. Deverá ter capacidade para 150 pessoas, sendo acessível pelo hall de entrada, pela cafeteria ou pela parte externa do museu.

Deve contar com sanitários próximos, e dois camarins (cada um com capacidade para 3 pessoas) com seus respectivos sanitários privativos, um palco que permita pequenas apresentações musicais (um conjunto com cinco músicos, considerando um baterista) e pequenas peças teatrais e um revestimento acústico adequado.

Iluminação, estrutura multimídia, climatização, sistema de segurança contra roubos e incêndio, acessibilidade, deverão seguir as normas de funcionamento de qualquer auditório/teatro deste porte.

4. Sala para atividades didáticas:

Nesta sala serão realizadas oficinas para crianças, adolescentes e jovens, reuniões de instituições ligadas ao tema do museu e projetos de inclusão social. Deverá ter capacidade para 45 pessoas com mobiliário adequado (mesas e cadeiras) para crianças, adolescentes, jovens e adultos, permitindo diferentes configurações do espaço para atendimento das atividades propostas. Deve contar com uma pia com tampo de granito ou inox, uma pequena geladeira e um forno elétrico ou micro-ondas e tomada para ligar uma cafeteira. A pia será usada para lavar pincéis e outras funções semelhantes nas oficinas infantis e os demais equipamentos (incluindo a mesma pia) para apoio a pequenos coffee-break nas reuniões e demais eventos sociais

Nas paredes e no piso devem haver muitas tomadas para os carregadores de notebook e celulares do público. Deverá ter sanitários nas proximidades. De preferência utilizar iluminação natural e climatização com temperatura de conforto.

Esta sala deverá ser acessada a partir do Hall do museu ou da cafeteria. Se for posicionada próxima ao auditório, também poderá ser usada para os coffee-break dos intervalos das atividades do auditório.

5. Biblioteca:

Deve ter capacidade para 5.000 livros e mesas de leitura que comportem pelo menos 8 leitores. O acesso deve ser feito pelo Hall de entrada e posicionada distante da cafeteria e da sala para atividades didáticas.

Deve ter lugar para um atendente e seguir as normas de implantação de bibliotecas. Os leitores deverão deixar seus pertences em escaninho separado, podendo ser usado o do Hall de entrada. Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque

na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

6. Reservas Técnicas:

Espaço destinado a guarda do acervo do museu. Neste espaço não deverá haver nenhuma incidência de iluminação natural, devendo ter a iluminação artificial com mínima incidência de ultravioleta e infravermelho e permanecer apagada quando não houver pessoas trabalhando no local.

As paredes da Reserva Técnica devem ser internas a edificação evitando a exposição das mesmas às intempéries (sol, chuva, vento). Também deve-se evitar umidades vindas do solo. Nestas paredes não devem passar nenhuma tubulação de água, esgoto, eletricidade ou lógica e não devem sofrer vibrações provenientes de funcionamento de máquinas ou som (o elevador, o som do auditório, por exemplo). A temperatura e umidade interna devem variar de acordo com os objetos acondicionados, sendo portando informados abaixo.

Devem haver aberturas para saída e entrada de objetos em quantidade mínima para garantir a segurança do acervo, e não deve ter janelas. O piso deverá suportar uma carga mínima de 470 kg/m². No sistema de entrada e exaustão de ar devem haver filtros de poeira, gases, fungos, micro-organismos, pólenes e pequenos insetos. Pelo menos uma das portas deve ter 4 metros de largura por 2,5 de altura para deslocamento de objetos de grande porte, mas com possibilidade de ser aberta em menor tamanho para acessos cotidianos. Lembrar que deve haver uma rota de entrada e saída dos objetos de grande porte até a parte externa do museu e as áreas expositivas do mesmo.

A entrada da Reserva Técnica deve ser feita somente por uma antecâmara de transição. Esta antecâmara deve ter pelo menos 30 m² de área útil e deve contar com sistema de climatização independente que permita a regulação de temperatura entre 10°C e 27°C e de umidade entre 30% e 90%.

O acesso a antecâmara deve ser restrito somente a funcionários do museu e não deve ser de conhecimento nem visualização pública.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

Segundo os objetos informados, consideramos necessárias as seguintes estruturas de guarda do acervo:

1. Estantes em aço vedadas com pintura eletrostática para guarda de fotografias que serão separadas por folders e armazenadas em caixas de diferentes tamanhos. As prateleiras deverão ter largura máxima de 1 metro e profundidade mínima de 50 cm. Serão necessárias 30 prateleiras destas que serão distanciadas em si em 40 cm na altura. Nestas estantes não poderão ser guardados nenhum outro tipo de material. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C.

2. Estantes em aço vedadas com pintura eletrostática para guarda de documentos manuscritos, datilografados e impressos que serão separados por folders e acondicionados em caixas de polionda (para arquivo inativo). Existem hoje 280 caixas, sendo que o acervo poderá crescer numa grandeza de 10 caixas por ano nos próximos 5 anos, 6 caixas por anos nos 10 anos seguintes. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de objeto que não seja em suporte papel.

3. Estantes em aço vedadas com pintura eletrostática para guarda de documentos jornais e revistas que serão separados por folders e acondicionados em caixas. As prateleiras deverão ter largura máxima de 1 metro e profundidade

mínima de 50 cm. Serão necessárias 200 prateleiras destas que serão distanciadas em si em 40 cm na altura. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de objeto que não seja em suporte papel.

4. Estantes em aço vedadas com pintura eletrostática para guarda de livros e obras raras. Serão necessários 19 metros lineares de estantes com distância média entre prateleiras de 35 cm. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de objeto que não seja em suporte papel.

5. Estantes de aço com pintura eletrostática não vedada para acondicionamento de rolos de filme acondicionados em latas. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de material e a sala deverá ter exaustão específica para gases exalados dos filmes.

6. Estantes de aço com pintura eletrostática não vedada para acondicionamento de objetos com dimensões de até 2m. Serão necessárias 80 prateleiras que deverão ter largura máxima de 1 metro e profundidade mínima de 50 cm. As prateleiras deverão ter distância média entre si, na altura, de 60 cm. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 20°C.

7. Estante em madeira para acondicionamento e fitas VHS (200 unidades) e fitas K7 (450 unidades). A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de material.

8. Estante em madeira para acondicionamento e LP's (80 unidades). A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C. Nestas estantes não poderá ser acondicionado nenhum outro tipo de material.

9. Mapotecas de aço com pintura eletrostática em tamanho A0 para guarda de fotografias que serão separadas por folders (ocupando 5 gavetas),

recortes de jornais separados por folders (que ocuparão outras 2 gavetas), cartazes em diversos tamanhos acondicionados em folders (outras 6 gavetas). As mapotecas poderão ser empilhadas desde que não ultrapassem a altura de 1,20 m. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C.

10. Mapotecas de aço com pintura eletrostática em tamanho A2 com 10 gavetas rasas com separações internas para acondicionamento de distintivo, medalhas, moedas e botons. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C.

11. Mapoteca de aço com pintura eletrostática em tamanho A0 para guarda de gravuras e desenhos que serão separadas por folders (ocupando 3 gavetas). A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 16°C. Não poderão estar empilhadas junto com as outras mapotecas.

12. Arquivo em aço com pintura eletrostática com pequenas gavetas e local apropriado para placas e rolos de microfilme (existe mobiliário específico para este tipo de material). Serão necessários 4 m³ para acondicionamento de todo o acervo. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C.

13. Espaço de 20 m² para colocação de palets para apoio no piso de objetos de grande porte. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 20°C.

14. Traineis em aço com pintura eletrostática para acondicionamento de obras de arte emolduradas. Deverão ter no mínimo 3m de área útil na altura e na largura. Serão necessários 130m² de área útil e espaço para expansão do acervo em mais 100m² para os próximos 15 anos. As molduras tem um profundidade média de 15 cm, sendo uma das obras com 30 cm de profundidade. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C.

15. Armários em aço com pintura eletrostática e suporte para pendurar peças de indumentária. Serão necessários 5 armários com 1,80m de altura, 1,00m de largura e 0,7m de profundidade. A climatização do espaço deverá manter 50% de umidade e temperatura de 18°C.

A distância entre todas estas estruturas de guarda deve ser de no mínimo 1,30 para o devido manuseio e transporte dos objetos.

7. Laboratório de conservação e restauração:

Este espaço é destinado ao tratamento físico do acervo do museu. Deverá ter janelas que possam ser abertas, com cortinas que limitem a incidência direta do sol. O sistema de climatização deve ser independente, permitindo a regulação de temperatura entre 10°C e 27°C e de umidade entre 30% e 90%.

O acesso deve ser feito somente pela mesma antecâmara de transição que antecede a Reserva Técnica por uma porta que deve ter 4 metros de largura por 2,5 de altura para deslocamento de objetos de grande porte, mas com possibilidade de ser aberta em menor tamanho para acessos cotidianos. Deverá no entanto contar com uma outra saída de emergência que dê, de preferência, diretamente para a área externa da edificação.

Deverá contemplar tubulações de água, esgoto, elétrica (voltagens 110 e 220), lógica e gás devidamente posicionados para atender aos equipamentos abaixo listados. Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna. Deverá haver ainda um chuveiro de segurança para casos de acidentes com produtos químicos.

Segundo as características dos objetos informados, consideramos necessários os seguintes equipamentos e mobiliários:

1. Duas bancadas de madeira revestidas em fórmica medindo 1,6 x 2,0 metros.

2. Uma bancada de pia com cubas de diferentes tamanhos e formatos medindo no total 4,5 metros de comprimento e 0,8 metros de profundidade. Nesta bancada deverá ter acesso a gás.

3. Duas capelas de exaustão

4. Uma máquina reenfibrador de papéis.

5. Uma estante de secar papéis.

6. Dois armários com portas de vidro para guarda de produtos químicos e demais materiais de restauração, Cada armário deverá ter 2,10m de altura, 0,7m de largura e 0,4m de profundidade.

7. Uma mapoteca A0 com pelo menos 5 gavetas para guarda de papéis de restauração.

8. Uma mesa de escritório para o responsável pela administração do laboratório.

9. Um escaninho com 6 portas para guarda dos pertences pessoais dos funcionários.

10. Quatro arquivos de aço com 4 gavetas cada para guarda dos documentos de restauração.

11. Espaço de 4m² para colocação de cavalete para restauro.

As tomadas e tubulações necessárias deverão ser dimensionadas e posicionadas de acordo com as necessidades dos equipamentos.

8. Sala de Processamento Técnico do acervo:

Nesta sala serão executados os trabalhos de registro, inventário, catalogação e pesquisa dos acervos do museu. Além dos funcionários do museu, esta sala dará acesso aos pesquisadores externos.

O acesso a esta sala deve ser precedido por um corredor ou outro setor interno de serviço do museu. Deve haver no entanto uma segunda porta que conecte esta sala à antecâmara de transição que antecede a Reserva Técnica, de acesso restrito aos funcionários do museu. Poderá ter janelas, desde que haja cortinas para impedir a incidência direta do sol. O sistema de climatização deve ser independente, permitindo a regulagem de temperatura entre 10°C e 27°C e de umidade entre 30% e 90%.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores (não usar sensor com dispersão de água), alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna. Deverá haver ainda um chuveiro de segurança para casos de acidentes com produtos químicos.

O mobiliário deverá contemplar uma bancada de madeira revestidas em fórmica medindo 1,6 x 2,0 metros com tomadas para notebook nas proximidades, três estações de trabalho com computadores, sendo uma para o chefe do setor, dois armários para guarda de material de escritório, equipamentos de proteção individual e demais materiais usados no processamento técnico de acervos.

9. Salas para atividades administrativas:

Nesta sala acontecerão todas as atividades administrativas do museu, incluindo a diretoria. Deverá ter uma área de secretaria que anteceda o acesso a sala da diretoria e a uma sala maior com capacidade para 6 estações de trabalho.

O acesso deve ser feito pelo Hall de entrada, mas deverá haver um espaço ou corredor que separe a secretaria do Hall, ou seja, esta área não pode ser visualizada diretamente do Hall de entrada.

Deverá ter climatização de conforto apenas, deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores ou sensor com dispersão de água, alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

Deve contar ainda com três espaços pequenos, porém distintos, que poderão estar integrados ou não ao setor administrativo: um almoxarifado, uma sala para guarda de material de limpeza em uso (balde, vassouras, carrinho de limpeza) e um vestiário com banheiro para funcionários trocarem os uniformes (e guardarem as roupas).

10. Hall de entrada com área de convivência

No Hall o visitante deverá ter acesso às informações sobre os serviços oferecidos pelo museu. Se caracteriza por um espaço amplo o suficiente para abrigar 20 pessoas, com bancos para descanso de pelo menos 8 visitantes. Não precisa ser climatizado, mas deve ter temperatura confortável.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores ou sensor com dispersão de água, alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

Não deve ser possível visualizar a exposição a partir do Hall. O acesso à exposição deve ser feito a partir da retirada do ingresso. Não colocar barreiras (catraca, por exemplo) no acesso; apenas um funcionário que recolherá/verificará o ingresso.

Este Hall também deverá dar acesso direto à Cafeteria, a Loja, a Biblioteca, ao Auditório, a Sala de atividades didáticas e a um corredor ou espaço que permita a entrada nas áreas restritas (Setor administrativo, Sala de Processamento Técnico e antecâmara de transição).

Deverá ainda contar com:

1. Bilheteria: local de compra (ou distribuição) de ingressos com dois pontos de atendimento.
2. Guarda-volumes: com 20 nichos fechados com chave em tamanho suficiente para a guarda de sacolas e mochilas e mais um espaço para guarda de mochilas de estudantes que visitam o museu em grupo. Deve haver um balcão para dois funcionários fazerem o atendimento do setor.
3. Sanitários: dois sanitários (feminino e masculino) com acessibilidade.

11. Loja

Local destinado a comercialização de produtos relacionados a temática do museu, podendo contemplar uma livraria. Deverá ocupar um espaço mínimo de 16m², podendo ser incluído no Hall de entrada, ou deslocado para a parte externa da edificação principal. Não deve no entanto deixar de ser visualizada pelos que saem da exposição.

Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores ou sensor com dispersão de água, alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna.

Por questões de sustentabilidade, deve ser acessível inclusive por aqueles que não desejam visitar o museu. O ideal é que esteja em local que

permita o seu funcionamento mesmo quando o museu estiver fechado ao público, desde que a segurança do museu possa ser preservada.

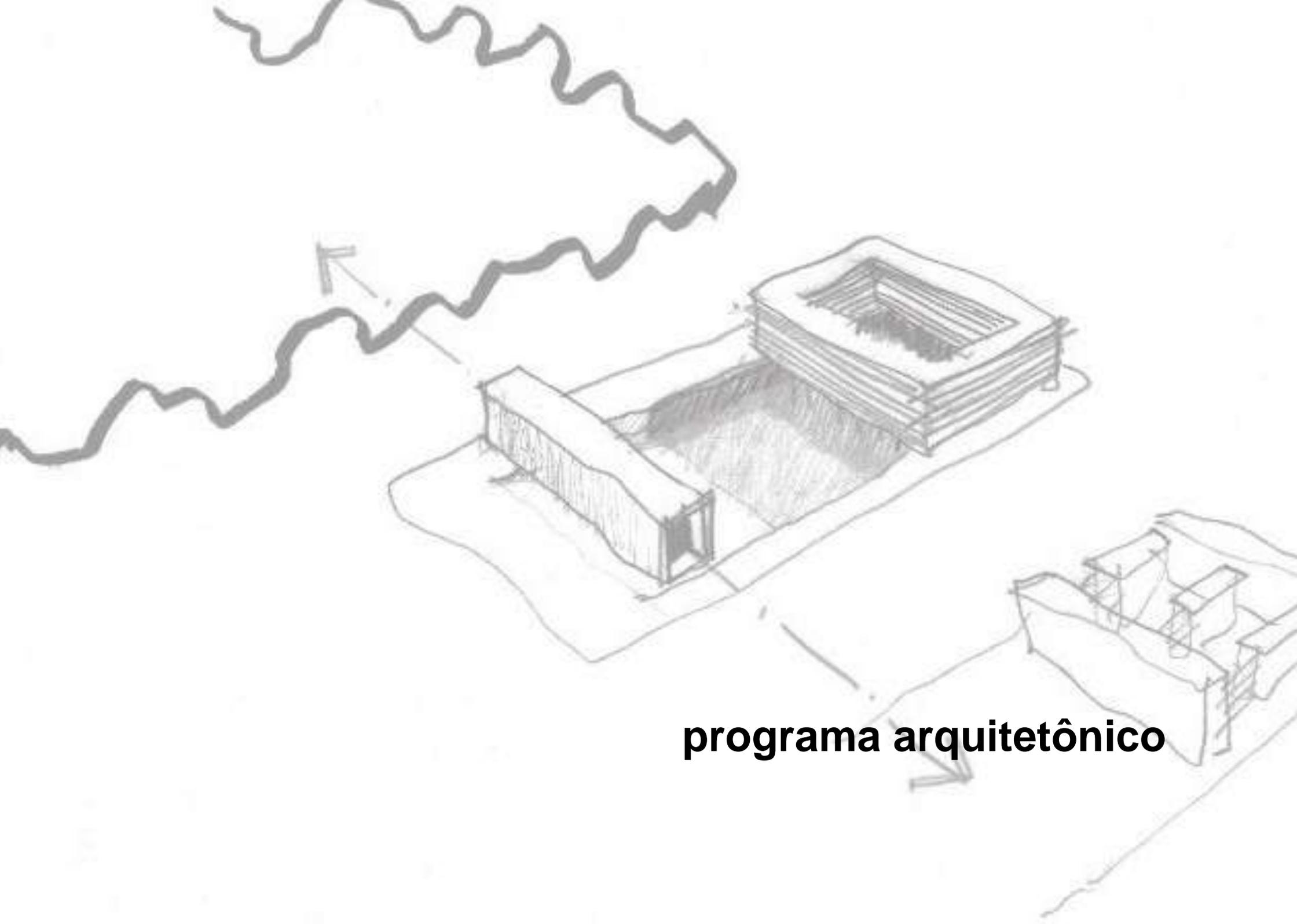
O mobiliário deve ser adequado ao seu funcionamento.

12. Cafeteria

Área de conforto para os visitantes com fornecimento de alimentos pré-fabricados. Não é permitido o uso de cozimento ou fritura de alimentos.

A cafeteria deve ser dividida em três partes: uma para o público (mesas com cadeiras), uma para atendimento (balcão) e uma para processamento dos alimentos (copa).

Os equipamentos da cafeteria deverão compreender: balcão de atendimento, quatro a seis mesas com quatro cadeiras cada, freezer horizontal e/ou vertical, geladeira, forno elétrico profissional, micro-ondas, máquinas de café, bancada de pia com cuba dupla, bancada para apoio de eletrodomésticos, armários para guarda de louças e talheres, dispensa de alimentos e outros elementos necessários ao funcionamento de uma cafeteria. Não deve contemplar saída de gás. Deverá contar com piso e demais acabamentos que não propaguem fogo, sistema de combate a incêndio com extintores ou sensor com dispersão de água, alarme contra incêndio que avise diretamente ao corpo de bombeiros quando o museu estiver fechado, sistema de segurança com sensores de presença com alarme discreto que toque na portaria do museu e em outro local (de preferência numa firma de segurança ou na polícia), além de câmeras de segurança interna. Por questões de sustentabilidade, deve ser acessível inclusive por aqueles que não desejam visitar o museu. O ideal é que esteja em local que permita o seu funcionamento mesmo quando o museu estiver fechado ao público, desde que a segurança do museu possa ser preservada



programa arquitetônico

Áreas totais		m ²	
Área do terreno		68850	
Área externa (Praças, jardins, gramados e estacionamento)		67350	
Área útil interna		30500	
Área primeiro pavimento		9000	
Área térreo		1500	
Área subsolo		20000	
Ambientes	Descrição	Unid./m ²	
Vegetação	Jardins	Espaços vegetados projetados	2520
	Área Arborizada	Vegetação de maior porte no entorno	26400
	Gramados	Extensões com grande uso de grama	=
Circulação	Corredores	Acesso horizontal aos espaços	3050
	Elevadores	Acesso vertical (Sociais e de Serviço)	4 x 5
	Escadas	Acesso vertical (Uso em caso de incêndio)	4 x 26
	Rampas	Acesso vertical (Uso em caso de incêndio)	2800
	Entrada Principal	Chegada dos visitantes	1250
Veículos	Estacionamentos	Para x automóveis e x motos	6250
	Acesso restrito	Carga e Descarga	-

Estar	Ponto de Ônibus	Acesso de ônibus urbanos	-	
	Embarque/Desembarque	Carros e táxis	-	
	Bicicletário	Para 50 bicicletas	(2 x 25) x 1	
	Foyer (3 espaços)	Espera para entrada nos espaços	1275	
	Praça de Aclimação	Contemplação e acesso externo (W5)	5100	
	Praça Central	Contemplação e acesso interno	29500	
Pesquisa	Halls	Recepções no primeiro pavimento	4 x 290	
	Administrativo	Lab. Pesquisas	Pesquisas relacionadas as Ditaduras no Brasil	200
		Escritórios/Secretaria	Organização das atividades do Centro Cultural, informação e recepção	405
		Sala de Reuniões	Espaço de reuniões internas e administrativas	35,5
		Salas	Escritórios especiais para diretores e curadores	7 x 35,5
		Reservas Técnicas	Espaços de armazenagem de acervo	1650
Expositivo (Memorial)	Exposições de Longa Duração	Ambientes expositivos permanentes (memorial) ou de longa duração	3850*	

Expositivo (Outros Espaços)	Torre	Pira	20
	Exposições de Curta Duração	Ambientes de troca mais rápida de temática e acervo	350*
	Exposições de Longa Duração	Ambientes expositivos permanentes ou de longa duração	1950
	Exposições de Curta Duração	Ambientes de troca mais rápida de temática e acervo	=
Educativo/ Eventos	Auditórios	Palco, espaço para plateia, antecâmara e cabine de projeções.	2 x 815
	Teatro de Arena	Arquibancadas e palco	1600
	Biblioteca	Atendimento, salão de leitura e estantes	2850
	Oficinas	Área livre para práticas diversificadas (palestras, jogos, eventos...)	2 x 665
	Laboratório de Informática	Uso de computadores por parte do público	2 x 68,5
	Salas de Aula	Aulas, palestras, congressos	1100*
	Apoio Visitante	Atendimento/Banheiros	2 x 11
	Manutenção	Sala de Processamento Técnico do Acervo	Trabalhos de registro, inventário, catalogação e pesquisa dos acervos do museu

Serviços Comerciais	Laboratório de Preservação e Restauração	Tratamento físico do acervo do museu	=	
	Antecâmaras	Espaços de proteção e preparação para entrar em áreas restritas	=	
	Almoxarifado/ Câmeras	Limpeza e outros produtos. Segurança interna	137	
	Guaritas	Entrada e saída de pessoas e automóveis	-	
	Zeladorias	Controle, guarda-volumes	137	
	Posto Médico/ Brigada de Incêndio	Sala para primeiros socorros e casos de menor gravidade de saúde, prevenção e combate a focos de chamas.	86,5	
	Cafeteria/Restaurante	Cozinha, salão, espaço de atendimento e mostruário, banheiros, administração, depósito	485	
	Bilheteria	Compra de tickets e ingressos	-	
	Loja/Livraria	Salão, espaço de atendimento, banheiros, administração, depósito	293	
	Serviços Complementares	Banheiros	Masculinos, Femininos, Acessíveis	750*

	Dormitórios	Espaço dotado de camas	86,5
	Fraldários	Espaço de troca de roupas de bebês	6 x WC
	Brinquedotecas	Serviço para as crianças	200
	Vestiários	Banho e trocas de roupa	2 x WC
	Copa	Pequena cozinha e refeitório	137
	Áreas técnicas	Controle da energia, água, telefonia, internet, gás, controle de elevadores	300*
	Caixa d'água	Reserva hídrica	4 x 25.000L



intenções projetuais

Conhece aquele sabor metálico inconfundível de ferro? Isso, ferro, que se dilui como chumbo através da garganta? É, não conheço tão bem assim e parece muito fácil falar de sangue quando o muso inspirador não é o próprio ser, não concordam? Mas como resistir a ditar e a redigir uma carta com o amargor de um anti-herói ou de um esquecido prisioneiro? Vamos, diga-me quantas palavras toscas ainda podem ser vomitadas? Quem escreve é mesmo um burguês escatológico de versos e de prosas samaritanos e com uma consciência pesada, mas que, ainda assim, vê na loucura e no nefasto sentimento de entrega a causa sua perseguição, tendo que insistir em falar do que não viveu: *Ditadura branda, Ditadura hostil, Ditadura dos pobres, Ditadura dos liceus*. Esse é o grande ateneu, a vida, daqueles que ouvem os sussurros medonhos do passado e daqueles que insistem em reaparecer, e quem vive, de alguma forma, pode expressar qualquer vibração, concordando ou não... o que se faz neste instante.

Agora que fomos apresentados, deixe-me sair, senhor, e lhe mostrarei os grilhões e cada farrapo sujo de rubro ou de escorbuto. Nada será como antes e que bom que se possa contar uma outra versão dos arquivos mortos... estupidamente mortos... *dos anos de chumbo, dos anos dourados, dos tempos de violência, dos tempos de discurso, dos dias de glória, dos dias de silêncio...* que não queremos reviver, não é mesmo?

Entretanto, isso é história, e, mesmo não querendo repetir, haveria algum problema em falar um pouco sobre isso? Julgou-se

que não, e neste clima sanguíneo de balas perdidas, rostos sem nome, avanços e falácias, foi instigada a criação de um memorial que contasse uma narrativa desses tempos ainda não tão distantes.

Convicto disto, o que viria a ser este projeto?

Primeiramente, se pensou em uma tradução literal de todos os palavrões pichados nas latrinas dos presídios, algo sujo e inspirador que revelasse o âmago dos que mais mataram e mais sofreram, mas logo essa concepção radical foi-se aplainando. Em um tom mais ameno, foi-se procurando algo que ainda traduzisse esse profundo medo e total exasperação, mas que conjugasse o alívio do brilho do sol. Concordou-se, assim, que a loucura, o exagero e a simplicidade viriam a ser, portanto, o suporte deste novo encontro.

O termo recluso memorial, de exclusivo pensamento bélico, passou então para centro cultural, sendo agora mais aberto para o diálogo do passado com o futuro, o CC25 (Centro Cultural 25 de Outubro). Esse novo tipo de espaço não mais serviria como poço de lembrança, mas poderia finalmente culminar em novos olhares e ultrapassagens, a democracia que revela no seu nome em si. Os conceitos analisados e escolhidos sustentariam o que foi exposto, essa perseverança paradoxal, permitindo todo o traçado de um mundo cenográfico para o visitante. Assim, foi trabalhada a exaustão o que poderia surgir a partir da síntese disto, um contínuo esforço de introspecção e exteriorização, dueto base de outras dualidades que se espalhariam sorridentes por todo o projeto, fazendo um grande

jogo perceptivo de luz e sombra, aura metafísica e cinza-vermelho-sol.

O Sítio

Para o projeto, após análise de várias localidades, inclusive no Eixo Monumental, foi escolhida uma área que parece ter sido destinada para este fim: a SGAN 916, Brasília-DF, Brasil.

Desgastada pelo uso e antes dedicada a internação de jovens infratores, a área fica no final da porção norte da cidade, zona bastante negligenciada pelos governos, sem grandes atrativos culturais e com uma população crescente. O CC25 viria assim, a qualificar este espaço, dando alternativas de diversão, conhecimento e arte para a população local e criando um forte ponto de ligação dentre as demais edificações. Talvez seja ainda mais, o CC25 viria a trocar um antigo centro de internação por um memorial rico de alternativas educo-culturais.

O sítio de 68850 m² é quase quadrado, com aproximadamente 255 metros em sua porção menor e 270 metros na maior, contando ainda com uma declividade leve de 3%. O terreno, hoje arrasado pela demolição das antigas edificações, faz fronteira em sua margem sul com uma faculdade, na oeste com o futuro Parque Burle Marx, na norte com o corpo de bombeiros e na leste com a avenida W5 (a qual é a testada de entrada), está próximo de uma das sedes do Banco do Brasil, de concessionárias de carros,

de inúmeros hipermercados e de importantes vias da cidade, como a W3, EPIA e DF-001.

Concepção, Arquitetura e forma

Provavelmente, após uma leitura dos principais conceitos da *Gestalt* ficaríamos deslumbrados com o poder que o destaque pode ter. Um elemento pequeno e deslocado tingido de azul em meio a um grande bolsão branco, por exemplo, logo direciona nosso olhar para tal. Contudo, o que normalmente não se procura na arquitetura e que talvez vá diametralmente oposto a este pensamento são os meios estruturantes deste projeto.

Após uma intensa pesquisa de referências, de obras com conceitos similares, com desenhos extraordinários ou com soluções arquitetônicas interessantes que poderiam ser aplicadas ao projeto (Museu Judaico de Berlim/Alemanha; Jardins de Burle Marx; CCBB Brasília; FAU-USP, Pavilhão Brasileiro e Igreja da Luz em Osaka/Japão; MASP São Paulo; Museu da Memória de Santiago/Chile; Casa Baião em Portugal; Casa Luiz Barragán no México; Salk Institute em La Jolla/EUA; e até algumas instalações e obras pictóricas como 'Desvio para o Vermelho' de Cildo Meireles, 'Guernica' de Pablo Picasso, 'Necessidade' de Käthe Kollwitz e 'Piazza d'Itália' de Giorgio De Chirico) foi feito um traçado regulador simples, que se cruzou nas duas direções e se repetiu, formando uma malha estruturante, e se aplicou mais efusivamente essas referências no potencial que se poderia ter, a partir daí, ao se extrair o máximo da

cor ou da ausência dela, de visuais e dos conjuntos de cheios e vazios.

Há um trabalho sucessivo de pequenos e grandes elementos, malha e objeto, na qual se deu destaque para as possibilidades das formas retangulares, principalmente o quadrado, e para a cor vermelha. Forma e cor juntos, variando em tamanho e tom, saíram do cinza e negro, como *pixels*, passando por uma variada gama de vermelho, até a cintilante ausência branca no centro – uma alusão ao caminho da ditadura-democracia. A composição cria assim um direcionamento visual para o espaço continuamente vermelho ou para o céu, que o liberta do plano rubro. Este é o espírito do jogo de introspecção e exteriorização que a todo instante é redito.

Dada esta explanação, a proposta de organização simultaneamente linear e centralizada, é composta por 7 elementos: Aclimação, Entrada Principal, Centro, Módulos, Memorial, Marco e Moldura Verde.

A Aclimação é o espaço de recepção do centro cultural e é composta pelas entradas viárias, entradas restritas, estacionamento e praça – esta última, já fazendo um enquadramento preliminar das edificações, desenhada com polígonos de paleta cinza diminutos, os quais preparam o visitante para o que vem a seguir.

A Entrada Principal é um bloco quadrado baixo completamente vermelho que parece ter saído da praça seguinte, o qual liga a cidade ao projeto. Bastante fechado, distribui os visitantes

de forma retilínea para o memorial e a praça, dando início ao circuito e à distância entre *processos internos e externos*.

O Centro é todo espaço conformado pela grande praça principal. Estrutura dominante da proposta, nela encontramos o elo com todas as edificações e significações pensadas. Aqui o conceito primordial da exteriorização fica mais latente com os polígonos maiores, com o intenso vermelho *pixelado* em variados tons e com a falta de proteção que é característica de um espaço aberto. Nele, há uma convergência para o meio dado pelo *dégradé* cromático, como as visuais sempre direcionam para o céu, para o marco ou para o âmago rubro que está no plano do chão e das janelas. O espectador não mais observa os símbolos solitários, mas se encontra imergido em um mar de plantas e pisos escarlates o qual não se desvencilha sem olhar para cima. Esta área ainda conta com um teatro de arena com capacidade aproximada para 1000 pessoas.

Os Módulos são compostos por duas edificações gêmeas de um pavimento, dotados de subsolo e pilotis, com orientação norte/sul em suas maiores fachadas. Esses longos volumes abrigam a evolução do memorial, ou seja, ampliam-no realmente para centro cultural, introduzindo atividades como biblioteca, auditório e salas de aula. Tais módulos são de concreto protendido aparente, contam com diversos brises vermelhos de tamanhos variados, têm plantas livres e, apesar de aparentemente herméticos, tem certa leveza perante suas soluções estruturais, já que impõem balanços grandes balanços em suas seções transversais, têm térreo aberto e contam

com pilares de formato triangular – simulando um pequeno toque ao chegar ao piso - sem falar na possibilidade de se tornarem amplamente abertos com o giro das proteções solares. Conceitual e paisagisticamente, esses prédios emolduram espacialmente o centro e reforçam a visual do marco, como dialogam dentro do projeto com o memorial, estabelecendo uma polarização de passado e futuro, ou sugerindo novamente a dualidade ditadura-democracia.

O Memorial é o grande enfoque do projeto, pois dele sai a temática primordial. Logo abaixo da praça, seu percurso começa na entrada principal, e se revela por uma longa rampa escura... propositalmente escura, na qual a luz só existe em sua mais tênue e minúscula forma para a caminhada do visitante. A cada patamar, uma porta carcerária se desvela, quase sem querer que se entre, e introduz os espectadores ao martírio cultural daquele espaço e daquela mostra – as galerias são ainda mais escuras e pintadas de preto, com as obras de arte, documentos e fotos expostos com a pouca luminosidade necessária para sua legibilidade. Na medida em que os visitantes são guiados para frente, maior o pé-direito e talvez a sensação de que se está chegando ao abismo, que logo se anuncia como alívio – as últimas galerias já não são mais pintadas de preto, a luminosidade é mais forte, as temáticas das mostras direcionam-se mais ao fim dos períodos ditatoriais e os espectadores tem total controle espacial, pois sem penumbra, tudo se torna ameno. O memorial, espaço destinado a revelar as crueldades, mentiras e avanços dos períodos autocráticos do século XX no Brasil, se faz

como um grande labirinto, o qual a imagem é a literal tradução do espaço e todos ficam absortos no desconhecido.

Este percurso do memorial acaba no cume da visuais externas, o marco. Esta torre é o final do circuito projetado para o museu, na qual o visitante ao chegar se depara com um espaço aparentemente simples e pequeno, dotado por uma enorme porta maciça de aço. Isso poderia não ter nada demais, mas acontece, ao se estar lá dentro, de ver um notável pé-direito de seis andares, um fogo misterioso que somente se revela em clarão em seu ponto mais alto e uma estranha sensação de se poder ficar preso ali. O marco, torre ou pira, é fundamental para o projeto, por que, de várias formas, é o que fecha a proposta, criando focos e diferentes percepções visuais, pois a partir dele todos podem sair do plano do chão e olharem finalmente para o céu.

Por fim, a moldura verde, ou jardim das falácias, é o entorno criado no terreno que ressalta tudo o que se desenvolve ali dentro. Mais do que um simples ajardinamento, essas árvores são esculturas postas para se refletir – paus-ferro com seus troncos descamados de branco e cinza, dizendo que há a possibilidade de não se estar tratando do real.

Visto isso, este projeto, de forma geral, conversou com a cidade e com seu entorno imediato. Suas testadas secundárias foram camufladas por árvores de grande porte e sua frente, voltada para a W5, não criou pontos de poluição visual, tendo grande abertura no plano do piso e fachadas cegas que criam pontos de interrogação

sobre o real propósito daquele lote. As edificações têm uma linguagem comum da cidade, com um desenho pouco rebuscado, suas alturas respeitaram as edificações circundantes e o horizonte proposto por Lúcio Costa, como os exagerados quadrados rubros deixaram-se propagar somente ao entrar, não criando conflitos fora dali.

Assim, Centro Cultural 25 de Dezembro se traduz: um projeto de busca por um entendimento ambicioso e holístico do assunto ditadura, transgredindo e avançando, para a pluralidade que é a democracia.

Tratando de forma lúdica e manicomial, espera-se que o visitante percorra os espaços criados com curiosidade, sempre com mudanças de humor e visão a cada novo passo. Seu desenho foi feito para mostrar variações, contrastes e discussões e assim se estabeleceu como um grande espaço democrático, na qual o sol e o céu dão as respostas, por que o que há em frente é o puro clichê do esgotamento.

A exacerbada imersão.

O deslocamento do ar.

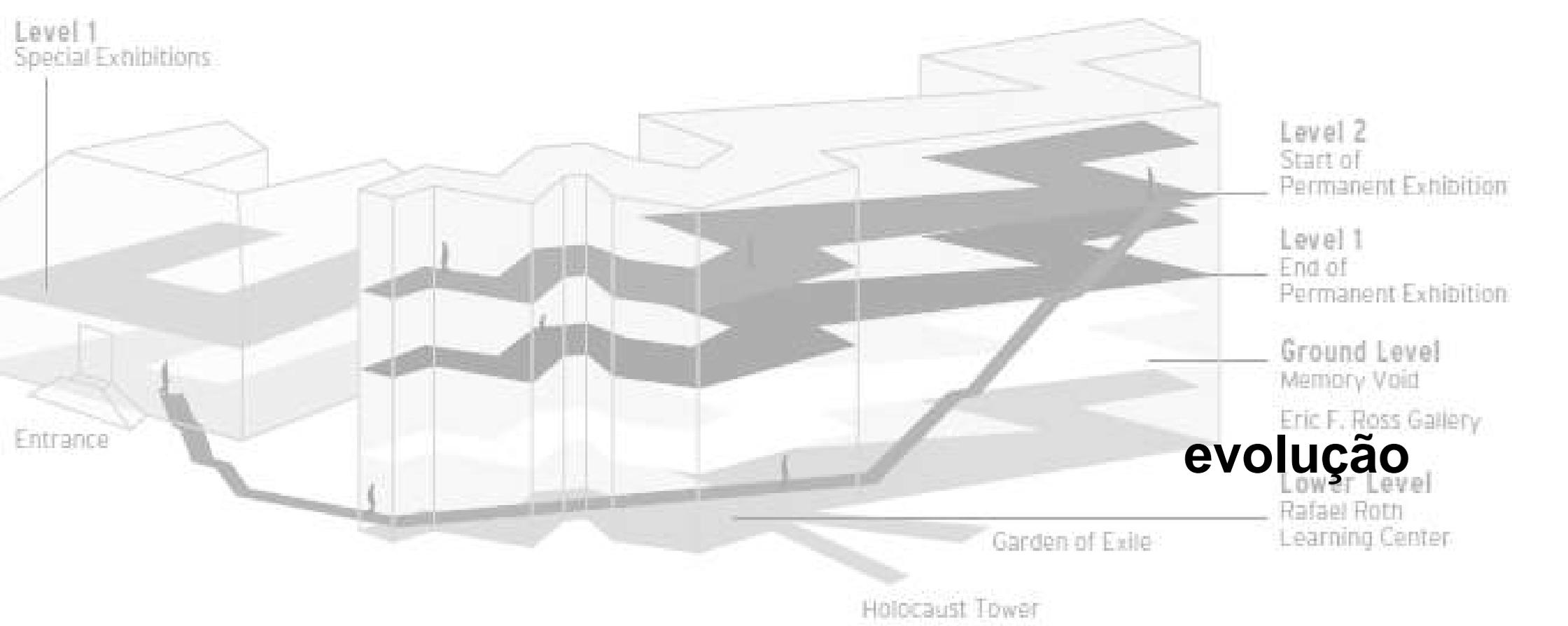
O deslocamento da mente.

A exacerbada saída.

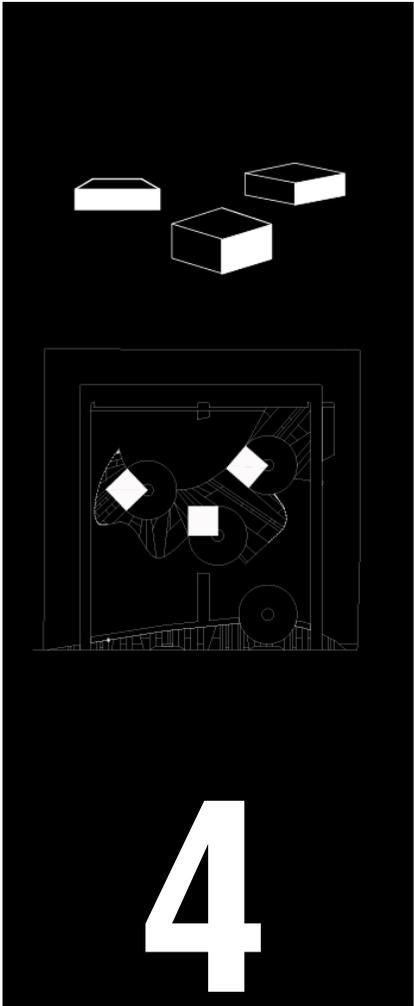
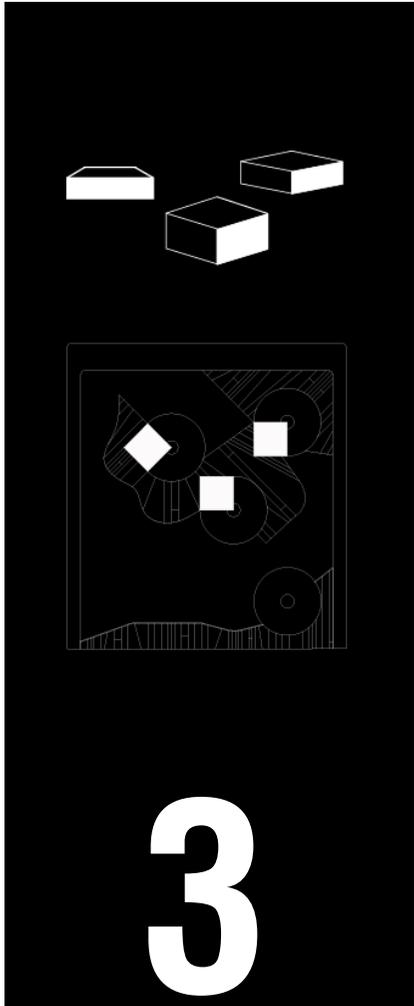
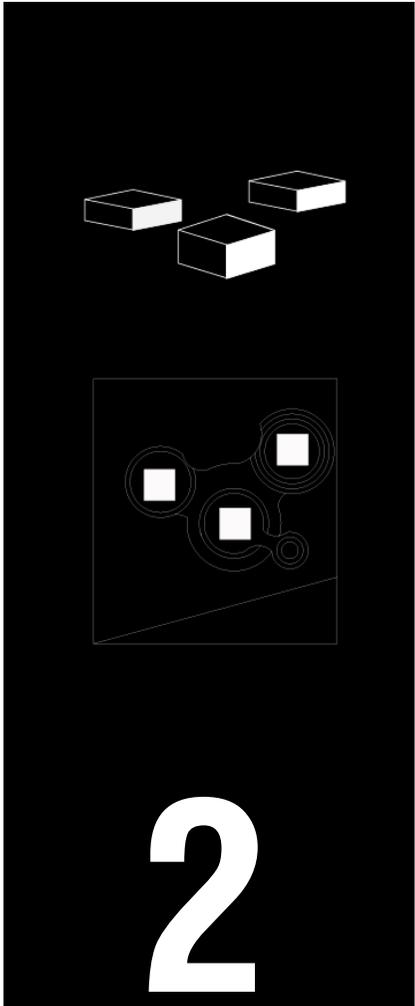
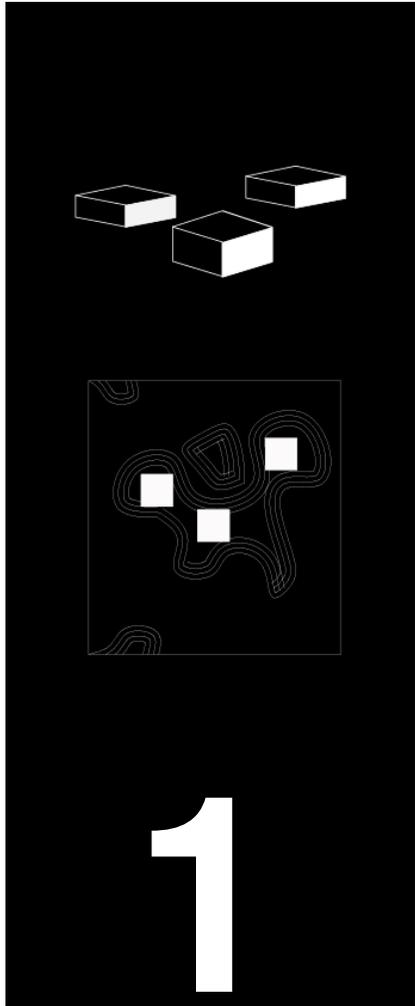
O que será que tem dentro daquele mar?

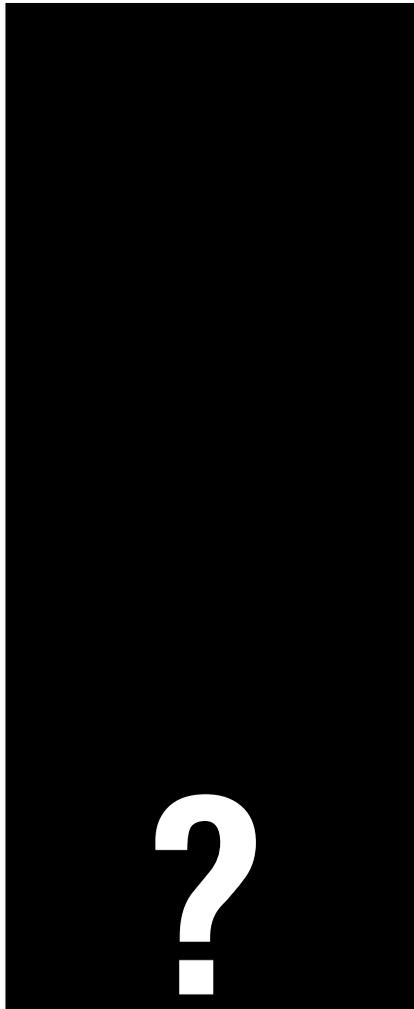
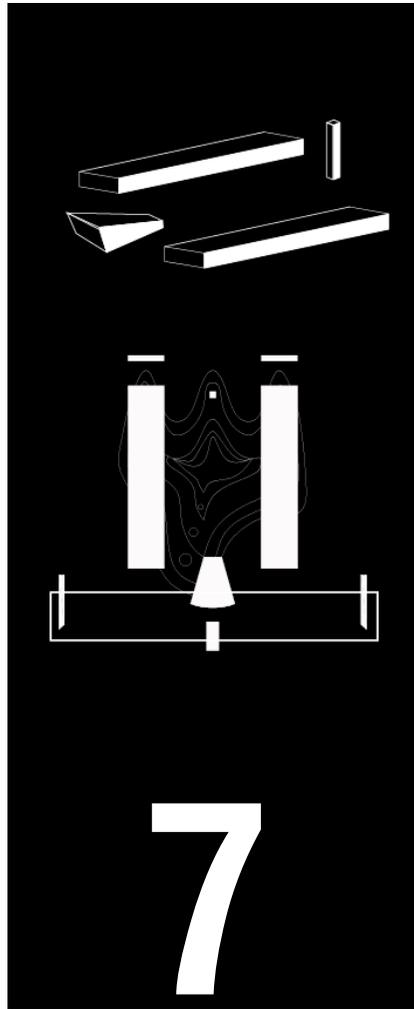
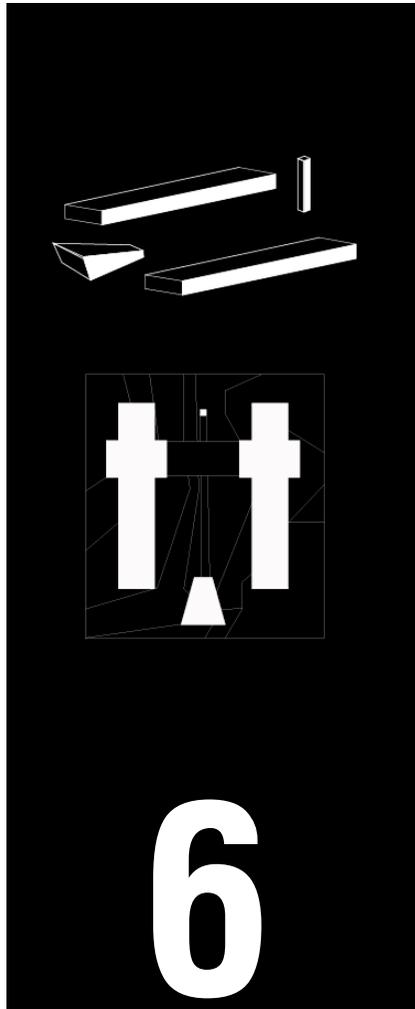
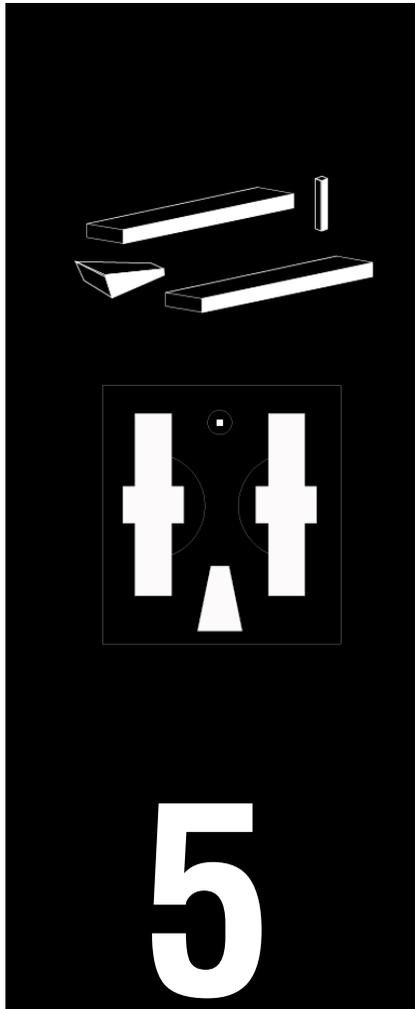
Old Building

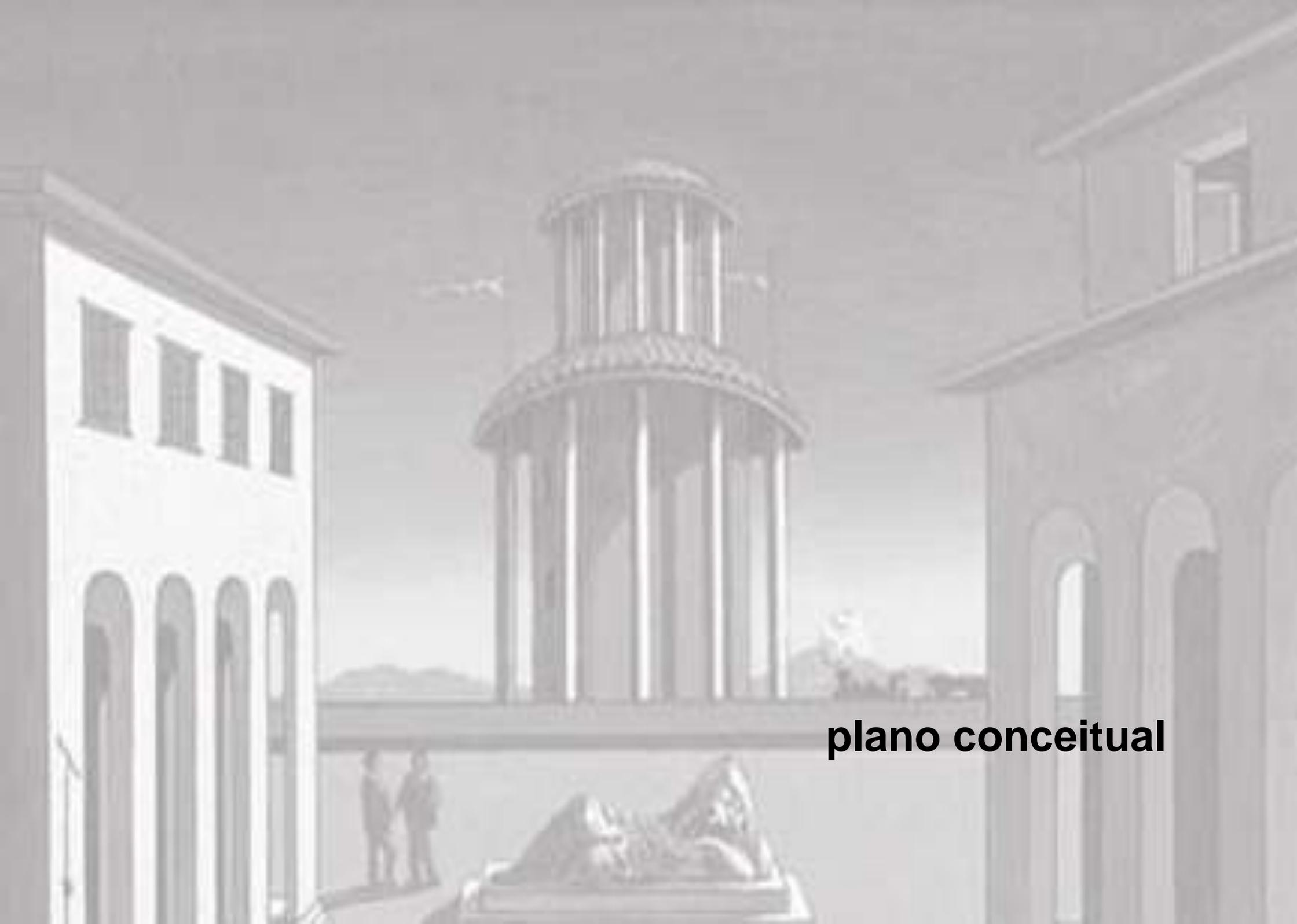
New Building



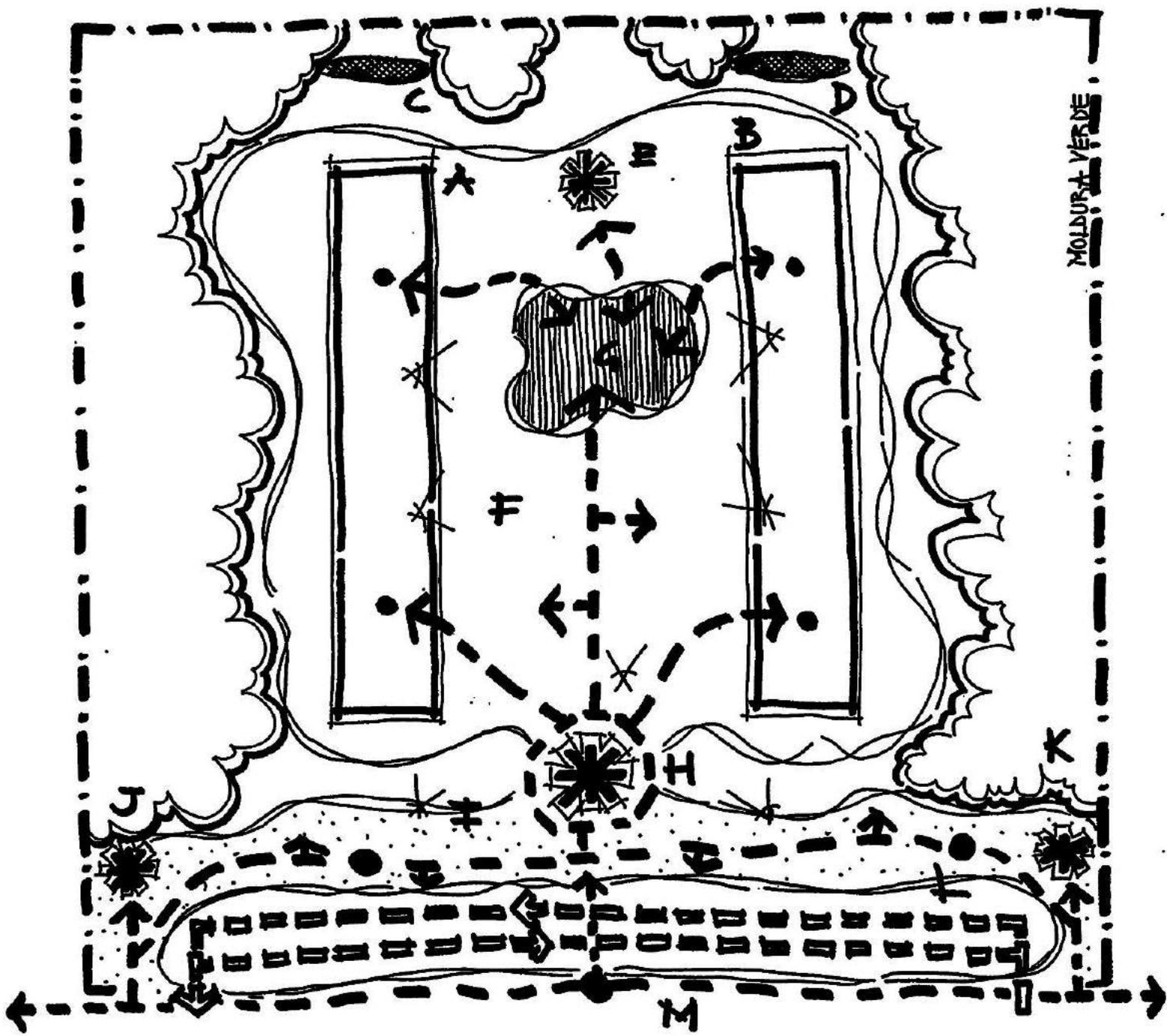
evolução







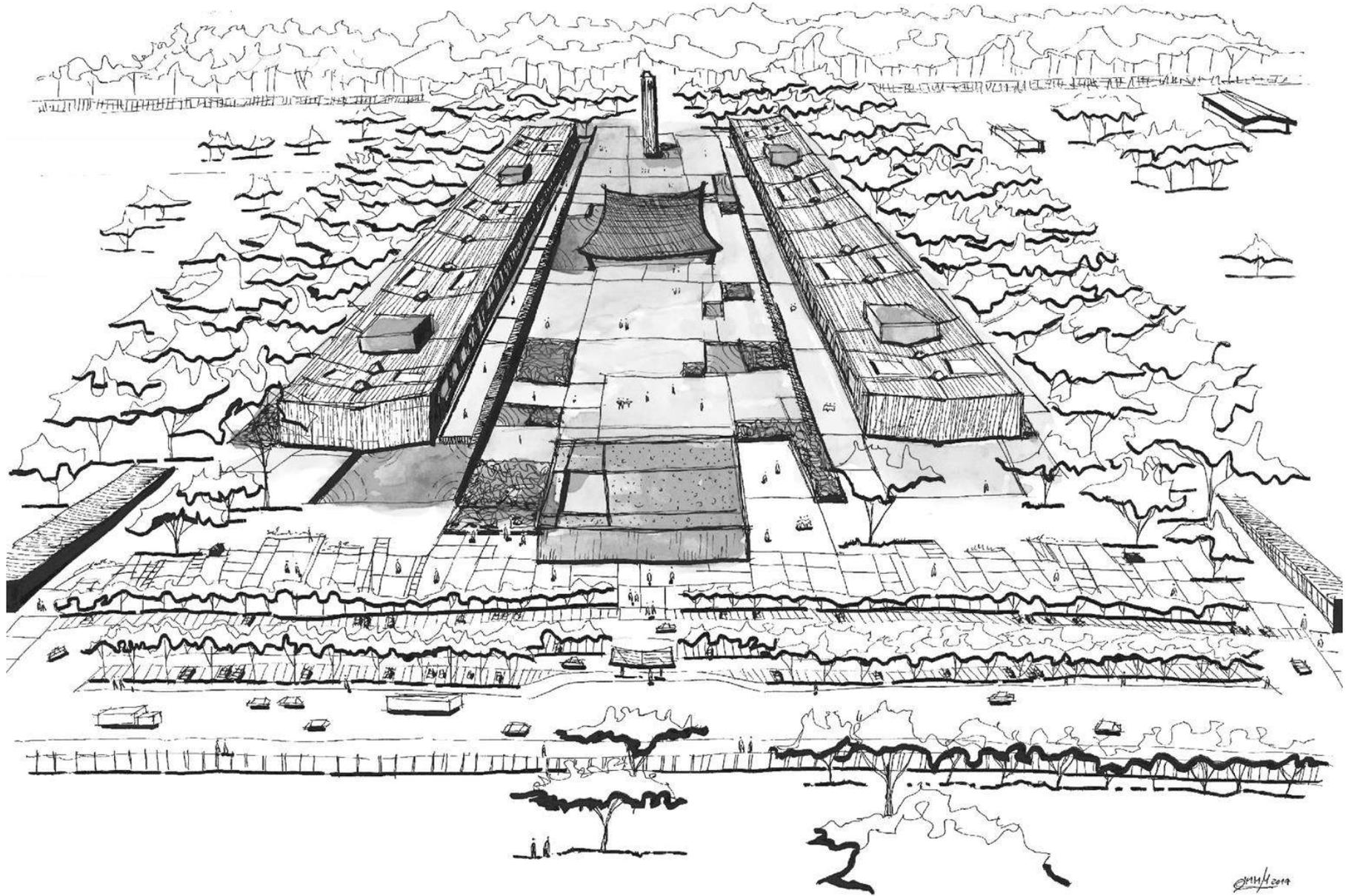
plano conceitual



N
A



vista geral





bibliografia

Sobre a história dos museus, da arte e arquitetura:

GOMBRICH, E. H.. *The Story of Art*. Londres/Nova Iorque: Editora Phaidon Press Inc., 2008.

LEWIS, Geoffrey D.. *The history of museums* [Internet]. Reino Unido: Encyclopaedia Britannica Inc., sem data - [citado em abril de 2014]. Disponível em: http://www.muuseum.ee/uploads/files/g._lewis_the_history_of_museums.pdf

NUTTGENS, Patrick. *Story of Architecture*. Londres/Nova Iorque: Editora Phaidon Press Inc., 2004.

Sobre o período Vargas:

MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2004.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Record, 2006.

_____. *Memórias do Cárcere: Volume 1*. São Paulo-SP: Editora Círculo do livro, 1981.

_____. *Memórias do Cárcere: Volume 2*. São Paulo-SP: Editora Círculo do livro, 1981.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra, 1979.

Vários Autores. *História de Getúlio Vargas* [Internet]. Brasil: FGV, sem data - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://portal.fgv.br/>

Sobre o período da ditadura militar:

BENJAMIN, Cid. *Gracias a la vida*. Rio de Janeiro-RJ: Editora José Olympio, 2013.

COUTO, Ronaldo Costa. *História Indiscreta da ditadura e da abertura*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Record, 1998.

FORTES, Luiz Roberto Salinas. *Retrato Calado*. São Paulo-SP: Editora Cosac Naify, 2012.

GABEIRA, Fernando. *Que isso, companheiro?* São Paulo-SP: Companhia de Bolso, 2009.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura encurralada*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura envergonhada*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A ditadura escancarada*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2002.

O ESTADO DE SÃO PAULO – Domingo, 8 de março, Caderno H. São Paulo-SP: março de 2014.

REVISTA DA CULTURA - Edição 80. São Paulo-SP: Livraria Cultura, março de 2014.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra, 1979.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Nova Fronteira, 1988.

Sobre museus em sua especificidade e estudos de caso:

Anexo II, Plano Museológico do Museu do Tribunal Superior Eleitoral [Internet]: Tribunal Superior Eleitoral; 2011 - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-plano-museologico>

BARJA, Wagner (org.). *Gestão museológica: questões teóricas e práticas*. Brasília-DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

FERNANDES, Gica. *Museu da Memória, Estúdio América* [Internet]. Brasil: Arquidaily, 2011 - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-715/museu-da-memoria-slash-estudio-america>

JÜDISCHS MUSEUM BERLIN. *Site Oficial* [Internet], sem data - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.jmberlin.de/>

Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009

MELENDES, Adilson. *Estúdio América: Museu em Santiago* [Internet]. Brasil: Arcoweb, 2010 - [citado em abril de 2014]. Disponível em:

<http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/estudio-america-museu-santiago-09-06-2010>

MUSEU DELA MEMORIA. *Site Oficial* [Internet], sem data - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.museodelamemoria.cl/>

Plano Museológico do Museu Afro Brasil [Internet]: Museu Afro Brasil; 2011 - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/Institucional/plano-museologico.pdf?sfvrsn=0>

Plano Museológico do Museu do Imigrante de São Paulo [Internet]: EXPOMUS; 2010 - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Plano-Museologico.pdf>

Portaria normativa nº 1, de 5 de julho de 2006 (dou de 11/07/2006) – IPHAN

SCARMACK, Emma e.. *Between the Lines* [Internet]. Hungria: BME Filozófia és Tudománytörténet Tanszék, sem data - [citado em abril de 2014]. Disponível em: <http://www.filozofia.bme.hu/materials/kerekgyarto/Esztetika/korabbiak/esztetika12/hf3/LibesJewish.pdf>

Sobre o sítio:

Normas de Gabarito de Brasília:

NGB01-86

Brasília Revisitada:

1985/87, Anexo I do Decreto nº 10.829/1987 - GDF e da Portaria nº 314/1992 - Iphan.

Código de Edificações de Brasília:

Lei nº 2.105/98 08, de outubro de 1998 e suas alterações

Decreto nº 19.915/98, 17 de dezembro de 1998 e suas alterações

Relatório do Plano Piloto de Brasília:

COSTA, Lúcio. *Arquitetura*. Rio de Janeiro-RJ: Editora José Olympio, 2003.

Base de Mapas:

SICAD-DF - <http://www.sedhab.df.gov.br/>

Google Maps: <https://www.google.com.br/maps>

Dicionários:

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo-SP: Editora Melhoramentos, 1998.

